

UNIVERSIDADE DE SANTO AMARO
Curso de Comunicação Social

Pablo Serafim

ANÁLISE DAS REPORTAGENS ALVO DO PROGRAMA
FANTÁSTICO

São Paulo
2016

Pablo Serafim

**ANÁLISE DAS REPORTAGENS ALVO DO PROGRAMA
FANTÁSTICO**

Projeto de Pesquisa para Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social. Orientador: Prof. Ms. Maurício Soares Capela

São Paulo

2016

SERAFIM, PABLO

Análise das Reportagens-Alvo do Programa Fantástico / PABLO
SERAFIM. -- São Paulo, 2017

113 f.

TCC Graduação (Comunicação Social) - Universidade de Santo
Amaro, 2017

Orientador(a): Mauricio Capela,
Coorientador(a): Flávia Delgado

1.Programa Fantástico. 2.Reportagens. 3.Revista eletrônica.
4.Publico Alvo. 5.Jornalismo na TV . I. Capela, Mauricio, orient. II.
Delgado, Flávia, coorient. III.Universidade de Santo Amaro IV.Titulo

**Ficha catalográfica gerada automaticamente pelo
Sistema de Bibliotecas da Universidade de Santo Amaro - UNISA**

Pablo Serafim

**ANÁLISE DAS REPORTAGENS ALVO DO PROGRAMA
FANTÁSTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Comunicação de Jornalismo da Universidade de Santo Amaro – UNISA, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Comunicação Social. Orientadora: Prof. Ms. Maurício Soares Capela

São Paulo, ____ de _____ de 2017

Banca Examinadora

Prof. Ms. Maurício Soares Capela

Prof. Ms. Flávia Daniela Delgado

Prof. Eduardo Olímpio

Conceito Final

Dedico esta monografia à minha esposa, Josane Reis Santana, e ao meu filho, Bryan Reis Serafim, que foram minha inspiração para continuar lutando até o fim, apesar do sacrifício que passamos juntos para o término dessa pesquisa. Amo minha família e o meu Deus, que me fortaleceu com sua Palavra e amor no decorrer da caminhada.

AGRADECIMENTOS

Ao meu senhor Jesus Cristo, acima de tudo e de todos, pela paciência e força que me deste, para continuar escalando degrau por degrau dessa grande escada chamada “Vida Acadêmica”.

Não poderia esquecer-me de amigos e professores que foram de suma importância para que esse projeto fosse realizado: Flávia Delgado, por ter infinita paciência comigo, mesmo sabendo de todas as minhas dificuldades; Patrícia Garcia, que de forma tão singela, ensinou-me cada etapa de evolução da mídia; Renato Negrão, sempre disposto a ensinar e encorajar seus alunos e, principalmente, o mestre Maurício Soares Capela, um professor de potencial inigualável, um amigo, um pai, dono de uma carreira jornalística que condiz com o tamanho de seu profissionalismo, uma pessoa que me ensinou o que é uma “Monografia”, um mestre inesquecível que será sempre lembrado por mim e por quem ler essa pesquisa. Obrigado professor Maurício Soares Capela.

Não posso esquecer da promessa que fiz ao amigo Claudimerison Lopez Cavalcanti, uma pessoa maravilhosa, um homem de caráter, um incentivador nato. Obrigado, meu amigo, por tudo que fez por mim, sei que suas palavras e conselhos foram de suma importância para o término desse projeto.

E, por fim, uma amiga prestativa e esforçada, Ulima Stedten, que por várias vezes se fez presente quando eu pensava em desistir, uma pessoa de coração sem igual, uma amiga idônea e profissional.

“visto que nenhum de nós é alguém completo, independente, autossuficiente, supercapaz e todopoderoso, vamos deixar de agir como se o fôramos. A vida já é solitária o bastante sem termos de brincar com esse papel tolo, as pessoas precisam umas das outras, a presença de pessoas é essencial, pessoas que cuidam, pessoas que ajudam, [...]”. (LUZ, 2001, p.263).

RESUMO

Esta monografia consiste na análise das reportagens-alvo que o programa Fantástico exhibe em sua programação, em que se analisa quais critérios o Fantástico adota para as escolhas de suas reportagens. Para a elaboração dessa análise, foram feitas decupagens de três reportagens divulgadas no programa, respeitando a linha do tempo de três em três anos, que o Fantástico exhibe no site Memória Globo. O objetivo desse trabalho é analisar o porquê do programa Fantástico escolher tais reportagens que serão exibidas em sua grade de programação, a fim de que o leitor possa compreender quais quesitos são utilizados para a escolha das mesmas, conforme a repercussão gerada em seu telespectador, por meio das reportagens divulgadas. Para chegar ao objetivo, esse trabalho inicia com a contextualização do programa, bem como a data de sua primeira exibição na televisão brasileira. Em seguida, é feita uma retrospectiva sobre a comunicação social, até os dias atuais, dado que abrange também o jornalismo e o jornalismo na televisão brasileira, em que o leitor observará esse gênero de programa “Revista Eletrônica”, no qual o Fantástico está incluso, segundo autor Aronchi (2015). Por obter uma completa bibliografia, alguns autores utilizados nesse trabalho são: Dejavitte (2006), Pena (2016), Bardin (1994), Bordieau (1997), Adorno e Rokheimer (1985), Lage (2004), Martino (2014), Flossi (2012), Sodré (1990), Barbeiro (2002), Neto (2008), Foucault (1986), Bahia (2009), Flusser (1985), entre outros. As reportagens analisadas estão inseridas na monografia, bem como entrevistas realizadas com professores especialistas na área de comunicação, Roseli Fígaro, e profissionais da área como o editor do programa “Domingo Espetacular”, da Rede Record de televisão, Anael de Souza.

Palavras-Chave: Revista Eletrônica. Fantástico. Reportagens. Jornalismo na TV e Público-alvo.

ABSTRACT

This paper consists of the analysis of target reports aired by the television show Fantastico, where the adopted criteria for subject choice is analysed. To execute this analysis, three reports that were aired in the show were broken down into shooting scripts, respecting the timeline of every three years which Fantastico displays in the website Memória Globo. The objective of this paper is to analyse why the show Fantástico chooses such reports that will be aired in its exhibition grid, so that the reader can understand which criteria Fantastico uses to choose them, according to the repercussion caused in the viewer, by means of the reports aired. To reach this objective, this paper starts with the contextualization of the program, as well as the date of its first exhibition in Brazilian television, followed by a retrospective of social communications since its beginning until the present day, where the reader will notice this show genre "Electronic Magazine", in which Fantastico is classified according to Aronchi (2015). For a complete bibliography, some authors used in this work are: Dejavite (2006), Pena (2016), Bardin (1994), Bordieau (1997), Adorno e Rokheimer (1985), Lage (2004), Martino (2014), Flossi (2012), Sodre (1990), Barbeiro (2002), Neto (2008), Foucault (1986), Bahia (2009), Flusser (1985), among others. The reports that were analysed are inserted in the paper, as well as interviews held with specialist teachers in the area of communication, Roseli Fígaro, and professionals of the area such as the editor of the show "Domingo Espetacular" from Rede Record television network, Anael de Souza.

Keywords: Electronic magazine. Fantástico. Reports. TV Journalism and target audience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem de um fascículo do jornal Gazeta do Rio de Janeiro.....	37
Figura 2 - Imagem de um fascículo do Correio Braziliense.....	39
Figura 3 - Foto de Sérgio Shapelin e Cid Moreira.....	66
Figura 4 - Apresentadores do programa Fantástico do ano de 1988 Sérgio Chapelin, Valéria Monteiro e Willian Bonner.....	69
Figura 5 - Apresentadores do programa Fantástico do ano de 1993 Sérgio Freitas, Sandra Annemberg e Fátima Bernardes.....	69
Figura 6 - Apresentadores do Fantástico no ano de 1996 Glória Maria e Pedro Bial.....	70
Figura 7 - Apresentador do Fantástico no ano de 1996 Cid Moreira.....	71
Figura 8 - Apresentador do Fantástico no ano de 1996 Zeca Camargo.....	71
Figura 9 - Apresentadora do Fantástico do ano de 1998 Renata Ceribelli.....	72
Figura 10 - Apresentadora do Fantástico do ano de 2008 Patrícia Poeta.....	72
Figura 11 - Apresentadores do Fantástico do ano de 2013 Renata Vasconcellos e Tadeu Schmidt.....	73
Figura 12 - Apresentadores atuais do Fantástico desde ano 2014 Tadeu Schmidt e Poliana A Britta.....	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO I	21
COMUNICAÇÃO SOCIAL	21
1.1 O que é Jornalismo.....	27
1.2 Notícias e Reportagens como Ferramenta Social.....	31
1.3 Jornalismo na Era Moderna: do Impresso ao Digital	34
CAPÍTULO II	45
JORNALISMO NA TV	45
2.1 O Jornalismo na Televisão Brasileira e Conceito de Notícias.....	47
2.2 Jornalismo Literário.....	54
CAPÍTULO III	59
A HISTÓRIA DO FANTÁSTICO, O “SHOW DA VIDA”	59
3.1 Análise das Reportagens do Fantástico.....	74
CONCLUSÃO	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS	94
ANEXOS	98

INTRODUÇÃO

O Programa Fantástico, no entendimento do pesquisador Aronchi (2014) é considerado uma “Revista Eletrônica”. O programa vai ao ar aos domingos à noite e apresenta aos telespectadores reportagens de diversos temas, proporcionando uma programação diferenciada.

Segundo dados do IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião), de 2008, o programa é considerado com alta audiência, pois o mesmo diz que: “durante 37 anos a revista eletrônica Fantástico foi a mais assistida pelos telespectadores brasileiros, nas noites de domingo”. Estudiosos renomados da área da comunicação, a exemplo de Canclini e Aronchi, concordam que o programa é híbrido por possuir muitos formatos na sua estrutura. Em sua obra “Culturas Híbridas”, Canclini afirma que “esse conceito começou a ser usado nos anos 90 no campo sociológico”, e Martino (2009) afirma:

Gênero híbrido apresentando informação na linguagem do entretenimento. Ou intercalando os dois gêneros praticamente sem linha divisória [...]. Ao alternar gêneros diferentes em um mesmo momento, a sucessão rápida de imagens e narrativas, reais e ficcionais, reforça a quebra de ambientes específicos entre um e outro: a fronteira do real e do imaginário se dilui no infotainment. (MARTINO, 2009, p.155-156).

O Fantástico mescla jornalismo e entretenimento, sendo conceituado como um programa de infotainment, em que jornalismo e entretenimento se encontram. Esta é a reflexão que a pesquisadora Dejavite (2006) faz. Em suas palavras:

o jornalismo de infotainment é o espaço destinado às matérias que visam informar e divertir como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano – os quais atraem, sim, o público, esse termo sintetiza, de maneira clara e objetiva, a intenção editorial do papel de entreter no jornalismo, pois segue seus princípios básicos ao mesmo tempo em que atende às necessidades de informação do receptor dos dias de hoje. (DEJAVITE, 2009, p.72)

Também conhecido como “Show da Vida”, o Fantástico possui várias editorias que abrangem temas como: mundo, saúde, ciências, famosos, cultura, tecnologia, política, esporte e economia.

Um dos objetivos desse trabalho é possibilitar uma melhor compreensão do Fantástico, entender como são escolhidas as reportagens-alvos e suas respectivas exigências.

O Fantástico é um programa da Rede Globo que estreou em 1978 e se mantém no ar há mais de 30 anos. O programa, segundo o site Memória Globo, conquistou uma grande admiração de seus telespectadores:

o Fantástico era um programa diferente se comparado com os programas da época, o show da vida - título atribuído pela emissora despertava curiosidade e interesse do público brasileiro que estava até então acostumado a programas como Repórter Esso e programa do Silvio Santos. (PORTAL MEMORIA GLOBO).

Autor do livro “Gêneros e Formato da Televisão Brasileira”, José Carlos Aronchi defende a ideia de que o Fantástico é um programa que serve de padrão para o gênero Revista Eletrônica. Aronchi (2015) afirma que “a ideia deu tanto resultado para a emissora que está no ar há mais de 30 anos”.

O Fantástico possui reportagens, quadros de mágica, videoclipes, humor, teledramaturgia, esportes, perguntas interativas, entre outros temas que são distribuídos em duas horas de exibição: “o Fantástico possui inegável sucesso, que faz uma audiência de todos os níveis sociais ligar a TV no domingo à noite. Oferece entretenimento e informação em doses bem equilibradas, com grandes reportagens e noticiários”. (ARONCHI, 2015, p.107)

A análise que será feita nesse trabalho objetiva estudar especificamente os quesitos que o Fantástico adota para a escolha de suas reportagens-alvo. Para isso, buscamos dissecar as principais reportagens dos programas entre 1978 e 2016. De antemão, por meio dessa análise, tem sido possível perceber o critério de diversificação nas editorias. A decupagem foi feita de três em três anos, e respeita a linha do tempo que o programa exhibe no site Memória Globo, da TV Globo¹. Nesse portal, estão divulgadas as reportagens que foram destaques durante os 40 anos de programação. Observa-se, também, que as reportagens elucidadas no site da TV Globo foram as que mais obtiveram audiência na época, motivo pelo qual elas foram inseridas como destaque de reportagem no portal Global.

O diretor da rede Globo, José Bonifácio Sobrinho, mais conhecido como “Boni”, afirma no site “Memória Globo” que “a área de pesquisa científica da emissora

¹ Disponível em: <[www.http://memoriaglobo.globo.com/](http://memoriaglobo.globo.com/)>. Acesso em: 20 mar.2017.

buscava técnicas e reportagens e produtos que pudessem melhorar a vida humana”. Boni defende também em seu livro, “O livro do Boni”, que “busca-se matéria sobre a vitória do ser humano sobre determinado problema e que se procura em todas as tevês do mundo fatos curiosos ou comemorações que tivessem algum sentido jornalístico” (SOBRINHO, 2011, p.88)

Mediante as citações acima de que a área de pesquisa do Fantástico procura manter um elo entre público e reportagem, o autor Sá Martino ressalta em seu livro “Teoria da Comunicação”, que “a mídia é o canal por onde o conhecimento e as informações circulam pela sociedade. A integração entre diversas instituições sociais acontece a partir do fato de informações gerado e distribuídos pelos meios de comunicação”. (MARTINO, 2014, p.28)

O autor salienta que a mídia tem esse poder de unir o interesse do público à divulgação de uma reportagem, e dar ao público o poder de estrar informado e aquém dos assuntos atuais.

Uma reportagem aborda um assunto em visão jornalística, a partir de fatos geradores de interesse, encarados de certa perspectiva editorial. Lage (2014) defende a ideia que uma reportagem “não se trata apenas de acompanhar o desdobramento de um evento, mas de explorar suas implicações, levantar antecedentes, em suma, investigar e interpretar”.

Para compreendermos melhor sobre reportagens e como são elaboradas, observemos o lugar de onde elas originam e se existiriam se não fosse por meio do jornalismo. Segundo o autor do livro “O que é Jornalismo”, Clovis Rossi:

jornalismo, independentemente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. (ROSSI, 1980, p.7)

ROSSI (1995) defende a ideia que o jornalismo busca atrair o interesse dos espectadores, seja pelas notícias impressas ou divulgadas por qualquer outro meio, e utiliza-se até de imagens para atrair a atenção do público. No livro “Filosofia da Caixa Preta” de Vilén Flusser, o autor discute que “o caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens, imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas”. Flusser nos remete à ideia que ao observar uma imagem divulgada, compreende-se também sua mensagem. Já Laje

(2014) diz que “a essência do jornalismo é a partir da observação da realidade, esteja ou não conforme alguma teoria”. O autor pressupõe que o jornalismo tende a observar a realidade dos acontecimentos que serão divulgados pelas reportagens.

Na obra “A história do Jornalismo no Brasil”, de Richard Romancini e Cláudia Lago, elucida-se as origens do jornalismo no Brasil, “a Gazeta é entendida como o primeiro exemplar do jornalismo áulico brasileiro, ou seja, um jornalismo próximo do poder da corte- e, em sentido mais pejorativo, bajulador e subserviente”. (ROMANCINI, LAGO, 2007, p.23).

De acordo com Romancini e Lago (2014), se observa que o interesse pela divulgação das notícias já existia desde os antigos jornais, como por exemplo, a “gazeta”. Os jornalistas seguiam um padrão para atrair seus enunciatários, para que os mesmos aderissem à ideia das reportagens que eram divulgadas. O termo “áulico” citado acima refere-se ao poder que a corte detinha sobre as notícias, ou seja, as informações que eram divulgadas passavam antes pelas mãos dos reis e nobres e somente eles davam o aval sobre o que seria oferecido à sociedade. Outro fato importante do jornalismo no país segundo os autores é que:

também importante para o jornalismo no período são a introdução do telégrafo (1852), o uso de cabos submarinos para transmissão de mensagens telegráficas (1874) e o desenvolvimento do sistema de correios (na segunda metade do século XIX). (ROMANCINI; LAGO, 2007, p..53)

O jornalismo sofreu gradativamente pela divulgação das mensagens por outros meios como, por exemplo, os correios e mensagens telegráficas. Os autores relatam também sobre as mudanças que o jornalismo sofreu no decorrer do tempo:

a mudança que vai se processando gradualmente: aquela que implica numa valorização da reportagem, do caráter informativo da imprensa, em detrimento dos gêneros opinativos [...], de modo que a informação começará a moldar o jornalismo a partir das primeiras décadas do século XX até hoje. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.68)

A reportagem começou a ter uma valorização significativa. Estudiosos como Pierre Albert e Fernand Terrou defendem a ideia que houve a substituição do jornalismo de crônica pelo jornalismo de reportagem:

o jornalismo de reportagem substituiu o jornalismo de crônica [...], o gosto do grande público e as pressões da concorrência entre títulos levaram à exploração do sensacionalismo através de campanhas de imprensa, cujos pretextos se encontravam quase sempre na política. (ALBERT; TERROU, 1990, p.54)

Observa-se que houve ascensão do jornalismo de reportagem com o surgimento do sensacionalismo. Este processo de transição almejava que os receptores aderissem a ela. Segundo Flossi (2015), para uma reportagem se encaixar no jornalismo é necessário que seja “sempre ilustrada com fotografias, desenhos ou gráficos, a grande reportagem exige diagramação competente e deve conter atrativos como mistério, suspense, calor humano e outros elementos que só um texto criativo será capaz de explorar”. (FLOSSI, 2012, p.11).

O professor da UNITAU (Universidade de Taubaté), Robson Bastos da Silva, diz em seu artigo “As Teorias do Jornalismo na Imprensa brasileira”, que: “os valores da notícia são definidos pelo que é de interesse do público e o aspecto dramático é um dos elementos que influenciam na publicação de determinada notícia”. Compreende-se que o jornalismo está alicerçado no que seus enunciatários querem ver.

Devido à ascensão das agências de notícia, o jornalismo passa a ser tratado como produto de interesse empresarial, ao ser implantado nas televisões dos telespectadores. Romancini e Lago (2014) dizem que “a atividade da imprensa torna-se empreendimento empresarial em sentido pleno, exigindo uma organização capitalista”.

Já com a modernização do jornalismo na TV, surge também o interesse de uma visão capitalista no âmbito jornalístico, relata-se também que o jornalismo no Brasil foi influenciado pelo modelo norte-americano como conceitua Silva (1991): “o jornalismo no Brasil sofreu influência da ideologia jornalística norte-americana a partir da segunda guerra, substituindo modelos europeus”.

A partir do momento em que o jornalismo passa a ser visto em caráter empresarial e influenciado pelo norte-americano, houve uma drástica mudança na reportagem, que passa a ser divulgada pelos interesses das mídias que detinham poder do jornalismo: “a tendência de mudança do jornalismo brasileiro da Primeira República (1889-1930) é gradual, os grandes veículos eram ainda do tempo do Império e a consolidação empresarial dos mesmos só se daria depois de algumas décadas do novo regime”. (ROMANCINI; LAGO, 2011, p.76)

Através dessa migração, do jornalismo para a mídia, o estudioso Sodré (1999) defende a ideia de que as reportagens passam a ser tendenciosas, e que se perdeu a visão de um jornalismo mais sério, dando lugar ao sensacionalismo:

alterações serão introduzidas lentamente, mas acentua-se sempre: a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a reportagem, a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político [...]. (SODRE, 1999, p.296)

O jornalismo passou por um processo de mudança, e pouco a pouco a reportagem e a entrevista foram ocupando seu espaço no jornalismo da TV. Essa mudança na forma de divulgação das notícias trouxeram a ascensão da reportagem, pois essa era a tendência que estava aderindo-se na época. Segundo Bourdieu (1997), o jornalismo sofre a pressão comercial, ou seja, um jornalismo de interesses empresariais e empreendedor. Bourdieu (1997) diz que: “o universo do Jornalismo é um campo, mas que está sob a pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência”. Conforme o autor, o jornalismo além de sofrer uma pressão de âmbito empresarial, em que o interesse passa a ser as vendas de notícias, também se percebe maior poder de reflexão da audiência na divulgação das reportagens. Bourdieu (1997) relata que: “o campo do jornalismo tem uma particularidade: é muito mais dependente das forças externas que todos os outros campos de produção cultural”. O autor nos leva à compreensão de que as forças externas, ou seja, empresários, interesse público, telespectadores e governo que ditam as notícias, reportagens e entrevistas serão divulgadas. Outro ponto de vista de Bourdieu (1997) é que “as escolhas que são produzidas na televisão são de alguma maneira escolhas sem sujeito”, e salienta que os produtores do jornalismo na televisão são quase neutros nesse âmbito, pois devem respeitar o poder aquisitivo de quem dita as regras do que será noticiado e dito na TV.

No entanto, jornalismo possui a função de informar seus leitores:

se existe um fenômeno humano e social que dependa principalmente da linguagem, é o da informação, a informação é, numa definição empírica mínima, a transmissão de um saber, com ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que possui alguém que se presume não possuí-lo, assim se produziria um ato de transmissão que faria com que o indivíduo passasse de um estado de ignorância a um estado de saber. (CHARAUDEAU, 2012, p.33)

A informação que se transmite através de algum meio de comunicação, quer seja um jornal impresso ou até mesmo um programa jornalístico de TV, gera no enunciatório a intenção de que o mesmo passa a aderir a ideia que lhe foi transmitida.

De acordo Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, autores de “Dialética do Esclarecimento”, “a superioridade do homem está no saber”. Adorno e Horkheimer enaltecem o ato de receber a informação e absorver o que lhe foi transmitido, o homem passa a ser superior por deter a informação de determinado assunto “o saber que é poder não conhece barreira alguma, nem na escravização da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo”. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.18).

Ao adquirir um saber que está alicerçado à informação, de qualquer meio de comunicação, obtém-se um alto padrão de entendimento de diversos assuntos, por isso os mesmos dizem que “o saber não conhece barreira”. Na mesma linha de raciocínio, Pena (2015) ressalta que “o homem tem medo do desconhecido e luta desesperadamente contra ele”. O homem teme ficar longe do conhecimento, da informação, das notícias, dos acontecimentos, de tudo aquilo que lhe traga uma sensação de invalidez. Pena (2015) diz que: “a natureza do jornalismo está no medo, o medo do desconhecido que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer”. O autor enfatiza o quanto o homem procura saber, conhecer e entender os fatos ao seu redor. Pena acredita que assim o ser humano consiga administrar a vida de forma mais estável e coerente, sentindo-se mais seguro para enfrentar o cotidiano.

Uma das ferramentas que ajuda o homem a permanecer informado com as notícias é a televisão que, segundo Bourdieu (1997), aliançada com o jornalismo traz uma hegemônica mudança no olhar do telespectador, cujas mensagens, reportagens e notícias são assistidas “os efeitos que o desenvolvimento da televisão produz no campo jornalístico e, através dele, em todos os campos de produção cultural, são incomparavelmente mais importantes, em sua intensidade e amplitude”. (BOURDIEU, 1997, p.102)

O autor pondera que com a ascensão da televisão o desenvolvimento do jornalismo cresceu abruptamente e sua amplitude na mídia tem ganhado espaço na vida do público “o reforço da influência de um campo jornalístico, ele próprio cada vez mais sujeito à dominação direta ou indireta da lógica comercial, tende a ameaçar a autonomia dos diferentes campos de produção cultural”. (BOURDIEU, 1997, p.110)

Conforme mencionado nesse trabalho de Conclusão de Curso, o termo “Infotimento” que segundo teóricos como Dejavite (2007), é a junção de informação e entretenimento, e se faz presente também no programa Fantástico. Autora do artigo

“A Notícia Light e o Jornalismo de Infotimento” e doutora da ciência da comunicação na Universidade de São Paulo (USP), Fábila Angélica Dejavite diz que:

desde o final dos últimos anos do século XX tem-se defendido o uso de uma nova denominação para melhor definir o conteúdo de entretenimento no jornalismo. Essa mais recente expressão se constitui do neologismo Infotimento. Tal termo surgido durante a década de 1980, só ganhou força no final dos anos de 1990, quando passou a ser empregado por profissionais e acadêmicos da área comunicacional. (DEJAVITE, 2007).

Essa expressão, segundo Dejavite (2007), é recente na área do jornalismo. E a autora pondera que infotimento é o espaço destinado ao público onde haverá informação e entretenimento, a doutora em comunicação ressalta:

jornalismo de infotimento é o espaço destinado às matérias que visam informar e entreter, como, por exemplo, os assuntos sobre estilo de vida, as fofocas e as notícias de interesse humano – os quais atraem, sim, o público. Esse termo sintetiza, de maneira clara e objetiva, a intenção editorial do papel de entreter no jornalismo, pois segue seus princípios básicos que atende às necessidades de informação do receptor de hoje. Enfim, manifesta aquele conteúdo que informa com diversão. (DEJAVITE, 2007).

Em contrapartida, o autor Flossi (2012) argumenta que para se obter uma grande reportagem em que se espera repercussão garantida, o jornalista que irá elaborar a mesma deve fazer um planejamento de forma assídua e eficaz, ou seja, o profissional deve investigar os fatos, apurar as fontes, ler e reler sua reportagem e ouvir ambos os lados cuja reportagem será transmitida: “assim que se escreve uma grande reportagem: com tempo, sem pressão, aguardando o momento certo para pôr o texto no papel, ela tem de ser pensada e planejada, escrita e reescrita, lida e relida, e isso não se faz de um dia para o outro”. (FLOSSI, 2012, p. 13).

Para Dejavite (2007), o conteúdo do infotimento nos prende à tela da televisão e estimula nossa imaginação, nos fazendo sair do ponto de frustração:

esse tipo de conteúdo satisfaz nossas curiosidades, estimulam nossas aspirações, possibilitam extravasar nossas frustrações e nutrem nossa imaginação, quem nunca parou para assistir a algumas das reportagens realizadas por Glória Maria, apresentadora e repórter do Fantástico, em suas andanças pelo mundo, mostrando lugares, culturas e aventuras inusitadas?. (DEJAVITE, 2007).

Sendo assim, o infotimento se faz presente no Fantástico, mesmo o programa divulgando reportagens de viés jornalístico, uma vez que o programa também leva ao público reportagens de sensacionalismo, que é um tipo de viés

editorial da mídia de massa em que os eventos e temas em notícia são exagerados para se aumentar o número de audiência. A meta é prender o público, que conseqüentemente abarcará uma considerável audiência à emissora.

CAPITULO I

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Por se tratar de um tema complexo e cheio de vertentes entende-se que comunicação social vem a ser o estudo das causas, funcionamentos e consequências da relação entre a sociedade e os meios de comunicação, como por exemplo: rádio, revista, jornal, televisão, teatro, cinema, propaganda e internet. Segundo DeFleur e Rokeach (1993):

na perspectiva da vida humana como o foi em épocas anteriores, contudo, o que fazemos hoje ao abrirmos nosso jornal, ligarmos nosso rádio, irmos ao cinema, ou assistirmos à televisão, representa uma mudança no comportamento da comunicação humana de grandeza verdadeiramente extraordinária. (DEFLEUR, ROKEACH, 1993, p.17)

A comunicação se faz presente no cotidiano do homem, conforme observamos no conceito acima, isso porque ela é uma necessidade intrínseca à natureza humana. No início da civilização, os homens usavam de uma comunicação rudimentar, como gestos e grunhidos, até que foi passando a relacionar os objetos com seu uso, e assim a comunicação ganhou novas dimensões. Nos dias atuais, o homem usa a comunicação para obter todo tipo de benefício, o que perpassa a simples necessidade de se relacionar com o seu semelhante. DeFleur e Rokeach (1993) argumentam que: “mudanças revolucionárias anteriores exerceram influências verdadeiramente poderosas no desenvolvimento do pensamento, comportamento e cultura”. Essas mudanças ocasionaram uma evolução na forma de comunicação do homem:

uma forma bem mais significativa de encarar o desenvolvimento humano é definir uma série de idades em que nossos ancestrais, tanto primitivos como modernos, fizeram avanços sucessivos em sua capacidade de trocar, registrar e difundir informações. (DEFLEUR, ROKEACH, 1993, p.22)

O homem passou a obter capacidades e habilidades para se comunicar com o seu semelhante, usando artefatos como pedras, desenhos em rochas e até mesmo o fogo. Observou-se assim que essa capacidade de escrever era uma forma de se comunicar:

foram exatamente essas capacidades que habilitaram a sucessão de formas hominídeas, surgida durante eras de evolução, a cada vez mais meditar, inventar, acumular e transmitir aos demais soluções

originais para o problema de viver. (DEFLEUR, ROKEACH, 1993, p.22)

Observa-se, então, que o ser humano já usava - ainda que de forma rústica e arcaica - a escrita, de uma forma bem diferente da atualidade, pois os desenhos e figuras feitos nas rochas e cavernas tinham por finalidade a leitura de quem os observava. Um texto tem por finalidade alcançar o leitor que o lê, e essa era a intenção do ser humano ao escrever e desenhar nas pedras. Um texto é, segundo definição do autor Martino (2014):

em uma definição aproximada, texto é qualquer agrupamento de signos que tenha um sentido relativamente completo, um texto escrito é um texto, mas igualmente uma pintura que vem a ser um texto visual. (MARTINO, 2014, p.93)

A forma usada pelos nossos ancestrais para se comunicar, segundo Martino (2014), pode ser chamada de texto visual, ou seja, entendia-se as figuras ou desenhos que eram registrados em rochas. Martino (2014) nomeia essa habilidade arcaica de “Texto Cultural”, que segundo o autor:

é o nome aplicado também para designar produções e artefatos culturais gerados em um sistema de signos, que vem a ser texto cultural, a produção cultural forma um texto, isto é, uma representação da realidade que tem um significado a ser decodificado. (MARTINO, 2014, p.93)

No que diz respeito à reportagem, encontraremos vertentes dessa forma de comunicação iniciada pelo homem, levando em conta a sua indispensabilidade. Ao analisar o conteúdo de uma reportagem Flossi (2012) diz que deve ser:

sempre ilustrada com fotografias, desenhos, ou gráficos, a grande reportagem exige diagramação competente e deve conter atrativos como mistério, suspense, calor humano e outros elementos que só um texto criativo será capaz de explorar. (FLOSSI, 2012, p.11)

Para que possamos compreender de forma razoável o avanço da comunicação, precisamos entender a importância das informações na vida do homem e na forma como ele usa as imagens, desenhos e outros tipos de formas para se comunicar e marcar sua passagem naquele território. A partir da fala de Flossi, entendemos que até em uma reportagem, tendo esta a linguagem de uma notícia, se faz necessário imagens e desenhos, afirma-se:

as eras durante as quais outro tipo de gente marcava animais com pedra ou com sílex, ou batiam-se uns aos outros com machados feitos de bronze ou de ferro, todavia, os significativos e cada vez mais acelerados avanços da civilização alcançados [...]. (DEFLEUR, ROKEACH, 1993, p.22)

Outro fato que DeFleur e Rokeach (1993) relatam é que: “durante os últimos 40 mil anos o homem dependeu mais de seu domínio dos sistemas de comunicação do que dos materiais com que fabricaram ferramentas”. Já Neto (2001) conceitua sobre os estudos de teoria da informação mostrando que há uma diferença entre informação e significação da mensagem informada:

costuma-se fazer uma distinção entre informação e significação, de acordo com esse enfoque, a questão da significação é vista como algo dependente do juízo interpretativo, do juízo valorativo, da opinião, da subjetividade, sendo por isso mesmo deixada de lado por uma teoria que pretende ocupar-se apenas com dados objetivos capazes de serem transcritos. (NETO, 2001, p.119)

Para Neto (2001), existe uma diferença entre o que será informado e o objetivo da mensagem transmitida, o autor relata que irá depender não somente do enunciador, mas também das égides de interpretação do receptor. Sendo assim, a mensagem elucidada para ser captada pelo observador dependerá da forma ideológica de cada pessoa. Por isso Neto (2001) conceitua:

a análise informacional de um texto não se preocuparia com o significado (tradicionalmente entendido) nele presente, com seu conteúdo semântico, com suas consequências para o receptor do texto ou com as motivações do produtor da mensagem, ao invés disso, essa análise procuraria traduzir esse texto numa relação numérica que indicaria a quantidade de informação nela contida e não a qualidade da significação. (NETO, 2001, p.120)

A comunicação por meio de uma mensagem tem o poder de ajudar o receptor a eliminar todas as dúvidas contidas em seu âmbito cotidiano, Neto (2001) diz que: “o que interessa à análise informacional, assim, não é saber o que diz uma mensagem, mas quantas dúvidas ela elimina”. Entretanto, nos parâmetros de reportagem, Flossi (2012) conceitua:

uma grande reportagem só pode ser escrita por um repórter que tenha bom texto, no mínimo acima da média, pois, necessariamente extensa, não será lida se a narrativa for fraca, monótona, cansativa ou desinteressante. (FLOSSI, 2012, p.11)

Observa-se que no âmbito da notícia divulgada por meio de uma reportagem, só se obterá reciprocidade quando a mesma for elaborada com coerência e eficácia,

ou seja, o profissional se dedicará e tentará seguir o máximo possível uma linha de raciocínio, que lhe trará sucesso ao divulgar sua mensagem. Uma mensagem bem-produzida tem, por sua vez, o intuito de ajudar o receptor, eliminando as incertezas e dúvidas, portanto:

as mensagens existem para eliminar dúvidas, reduzir a incerteza em que se encontra o indivíduo, sendo dado como certo que, quanto maior a eliminação de dúvidas por parte de uma mensagem, melhor ela será. (NETO, 2001, p.120)

Para a elaboração de uma grande reportagem, segundo Flossi (2012), deve-se ter um planejamento, e a sua divulgação requererá esforço e dedicação do profissional que a elabora:

é assim que se escreve uma grande reportagem: com tempo, sem pressão, aguardando o momento certo para por o texto no papel, ela tem de ser pensada e planejada, escrita, reescrita, lida e relida, e isso não se faz de um dia para o outro. (FLOSSI, 2012, p. 13)

A informação bem-elaborada e compreendida com afinco pelo receptor tem por finalidade causar uma mudança no comportamento do mesmo. Um texto bem escrito irá confrontar ideias e comportamento de quem os lê, pois:

pressupõe-se ser finalidade específica de um texto, de um informador, mudar o comportamento de seu receptor, e como não se pode contestar que a dúvida, em princípio, gera a imobilidade, a informação surge como agente dissipador de incertezas e cujo objetivo é provocar uma alteração no comportamento das pessoas. (NETO, 2001, p. 120).

Ao receber uma mensagem por meio de um texto bem-elaborado por um informador que, por sua vez, vem a ser o profissional da comunicação, ou até mesmo por meio de uma reportagem, nota-se um esclarecimento diversificado por meio da informação aderida:

no sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e de investi-los na posição de senhores, a meta do esclarecimento era dissolver os mitos e substituir a imaginação pelo saber. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.17)

No campo da teoria da informação, que vem a ser um emaranhado de estudos sobre a finalidade da mensagem ao público, Neto (2001) diz: “mensagem é um grupo ordenado de elementos de percepção extraídos de um repertório e reunidos numa determinada estrutura”. Nota-se que a mensagem que será divulgada por qualquer

meio de comunicação traz consigo elementos que têm por finalidade a aceitação do receptor. Para Corrado (1994) o profissional que irá escrever uma reportagem ou uma mensagem deve seguir algumas exigências básicas do campo da comunicação e também possuir habilidades na área:

uma das exigências para quem quer dedicar-se ao campo das comunicações é a capacidade básica de escrever com clareza sobre certo número de assuntos, outra habilidade importante tem sido, tradicionalmente, a experiência como repórter. (CORRADO, 1994, p. 32)

Flossi (2012) relata sobre a experiência de um repórter, mostrando que esta profissão exige muita imparcialidade no momento da elaboração das notícias, ou seja, mostrar com o maior rigor as informações com veracidade e coerência:

o trabalho de reportagem divide-se em duas partes: metade é apurar bem os fatos e metade é escrever um bom texto, mais difícil que ensinar alguém a escrever é ensinar alguém a apurar, tudo dependerá da prática, do esforço e da experiência. (FLOSSI, 2012, p.50)

Outro ponto de vista importante na comunicação é a forma da emissão da mensagem. Segundo Pena (2015), “quando o homem fala, há um componente sinestésico tanto na emissão quanto na recepção”. Esse termo “sinestésico” significa que cada indivíduo terá uma reação diferente daquilo que lhe está sendo anunciado, ou seja, a mensagem pode ter várias definições segundo seu receptor. Adorno e Horkheimer (1985) enaltecem: “a superioridade do homem está no saber”. Lage (2004) defende que se faz necessário que o público tenha certo conhecimento com o assunto divulgado, pois se não houver conhecimento por parte do receptor abarcará uma irrelevância à mensagem enunciada:

a mente humana trabalha com uma lógica peculiar: ela procura o melhor resultado com o menor esforço; uma informação que não se relaciona com algo que já sabemos tem custos de memorização muito elevado e tende a ser, portanto, ignorada. (LAGE, 2004, p.60)

Na visão do autor citado acima, o homem precisa ter ao menos certa familiaridade com o assunto da notícia transmitida, para Lage (2004), a falta de informação do público acarretará estranheza, pouco interesse e dificuldade de memorizar a notícia.

é evidente que a falta de informações básicas acessíveis na memória e capazes de relacionarem-se com alguma notícia nos impede de modelá-la e, portanto, de lhe atribuir alguma relevância. (LAGE, 2004, p.60)

Já do ponto de vista de Charaudeau (2012), para que uma informação chegue ao seu destinatário com sucesso e eficácia, ou seja, sem problemas de divulgação ou até mesmo de aceitação dos enunciatários, dependerá da linguagem que será usada nesse intermédio entre enunciador e receptor, pois essa linguagem abarcará o elo entre enunciador e público:

se existe um fenômeno humano e social que dependa principalmente da linguagem, é o da informação. A informação é uma definição empírica mínima, a transmissão de um saber, com ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que se presume não possuí-lo. (CHARAUDEAU, 2012, p.33)

Uma informação possui uma mensagem, e essa mensagem tem por finalidade que seu receptor receba-a com reciprocidade. Mensagem segundo Netto (2001): “é um grupo ordenado de elementos de percepção extraídos de um repertório e reunidos numa determinada estrutura”. Netto (2001) ressalta também que uma mensagem terá mais valor quanto maior for o número de modificações que pode provocar, sendo assim, ao ter aceitação e compreensão do público, a mensagem divulgada causará modificações no ponto de vista do receptor. Para Netto (2001):

a descrição da mensagem como sendo um conjunto de elementos de percepção extraídos de um repertório e reunidos numa dada estrutura, sem estrutura não há mensagem ou informação, por outro lado, uma estrutura sempre existirá numa mensagem (ou em qualquer outra coisa), variando apenas o grau de dificuldade em sua identificação ou proposição. (NETTO, 2001, p.127).

A mensagem quando detentora de novidades, por exemplo, a forma como a mesma será anunciada, ou os elementos que possui, abarcará uma mudança em seu público-alvo. Um dos elementos essenciais de uma mensagem é a imagem, como afirma o estudioso Flusser (1985): “o caráter das imagens é essencial para a compreensão das mensagens”. Netto (2001) argumenta que se há algo novo no corpo da mensagem acarretará em uma transformação do olhar do receptor:

a mudança no comportamento do receptor de uma mensagem depende do caráter de novo desta mesma mensagem, de tal modo que se pode afirmar a existência da seguinte relação: quanto maior seu valor informativo, sendo maior a mudança de comportamento provocada. (NETTO, 2002, p. 128)

Para Charaudeau (2012), “não ter acesso à informação é não poder saber, logo, não poder informar”. O autor conceitua que a falta de acesso e falta de compreensão de uma mensagem levará o homem a um estado de desconhecimento, e ele se encontrará desprovido de entendimento das informações que, a priori, deveriam ser elucidadas. Charaudeau (2012) pondera:

Em consequência, desenvolve-se, por um lado, a necessária sofisticação dos meios para que se possa buscar, o mais rapidamente possível, a informação onde ela esteja; por outro lado desdobra-se a necessária luta contra tudo o que poderia opor-se à vontade do saber. (CHARAUDEAU, 2012, p.35)

1.1 O que é Jornalismo

Um dos meios que o homem possui para compreensão e divulgação de mensagens é o jornalismo que, por sua vez, tem por finalidade informar o homem sobre os assuntos do cotidiano em geral. Rossi (1980) conceitua:

o jornalismo, independente de qualquer definição acadêmica, é uma fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Uma batalha geralmente sutil e que usa uma arma de aparência extremamente inofensiva: a palavra, acrescida, no caso da televisão, de imagens. (ROSSI, 1980, p.7)

Para Rossi (1980), o jornalismo adentrou-se nesse campo de batalha em que o único objetivo é atrair atenção de seus espectadores. E assim usará de todas as ferramentas possíveis para se obter atenção do seu público-alvo. Rossi (1980) relata que o jornalismo do Brasil originou-se a partir dos padrões norte-americanos: “essa batalha pelas mentes e corações, entretanto, é temperada por um mito – o mito da objetividade – que a maior parte da imprensa brasileira importou dos padrões norte-americanos”. (ROSSI, 1980, p.9)

Uma das égides aderidas pelo jornalismo é a objetividade, que para Rossi (1980) é um dos principais parâmetros na área jornalística, onde se busca ouvir com assiduidade as fontes da notícia e também se procura ter respeito pela preservação da informação divulgada:

de qualquer forma, a objetividade continua sendo um dos principais parâmetros na linha editorial dos principais veículos de comunicação do Brasil, e, nessa busca impossível, introduziu-se a lei do ouvir os dois lados, partindo do pressuposto numa mesma história. (ROSSI, 1980, p.12).

A visão de estudiosos, como Pena (2015), enfatiza a objetividade do jornalismo como um mandamento, em que seu único objetivo é mostrar o máximo de realidade dos fatos, evitando a parcialidade na divulgação da notícia:

o conceito é muito mais amplo, significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*², evitar os definidores primários³ e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2015, p.13)

Ao falar de jornalismo deve-se elucidar as origens e vertentes que o mesmo obteve quando aceito pelo público brasileiro. Os autores Romancini e Lago (2007) argumentam sobre tais origens: “a Gazeta é entendida como primeiro exemplar do jornalismo áulico brasileiro, ou seja, um jornalismo próximo do poder da corte e, em sentido mais pejorativo, bajulador e subserviente”. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.23)

Os autores conceituam o termo “áulico” que se relaciona à corte, ou seja, as notícias que eram divulgadas passavam pelas exigências dos reis e monarcas que exerciam poder sobre a sociedade. No decorrer do tempo, houve uma copiosa mudança nos parâmetros do jornalismo:

a mudança que vai se processando gradualmente: aquela que implica numa valorização da reportagem, do caráter informativo da imprensa, em detrimento dos gêneros opinativos [...], de modo que a informação começará a moldar o jornalismo a partir das primeiras décadas do século XX até hoje. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 68)

Os jornalistas desse período tinham duas funções: atores e plateia, ou seja, defendiam as posições de diferentes grupos hierárquicos e assistiam o hegemônico poder que os monarcas detinham sobre o jornalismo decaindo gradativamente:

as polêmicas entre os jornalistas, que com frequência descem ao insulto, ocupam boa parte do espaço dos periódicos – pois de qualquer forma os jornalistas de então eram ao mesmo tempo atores e plateia de um espetáculo decisivo: a formação do país, ao mostrarem e defenderem as posições de diferentes grupos. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.40)

² *Lead*: termo da famosa fórmula objetiva que prega a necessidade de o texto jornalístico responder às principais perguntas da reportagem ainda no primeiro parágrafo: Quem? Fez o quê? Onde? Quando? Com que meio? Essas são as perguntas primordiais que definem um *Lead*.

³ Entrevistados que sempre falam para os jornais, como autoridades e especialistas famosos.

Conforme a mudança que ocorreu com o jornalismo, observa-se que a imprensa começou a ter uma ascensão conceituada, segundo Romancini e Lago (2007): “a imprensa desenvolveu-se lenta, mas progressivamente no Brasil”. Importante fator no jornalismo foi a introdução do telégrafo, que é um sistema que foi criado no século XVIII com o objetivo de transmitir mensagens de um ponto para o outro, por meio de grandes distâncias. Os telégrafos usavam códigos para que a informação fosse transmitida de forma confiável e rápida:

também importante para o jornalismo no período foi a introdução do telégrafo (1852), o uso de cabos submarinos para transmissão de mensagens telegráficas (1874) e o desenvolvimento do sistema de correios na segunda metade do século XIX. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.53)

Nesse contexto, sobre a ascensão do jornalismo no Brasil, abarca-se a relação entre jornalismo literário e jornalismo de reportagem. Suscintamente, o jornalismo literário é um ramo do jornalismo que leva em conta a literatura. Também conhecido como Literatura não ficcional. Pena (2016) explica o jornalismo literário:

não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem, o conceito é muito mais amplo, significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos. (PENA, 2016, p. 13)

Ao relatar sobre a relação entre literatura e jornalismo, Romancini e Lago (2007) defendem a ideia de que o jornalismo literário era uma ferramenta para a esfera política no Brasil, pois os políticos e a classe dominante detinham o poder das notícias nesse período, daí então se observa o porquê dos textos literários nos jornais da época:

a relação entre literatura e jornalismo explica não só o tipo de jornalismo com pé na oratória política, (pois o jornalismo também era um trampolim para esta esfera) realizado então, mas também o desenvolvimento do folhetim no Brasil, a exemplo do que havia ocorrido na Europa. (ROMANCINI, LAGO, 2007, p. 54)

Conforme citado acima, folhetins eram textos literários divulgados em jornais, no entanto, houve muitos outros gêneros sendo introduzidos que foram dando um tom diferenciado aos folhetins, a exemplo das colunas, da reportagem, que estava em ascensão na época, e também as entrevistas. Doravante a essa mudança, relata-se o notório declínio dos folhetins no Brasil:

alterações foram introduzidas lentamente, mas acentuam-se sempre: a tendência ao declínio do folhetim, substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a reportagem, a tendência para a entrevista, substituindo o simples artigo político [...]. (SODRE, 1999, p. 96)

O jornalismo feito por literatos era confundido com literatura. No seu início, a linguagem era identificada com a linguagem de livros. Sodré (1999) diz: “o noticiário era redigido de forma difícil, empolada e o jornalismo feito ainda por literatos era confundido com literatura”. Romancini e Lago (2007) salientam: “literatura e jornalismo se confundiam, pois com um círculo de compradores de livros muito reduzido, os escritores procuravam obter notoriedade”.

No entanto, o gosto do público foi mudando gradativamente. A escolha pelas reportagens, que continham sensacionalismo, foi ascendendo e substituindo o jornalismo de crônica. As reportagens são a forma de relatar de maneira ordenada e detalhada certos fatos ou acontecimentos, escritas em um estilo adequado para **captar um público amplo, que busca uma informação completa acerca de um fato narrado**. O interesse por notícias de cunho político foi decaindo:

o jornalismo de reportagem substituiu o jornalismo de crônica [...]. O gosto do grande público e as pressões da concorrência entre títulos levaram à exploração do sensacionalismo através de campanhas de imprensa, cujos pretextos se encontravam quase sempre na política. (ALBERT; TERROU, 1990, p.54)

Com o surgimento das agências de notícias notou-se a modernização do jornalismo e, no que diz respeito a essa transformação, Romancini e Lago (2007) elucidam dois pontos importante, sendo um deles “o aspecto de modernização da imprensa noticiosa no mundo diz respeito ao surgimento das agências de notícias, a primeira agência de notícias surge em Paris, criada por Charles Havas, em 1835”. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 70)

Salienta-se sobre o jornalismo no Brasil ter cunho empresarial, entendendo que os empresários estavam interessados em fazer das notícias produtos de venda, para que se obtivesse lucro por meio das mesmas. Houve uma abrupta mudança nas divulgações de notícias, pois já se ascendera o interesse de empresários no âmbito jornalístico:

a tendência de mudança no jornalismo brasileiro da Primeira República (1889-1930) é gradual; os grandes veículos eram ainda do

tempo do Império e a consolidação empresarial dos mesmos só se daria depois de algumas décadas. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 76)

Novas técnicas foram introduzidas no jornalismo brasileiro, no que diz respeito às características materiais, observa-se que houve vasta mudança conforme Romancini e Lago (2007):

do ponto de vista material, outras inovações técnicas foram introduzidas no jornalismo brasileiro do período, tanto no campo da impressão (maquinário mais moderno, que permitia inclusive o uso de fotos, como vimos mais usadas no início em revistas), quanto no da produção informativa (como no uso de telégrafo, máquinas de escrever e compra de notícias de agências internacionais). (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.78).

1.2 Notícias e Reportagens como Ferramenta Social

Um dos objetivos do jornalismo é fiscalizar e levar ao público os fatos com veracidade, objetivo esse que Rudin e Ibbotson (2008) afirmam dizendo que:

os jornalistas são os olhos e ouvidos do público e ajudam a garantir que as pessoas, sobretudo aquelas da vida pública, estejam agindo de modo apropriado e honesto, considerando que poucas pessoas têm tempo ou interesse em comparecer a sessões de tribunais de Justiça, da Câmara de vereadores e de outros órgãos públicos, a presença dos jornalistas assegura que os assuntos sejam conduzidos de forma correta e razoável. (RUDIN; IBBOTSON, 2008, p.8)

O jornalismo abarcará ao público questões que estão em repercussão na sociedade, contando com a hipótese de que aqueles que tiverem acesso a elas possam compreender as informações e utilizá-las em favor próprio. Alguns autores como Rudin e Ibbotson (2008) defendem que o jornalismo é um produto de venda, produto este fabricado por profissionais como jornalistas e repórteres, cujo destino é abranger o máximo de receptores que tiverem acesso a esse produto, que é o jornalismo:

jornalismo é tudo o que está relacionado com a produção de um produto – às vezes tratado como “mercadorização” – e constitui uma construção social, formada e limitada pela ideologia dominante de uma sociedade: um conjunto de opiniões e ideias que se presume ser “normal” e de “bom senso”, assim como na produção de qualquer mercadoria, aqueles que a fabricam e a produzem devem saber quem vai querer aquele produto, “o público”, que inclui: telespectadores, leitores, ouvintes e internautas. (RUDIN; IBBOTSON, 2008, p.8)

Os autores Rudin e Ibbotson (2008) defendem que: “o jornalismo é um processo organizado, no qual se deve ter sempre em mente o resultado final”. Sugere-se também que uma das funções do jornalismo como ferramenta de informação e como voz do público é possibilitar que o público esteja por dentro dos fatos, e o transporte dos acontecimentos de forma coerente, para que seus receptores entendam as informações divulgadas. Em breve, contextualização de como o público começou a ter acesso às informações, Rudin e Ibbotson salientam:

impressoras existiam há milhares de anos na China, porém meios mecânicos de impressão puderam ser vistos no Ocidente a partir de 1450 [...], esse processo criou a possibilidade de transpor os acontecimentos da fala para a escrita, o primeiro período no qual há evidências de que uma população em massa teve acesso a relatos de acontecimentos impressos em meados do século XVII. (RUDIN; IBBOTSON, 2008, p.17)

Já Rudiger (1999) pondera que, nesse período, o jornalismo como uma ferramenta social estava em ascensão, pois meios como correios privados já cediam espaço para publicações periódicas regulares:

na verdade a configuração do jornalismo como prática social relativamente consistente começou no final do século 17, nessa época, os serviços de correio privado e os relatos extraordinários veiculados em folhas e volantes surgidos nos séculos anteriores começaram a ceder lugar a publicações periódicas regulares, lançadas por casas editoras especializadas. (RUDIGER, 1999, p.15)

Com a ascensão do jornalismo na sociedade e com a emancipação de suas vertentes que se voltavam para a divulgação de fatos e informações sobre os acontecimentos da época, as classes dominantes, que eram os burgueses, a corte e políticos, o tinham como uma ameaça:

desde seu início, o jornalismo foi visto pela classe dominante como uma ameaça à sua existência, ou pelo menos os que dominavam o poder na sociedade ficavam preocupados com o fato de que suas ações pudessem ser descobertas e que isso provocasse consequências inesperadas. (RUDIN; IBBOTSON, 2008, p.18)

Segundo Rudin e Ibbotson (2008) “a ideia de as massas terem acesso à informação assustava quem estava no topo da sociedade”. Conforme os autores acima, os líderes que detinham suas hierarquias e poder na sociedade temiam que o público, ou seja, a grande massa tivesse acesso às mesmas informações que os mesmos, dado a que:

acreditava-se que, se o Estado garantisse que os jornais não fossem disponibilizados para a maioria da população, não haveria perigo de as massas serem tocadas por ideias e informações que as deixassem insatisfeitas ou até mesmo revoltosas. (RUDIN; IBBOTSON, 2008, p.18)

Por isso Adorno e Horkheimer (1985) conceituam: “a superioridade do homem está no saber, disso não há dúvida”. Compreende-se o porquê do temor das classes dominantes sobre a população ter acesso às informações, pois ao estar por dentro dos fatos e acontecimentos, a mesma passa a deter o poder de decisão. Defleur e Rokeach (1993) defendem a ideia que a comunicação é a base da ordem social, pois através da mesma se tem a ideia de uma sociedade em conjunto:

a ideia de sociedade como um conjunto de entendimentos baseados em interação simbólica põe juntos o antigo princípio do conhecimento como conceitos, o princípio da linguagem como uma construção social de convenções de palavras e significado, e a ideia de que comunicação é a base da ordem social. (DEFLEUR; ROKEACH, 1993, p.263)

Quando uma reportagem é bem-elaborada, rica em detalhes, usando uma linguagem acessível a todas as classes sociais, ela será compreendida e a comunicação efetivada a contento. Sugere-se, então, que a reportagem divulgada pelos profissionais da comunicação seja clara e direta:

uma reportagem que responda, com clareza e riqueza de detalhes, a todas as perguntas do público, de fato dará ao leitor uma dose extra de informações, ocorre que, com o passar do tempo, passou-se a exigir mais das notícias, não explícita, mas indiretamente. (ROSSI, 2012, p.26)

A sociedade e o jornalismo formaram um elo em que um precisa do outro para seus devidos fins, ou seja, se o público quiser ter acesso às informações, o jornalismo os ajudará; e para que o jornalismo seja divulgado e alcance seus devidos interesses, é necessário um público que o acesse e interaja. Rudin e Ibbotson (2008) ponderam essa ideia afirmando que:

se a sociedade precisou do jornalismo para ajudar em sua evolução, o jornalismo certamente precisou da sociedade para certificar-se de que as massas foram educadas: sobretudo na capacidade de ler e escrever. (RUDIN; IBBOTSON, 2008, p.19)

O jornalismo, segundo Rudiger (1999), pode ser conceituado como uma prática social em que se mantém um elo com a esfera pública. Esclarece-se, então, a ideia de que o jornalismo representa uma poderosa ferramenta nas mãos de quem o faz e de quem o recebe, pois quem o faz detém o poder da forma como as notícias serão elucidadas; já quem o recebe detém o poder de conhecimento e de divulgação da mensagem enunciada, por isso: “o jornalismo pode ser conceituado como uma prática social ligada ao movimento de posição da esfera pública: ou seja, dos processos de formação e informação da chamada opinião pública em uma sociedade”. (RUDIGER, 1999, p.121)

1.3 Jornalismo na Era Moderna: do Impresso ao Digital

No que diz respeito ao jornalismo impresso e suas origens, sabe-se que as classes dominantes da época de 1808 observavam o jornalismo como uma ameaça. Temia-se a ideia de que a grande “massa” tivesse acesso às mesmas informações que a elite, e mediante a esse acesso, iniciar-se-ia consequências inesperadas:

desde seu início, o jornalismo foi visto pela classe dominante como uma ameaça à sua existência, ou pelo menos os que dominavam o poder na sociedade ficavam preocupados com o fato de que suas ações pudessem ser descobertas e que isso provocasse consequências inesperadas, na verdade, a ideia de as massas terem acesso à informação assustava quem estava no topo da sociedade. (RUDIN; IBBOTSON, 2008, p.18)

Percebe-se também que em meados do século XIX os jornais diários populares nacionais começaram a ter uma conceituada divulgação nas cidades e estados, e no mesmo período surgiram os famosos “barões da imprensa”, empresários que detinham o poder sobre os jornais:

no final do século XIX, os jornais diários populares nacionais pertencentes a um ou outro dos chamados barões da imprensa passaram a dominar o jornalismo, além disso, muitos dos barões também assumiram a direção de jornais regionais e locais. (RUDIN; IBBOTSON, 2008, p.21)

Mesmo a “massa”, constituída pelo público de classe social inferior aos monarcas, obtendo acesso aos jornais diários não favorecia a quem os divulgava. Daí então, adere-se à ideia das propagandas, estratégia de publicação daqueles que

faziam seus anúncios nos jornais, estes eram os principais responsáveis pela perduração da publicidade no âmbito de sua propagação para o público:

acredita-se que o consumismo das massas e o desenvolvimento da classe média do século XIX forneceram um campo de direito econômico, político e cultural para o desenvolvimento de jornais produzidos para as massas, o preço de capa dos jornais nunca foi o suficiente para garantir um negócio rentável; era a propaganda que possibilitava isso. (RUDIN; IBBOTSON, 2008, p.20)

Ainda no século XIX, nota-se um crescimento considerável no que diz respeito ao número de jornais diários na época, patrocinados muitas vezes por partidos políticos, e sugere-se a ideia que a intenção dos partidos era ver uma população unificada e informada:

o século XIX testemunhou um enorme crescimento no número de jornais diários a serem produzidos, a maioria deles por e para uma localidade em particular, muitos também abertamente patrocinados – em muitos casos, mantidos – por partidos políticos, em geral, ajudavam diferentes pessoas – sujeitas a se deslocar muito em sua comunidade social e geográfica – em uma população unificada com valores comuns. (RUDIN; IBBOTSON, 2008, p.20)

No que diz respeito às divulgações das notícias nos jornais da época, elucidase que os mesmos eram produzidos com textos variados, ou seja, procurava-se escrever de uma forma que tanto empresários quanto trabalhadores do campo se interessassem pela leitura. Os jornais eram produzidos para todos os tipos de leitores, nesse veículo era possível acompanhar as notícias diárias, a fim de que todos ficassem informados dos acontecimentos corriqueiros:

a extensão e os tipos de texto para jornais e revistas são variadas a fim de se adaptarem a diferentes contextos, leitores, especialidades, fatores comerciais, controle editorial, propriedade, etc. Um modo de categorizar as atividades de produção textual nas indústrias de jornais e revistas é diferenciar acontecimentos diários dos não diários. (RUDIN; IBBOTSON, 2008, p.45)

Os leitores dos jornais tinham acesso às informações que lhes eram divulgadas pelos jornais da época. Autores como Charaudeau (2012) defendem a ideia de “fonte de informação”, no qual, nesse âmbito analisado, se refere aos jornais que divulgavam as informações ao público. Charaudeau (2012) relata que:

a fonte de informação é definida como um lugar no qual haveria certa quantidade de informações, sem que seja levantado o problema de saber qual é a sua natureza, nem qual é a unidade de medida de sua quantidade. (CHARAUDEAU, 2012, p.35)

O autor sugere que os jornais podem ser considerados como fontes de informação, porque a eles cabe a missão de informar os leitores e esclarecer os fatos ocorridos na sociedade, obtendo assim esse elo com o receptor que, por sua vez, é considerado capaz de decodificar as informações que lhe foi transmitida:

o receptor é considerado implicitamente capaz de registrar e decodificar naturalmente a informação que lhe é transmitida, sem que seja levantado o problema de interpretação, nem o do efeito produzido sobre o receptor de saber, por exemplo, se este coincide com o efeito visado pela instância de informação. (CHARAUDEAU, 2012, p.35)

Quando o leitor não consegue ter acesso às informações, resulta-se na dificuldade de o mesmo estar aquém dos assuntos factuais, pois o não acesso às notícias levará o enunciatório ao âmbito da desinformação dos fatos, ou seja, o leitor estará por fora dos acontecimentos:

não ter acesso à informação é não poder saber, logo, não poder informar, em consequência, desenvolve-se, por um lado, a necessária sofisticação dos meios para que se possa buscar, o mais rapidamente possível, a informação onde ela esteja. (CHARAUDEAU, 2012, p.35)

Com o surgimento da imprensa em meados do século XIX, oriunda-se o primeiro jornal sob patronato do Estado, e ao comando de Dom João VI, publicava-se a: “Gazeta do Rio de Janeiro”, que seria o primeiro jornal a ser divulgado propriamente no Brasil:

os jornais não vivem mais para o mercado, mas sim para a esfera da opinião pública [...], no Brasil, o nascimento e desenvolvimento da imprensa podem ser situados no mesmo modelo, nosso primeiro jornal surgiu sob patronato do Estado, em 1808, Dom João VI, recém-chegado ao País, revogou as medidas que virtualmente haviam proibido as atividades editoriais durante o período colonial, criando a Imprensa Régia e mandando publicar a Gazeta do Rio de Janeiro. (RUDIGER, 1999, p.17)

A Imprensa Régia, conforme citado acima, foi a primeira editora brasileira criada em 1808, e sua principal função era divulgar os assuntos da corte. Essa iniciativa se obteve devido à chegada da família real portuguesa ao Brasil, lembrando que quem detinha o poder nas notícias era a corte, cujo rei da época era Dom João VI. Afirma-se também que esse movimento político entre imprensa e corte real contribuiu para a ascensão do jornalismo, que paulatinamente ia se encaixando às esferas tanto públicas quanto políticas:

o jornalismo brasileiro se formou dentro desse movimento político, que coincide com o próprio processo de construção do Estado Nacional, durante esse período, que se entende até meados do século, as forças políticas descobriram o emprego da imprensa na formação da opinião e os políticos ligaram suas carreiras às atividades jornalísticas; surgiram as primeiras redações e o jornalismo elaborou seu conceito no país. (RUDIGER, 1999, p.18)

A Gazeta do Rio de Janeiro tinha como função divulgar documentos do governo, no entanto, sugere-se que devido à corte deter esse poder sobre as informações, divulgava-se os interesses da monarquia por meio da:

imprensa régia, que imprimiu documentos do governo, cartazes, sermões, panfletos e o primeiro jornal do país: a Gazeta do Rio de Janeiro, cujo número de estreia data de 10 de setembro de 1808, tendo como redator o frei Tibúrcio José da Rocha. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.23)

Ao relatar sobre o primeiro jornal brasileiro, que era a “Gazeta do Rio de Janeiro”, pondera-se que esse jornal era pouco voltado à crítica e à realidade local, por isso a Gazeta era conhecida como um jornal “áulico” brasileiro, ou seja, um jornalismo próximo do poder da corte:

inicialmente, este primeiro jornal impresso era semanal, tornando-se, com o tempo, trissemanal, várias edições extraordinárias também foram publicadas, geralmente registrando com atraso de meses, notícias estrangeiras [...], a Gazeta é entendida como o primeiro exemplar do jornalismo áulico brasileiro, ou seja, um jornalismo próximo do poder, da corte – e, em sentido mais pejorativo, bajulador e subserviente. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.23)

Figura 1: Imagem de um fascículo do jornal Gazeta do Rio de Janeiro



Fonte: Acervo Digital Gazeta do Rio de Janeiro⁴

⁴ Disponível em: <
www.google.com.br/search?site=&source=hp&q=gazeta+do+rio+de+janeiro+1808&oq=gazeta+do+rio
 >. Acesso em: 20 mar.2017.

O jornal proclamava-se não oficial, mas era certamente oficioso, pouco voltado à crítica e à realidade local, segundo Lago e Romancini (2007), por isso, desaparece em 1821 quando começava a ser publicado o “Diário do Governo”. Compreende-se que a Gazeta do Rio de Janeiro tinha pouca importância do ponto de vista da formação da opinião pública. Em seguida, destaca-se o jornal “Correio Braziliense ou Armazém Literário”, editado por Hipólito José da Costa que segundo Lago e Romancini (2007), “foi um dos primeiros jornalistas brasileiros”.

O Correio Braziliense era um jornal elaborado por Hipólito José da Costa, que o elaborava em uma perspectiva mais crítica, ou seja, Hipólito acrescentava reprovações à corte. No que diz respeito ao seu formato, pondera-se que tinha formato de uma “brochura”, por possuir mais de 100 páginas. Romancini e Lago (2007) o conceituam:

o Correio era impresso em Londres, mas dirigido ao mundo luso-brasileiro, importado para o Brasil, inicialmente por vias normais e, depois de proibido pelo governo, em 1809, circulando com bastante influência, [...], no formato de um brochura in – octavo – tamanho próximo ao de um livro, como era comum nos jornais da época. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 25)

De acordo com Lago e Romancini (2007), o valor do Correio Braziliense era um pouco alto para os padrões da época. Sua divulgação era mensal e quem o escrevia era Hipólito da Costa, o jornalista era o responsável por fazer traduções e editar todo material que era inserido no jornal:

o preço por assinatura ou exemplar era relativamente alto, devia-se ao seu caráter crítico, e bem informado, quanto às medidas da administração portuguesa no Brasil [...], era um jornal feito, praticamente por um homem só, Hipólito pesquisava, escrevia, fazia traduções e editava o material que inseria no Correio, bem como as colaborações dos leitores. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.25)

Figura 2: Imagem de um fascículo do Correio Braziliense



Fonte: Imagens Google⁵

De forma literária e de viés político, o Correio Braziliense possui suas editorias e apresentava suas notícias de forma diferenciada, onde se mantinha a postura de um jornal elaborado pela corte e voltado para ela mesma:

o correio dividia-se nas seguintes seções: Política, na qual eram reproduzidos documentos oficiais; Comércio, Artes, com informações sobre comércio; Literatura e Ciências, que apresentava notícias e críticas sobre obras científicas; Miscelânea, com matérias diversas, notícias do Brasil e Portugal, polêmicas e comentários sobre acontecimentos brasileiros e portugueses, e, por vezes, Correspondência e Apêndice. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.26)

Uma das ideologias do Correio Braziliense, nesse período, não era defender a independência brasileira, no entanto, relata-se que o jornal era favorável aos princípios liberais e ao fim do trabalho escravo:

o Correio Braziliense não defendeu a independência brasileira de modo programático, aderiria a ela só às vésperas da mesma, no entanto era favorável aos princípios liberais, ao fim do trabalho escravo, à monarquia constitucional, à liberdade de opinião, ou seja, reformas modernizadoras, que, aos olhos absolutistas, pareciam revolucionários. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.26)

Devido ao Correio Braziliense defender as ideias de liberdade de opinião e não concordar com a visão da monarquia, abarcou-se certa represália da corte. As

⁵ Disponível em:

www.google.com.br/search?q=correio+braziliense+antigo+1808&espv=2&source=lnms&tbn=isch&sa=
=. Acesso em: 20 mar.2017.

autoridades portuguesas começaram a coagir o jornal para que fosse extinguido. Observa-se também que Hipólito José da Costa, sofreu ameaças e recebeu processos criminais com o intuito de expulsá-lo do país:

o Correio Braziliense incomodaria as autoridades políticas portuguesas, que fizeram várias tentativas de calar o periódico (suborno, pressões diplomáticas para expulsar Hipólito da Inglaterra, processos criminais, entre outras). (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.26)

O periódico Correio Braziliense teve sua divulgação até 1822, em nada mexer na sua linha editorial, mantendo a ideologia que era a liberdade da opinião pública. Afirma-se que com a proliferação da imprensa no país, diminuiu-se a necessidade do jornal, e com a “Independência do Brasil”, o jornalista Hipólito José da Costa interrompeu a publicação do Correio Braziliense, no entanto, o jornalista foi reconhecido devido ao seu papel político nessa época, onde foi nomeado cônsul-geral do país em Londres:

o Correio Braziliense sobreviveu, sem alterar sua linha editorial, até 1822, quando, com a Independência, Hipólito interrompeu a publicação, pois julgou que, com a proliferação da imprensa no novo país diminuiriam a necessidade de seu jornal [...], Hipólito foi, contudo, em reconhecimento ao seu papel político, nomeado cônsul-geral do país em Londres, onde morreu, aos 49 anos, em 1823. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p. 26)

Com a tecnologia em ascensão, observou-se que o jornal em papel, lido diária ou semanalmente, foi obrigado a aderir à nova forma que lhe foi imposta. Dines (1986) ressalta que cada leitor procurará formas exclusivas de informação, ou seja, novos meios que o informarão das notícias do dia a dia, assim como o jornal o faz:

apesar das grandes tiragens, o jornal é um produto dirigido a cada leitor em separado, mesmo que cada exemplar seja lido em média por três leitores, cada um deles encontra algo muito seu e muito próprio, quanto mais massificadas forem a sociedade e a informação, mais o ser humano procurará formas exclusivas de informação. (DINES, 1986, p.76)

Justifica-se que o desenvolvimento da imprensa no Brasil está ligado ao desenvolvimento do País. Sodré (1999) relata que esse desenvolvimento se deu pelas técnicas que a imprensa aderiu na forma de divulgação das notícias:

o desenvolvimento da imprensa no Brasil foi condicionado, como não podia deixar de ser, ao desenvolvimento do País, há, entretanto, algo de universal, que pode aparecer mesmo em áreas diferentes daquelas em que surge por força de condições originais: técnicas de imprensa, por exemplo, no que diz respeito à forma de divulgar, ligadas à apresentação da notícia, nesse sentido o jornal avançou muito entre

nós, particularmente desde o início da segunda metade do século XX. (SODRÉ, 1999, p.394)

Técnicas e aperfeiçoamentos foram inseridos no processo de divulgação dos jornais. Romancini e Lago (2007) afirmam que os jornais começaram a ter um aumento de produção e um declínio no valor de custos:

ao mesmo tempo, conquistas técnicas já existentes recebem decisivos aperfeiçoamentos, que contribuem para aumentar a produção e baixar os custos, em 1914, as rotativas modernas asseguravam, em várias saídas, a impressão de cerca de 50 mil exemplares de 24 páginas por hora. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.69)

Ocorre uma diversificação nas publicações, devido aos diferentes interesses do público. Sugere-se que na primeira década do século XX, iniciou-se uma transformação temática nos jornais:

na primeira década do século XX ocorre também uma diversificação nas publicações em função dos diferentes públicos - surgem revistas e jornais especializados, ao mesmo tempo, os diferentes interesses dos leitores fazem surgir páginas especiais (esportivas, femininas etc), existe uma transformação temática nesse jornalismo massificado. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.69)

Inicia-se, então, uma visão de imprensa moderna, em que as inovações técnicas foram introduzidas no jornalismo brasileiro. Começa-se a introduzir fotos no modo de acesso às notícias:

inovações técnicas foram introduzidas no jornalismo brasileiro do período, tanto no campo da impressão (maquinário mais moderno, que permitia inclusive o uso de fotos, como vimos, mais usadas em revistas), quanto na produção informativa. (ROMANCINI; LAGO, 2007, p.79)

Segundo o autor do artigo “Mídia e Democracia no Brasil”, Fernando Antônio Azevedo, os grandes jornais brasileiros foram criados no final do século XIX, e perduram até hoje, nos âmbitos digitais e impresso:

os grandes jornais de circulação nacional de hoje, como *O Estado de S. Paulo* e o *Jornal do Brasil*, foram criados nos anos finais do século XIX, sendo seguidos pelo extinto *Correio de Manhã* (1901) e pelos *O Globo* e a *Folha de São Paulo* (que nasceu com o nome de *Folha da Manhã*), ambos criados em 1925. (AZEVEDO, 2006)

A autora do artigo “Jornalismo, Literatura e Política: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950”, Ana Paula Goulart Ribeiro, afirma que para esse

engajamento de modernização na imprensa brasileira, alguns jornais e jornalistas foram de suma importância:

a reforma do jornalismo brasileiro, iniciada no Rio de Janeiro, está geralmente associada a empresas como o Diário Carioca, a Tribuna da Imprensa, a Última Hora e o Jornal do Brasil e a nomes como Pompeu de Souza, Luís Paulistano, Amílcar de Castro, Jânio de Freitas, Alberto Dines, Samuel Wainer e alguns outros. (RIBEIRO, 2003).

Ana Paula Goulart Ribeiro também ressalta que essa modernização na imprensa iniciou-se gradativamente, e cada pessoa e jornal citados acima tiveram seu papel na contribuição para um jornalismo dinâmico na reforma do jornalismo:

no entanto, ela não pode ser entendida apenas como obra de alguns visionários, alguns gênios revolucionários que, da noite para o dia, resolveram mudar o jornalismo nacional. As reformas, sem dúvida, foram algo que passou necessariamente pela ação individual de cada um desses personagens e de cada uma dessas empresas, mas que ao mesmo tempo os transcendeu, na medida em que apontavam para características estruturais da sociedade brasileira e do jornalismo como prática social. (RIBEIRO, 2003).

Na mesma linha de raciocínio, Abreu (2000) afirma que o avanço da tecnologia foi a peça fundamental para a transformação da imprensa. A autora também ressalta que os avanços na área da comunicação ajudaram muito na produção das notícias:

embora não deva ser considerada o único agente de transformação da imprensa, a tecnologia foi seguramente um de seus principais instrumentos, os avanços nessa área, com o desenvolvimento das telecomunicações, com a difusão da informática a partir dos anos 80, com as novas possibilidades de impressão e de registro audiovisual, ocorreram em escala mundial. (ABREU, 2000, p. 28)

As empresas de comunicação adotaram essas novas tecnologias, objetivando cortar gastos com custos operacionais. Daí se observa os porquês dos investimentos das mesmas na área de comunicação:

o objetivo das empresas de comunicação ao adotar novas tecnologias era em última instância baratear seus custos operacionais, essa economia futura exigia de início pesados investimentos em equipamentos, que por sua vez requereriam a imediata rentabilidade do veículo. (ABREU, 2000, p.28)

O autor Abreu (2000) ressalta sobre os recursos de pesquisas que os jornais adotaram, para compreender quais as preferências de seus leitores, no que diz

respeito às características das notícias divulgadas nesse meio de comunicação. Abreu (2000) afirma que:

a grande maioria dos jornais no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília utiliza o recurso da pesquisa junto ao leitor, a fim de definir suas características socioeconômicas, culturais e políticas, e também sua relação ao jornal, alguns fazem esse tipo de pesquisa a cada dois anos, outros acompanham diariamente a reação dos assinantes, com o objetivo de observar seu próprio desempenho. (ABREU, 2000, p.29)

Com as inovações inseridas nas edições dos jornais, salienta-se que os jornalistas sofrem certo tipo de pressão para o fechamento do jornal. Abarca-se uma execução de tarefas com rapidez por conta do avanço tecnológico na imprensa:

outro aspecto que deve ser considerado quando se analisam as alterações sofridas pela imprensa nos últimos anos é a estrutura de produção de um jornal, não há dúvida de que a informatização das redações significou um salto em termos de rapidez na execução das tarefas, em contrapartida, o rigor no horário de fechamento do jornal aumentou, obrigando o jornalista a trabalhar sob pressão. (ABREU, 2000, p.34)

Considera-se que com esse avanço na era da imprensa, os jornais buscaram apontar os assuntos que despertam mais interesse no leitor. Foram introduzidas inovações na forma de apresentação das matérias:

criou-se, portanto, uma relação estreita entre as exigências mercadológicas e as redações, foi em resposta às expectativas do público que surgiram cadernos sobre temas específicos, como vestibular, informática, saúde etc., ou suplementos dirigidos a segmentos determinados, como mulheres e jovens. (ABREU, 2000, p.30)

No âmbito das reportagens, o autor Bahia (2009) afirma que houve uma mudança “para melhor”, ou seja, novas técnicas foram introduzidas para que as reportagens fossem entendidas pelos seus receptores. Bahia (2009) ainda pondera que algumas regras para a produção das reportagens são inalteradas, o autor salienta:

o jornalismo mudou – para melhor, a reportagem também, e os repórteres. A improvisação cedeu vez à pesquisa; o aventureirismo – marca de uma atividade heroica – deu lugar à organização, ao método; a coragem abriu espaço para a sabedoria; o individualismo foi substituído pela equipe; o empirismo evoluiu para a sistematização – contudo, o espírito de investigação, curiosidade, desafio e surpresa mantêm-se inalterado. (BAHIA, 2009, p.63)

Segundo Abreu (2000), atualmente todos os jornais diários têm sites com grande riqueza de multimídias. Buscaram se consolidar nesse novo mercado e ampliar o número de leitores para seus veículos impressos:

o jornalismo on-line disponibiliza a notícia em tempo real, a periodicidade da informação pode ser a cada minuto, hora, dia, semana e mês, cabe ao internauta fazer a opção, ele pode escolher as notícias que lhe interessam, bastando se cadastrar e escolher os temas. (ABREU, 2000, p.57)

Dines (1986) defende a ideia que o leitor está cada vez mais exigente, buscando uma aproximação maior com a notícia relatada. Ressalta-se a visão que o público não quer apenas ler a notícia, mas também opinar e participar da mesma:

o leitor de hoje não quer apenas saber o que acontece à sua volta, mas assegurar-se da sua situação dentro dos acontecimentos, isto só se consegue com o engrandecimento da informação a tal ponto que ela contenha os seguintes elementos: a dimensão comparada, a remissão ao passado, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro. (DINES, 1986, p.90)

A reciprocidade entre leitor e jornal dependerá da forma com que o veículo elucidará suas notícias ao público. Dines (1986) conclui sua visão ressaltando que pode haver esse elo entre o jornal e leitor. Para isso, basta que o impresso seja influente e aceito pelos critérios do público:

uma grande tiragem, hoje em dia, é circunstancial e pode baixar repentinamente, desde que o jornal deixe de apresentar algumas das suas características, já uma audiência amarrada à independência de um jornal – e apenas às suas eventuais atrações – é a garantia de um jornal lido, aceito, respeitado e, sobretudo, influente, tanto nas informações quanto nas mensagens publicitárias. (DINES, 1986, p.85)

CAPÍTULO II

JORNALISMO NA TV

Para uma maior compreensão sobre jornalismo na TV, é considerado que aos jornalistas cabem o cumprimento dos dos critérios conferidos. O autor Jaspers (1998) relata no livro “Jornalismo Televisivo” que os profissionais da televisão devem seguir um padrão no que diz respeito à veracidade dos fatos e respeito às fontes. Jaspers (1998) afirma que os jornalistas têm o dever de:

respeitar a verdade, sejam quais forem as consequências para o profissional, este dever implicar, por um lado, a verificação (ou comparação) de toda a informação, [...], publicar apenas informações cuja origem é conhecida; não suprimir as informações essenciais nem alterar os textos e documentos. (JESPERS, 1998, p.26)

No âmbito do jornalismo televisivo, relata-se que o jornalista pode exercer várias funções para a produção da reportagem. Yorke (1998) ressalta sobre o papel do profissional da TV que produzirá a notícia, e ele deverá se desdobrar para a divulgação das reportagens:

em algumas organizações, os repórteres fazem apenas reportagens; em outras, espera-se que eles se desdobrem em operadores de câmera ou editores de imagem, embora o cargo possa abranger quaisquer deveres, ou todos, o que geralmente distingue os repórteres de outros jornalistas de televisão é o fato de eles conseguirem uma história, isso significa assumir responsabilidade editorial pelo conteúdo. (YORKE, 1998, p.18).

A linguagem do jornalista na TV, segundo Yorke (1998), deve ser direta e precisa. Sugere-se que ao divulgar a notícia o profissional seja cuidadoso na elaboração da mesma, pois o público só entenderá a mensagem se houver clareza nas palavras do jornalista:

a insistência para que os repórteres usem uma linguagem direta e coloquial não significa que devam descuidar da qualidade, o que se quer é a palavra mais adequada e precisa, [...], a linguagem precisa ser clara, simples, direta e precisa. (YORKE, 1998, p.62-63)

Os telejornais, segundo Bistane e Bacellar (2006), têm a função de trabalhar em equipe para que os telespectadores recebam as notícias com alto padrão de qualidade e credibilidade:

a rotina dos telejornais é encarar o desafio de trabalhar sempre em equipe e descobrir como é fascinante produzir notícias que podem chegar a milhares de telespectadores e, de alguma forma, mudar a vida deles para melhor, conquistar credibilidade é a satisfação de um profissional que se dedica à incansável tarefa de informar, e da melhor forma possível. (BISTANE; BACELLAR, 2006, p.10)

As autoras Bistane e Bacellar (2006) ressaltam que “o repórter é um contador de histórias, e, histórias com personagens reais, que nem sempre terminam bem”. Nesse âmbito do telejornalismo, as autoras salientam que:

há enredo, protagonistas, hora e local onde se desenrolam os fatos, e também um motivo, trata-se do *lead*⁶, com as perguntas indefectíveis: como, onde, quando, quem e por quê, a diferença é que, ao contrário da pirâmide invertida dos jornais impressos, na Tv a reportagem não precisa ter início respondendo essas perguntas. (BISTANNE; BACELLAR, 2006, p.13)

Na televisão as matérias podem começar de formas e maneiras das mais diversas possíveis. Afirma-se que a imagem, o som e o texto lido pelo jornalista podem aparecer de vários aspectos:

na televisão, a matéria pode e deve começar das mais diferentes maneiras, em alguns casos, o melhor para abrir o vt⁷ pode ser uma boa imagem de impacto. Ou, quem sabe, um barulho revelador, ou, ainda, uma declaração importante, poética ou completamente inusitada. (BISTANNE; BACELLAR, 2006, p.13)

Segundo Bistane e Bacellar (2006), o texto que será divulgado pelo apresentador da notícia deve ser de forma direta e sucinta: “devemos falar com o telespectador de maneira coloquial, direta, com frases curtas para facilitar o entendimento, a comunicação deve ser instantânea”. As autoras afirmam que para que haja reciprocidade do público as frases deverão ser de fácil entendimento e diretas, pois: “não podemos nos esquecer de que disputamos a atenção com tudo o mais que acontece ao redor do telespectador, e isso considerando os atentos, que ligam a TV para assistir ao noticiário”.

Já Bourdieu (1997) refere-se ao campo jornalístico televisivo como uma grande arma de influência sobre opinião pública. O autor defende a ideia de que os efeitos do

⁶ Lead é um termo do jornalismo americano aderido pelo jornalismo brasileiro, onde são respeitadas as cinco perguntas que são: como, onde, quando, quem e por quê.

⁷ Vt. é abreviação de (videoteipe), são as imagens de abertura de uma reportagem, no âmbito jornalísticos é considerado “chamadas de reportagens”.

jornalismo sobre os telespectadores dependerão da forma que o mesmo será estruturado e divulgado:

o campo jornalístico impõe sobre os diferentes campos de produção cultural um conjunto de efeitos que estão ligados, em sua forma e sua eficácia, à sua estrutura própria, isto é, à distribuição dos diferentes jornais e jornalistas segundo sua autonomia com relação às forças externas, as do mercado dos leitores e as do mercado dos anunciantes. (BOURDIEU, 1997, p.102)

Yorke (1998) elucida alguns erros que os jornalistas cometem ao produzirem as reportagens para os programas de TV, alerta aos profissionais que forem produzir as reportagens atenção para minimizar os desvios.:

o primeiro erro é tentar colocar mais palavras do que permite a duração das imagens, o segundo erro é escrever sem prestar a devida atenção ao conteúdo das imagens, o terceiro erro é produzir várias frases que explicam exatamente aquilo que o público é capaz de ver por si próprio e o quarto erro é descuidar da precisão. (YORKE, 1998, p.72).

Já Jaspers (1998) sugere que as limitações que pesam no jornalismo televisivo, tanto na preparação da mensagem virtual como da mensagem real, podem ser resumidas da seguinte maneira:

o imediatismo, a predominância da imagem, o contágio do divertimento, a ausência de especificidade do público, os efeitos da competição para as audiências, a brevidade, o pensamento único, a dependência relativamente à fonte, a participação pessoal do jornalista, a fugacidade do discurso, o choque da imagem e do som e a fraca credibilidade. (JASPERS, 1998, p.65)

2.1 O Jornalismo na Televisão Brasileira e Conceito de Notícias

Em “60 Anos de Telejornalismo no Brasil”, temos a informação de que a televisão brasileira foi inaugurada em 18 de setembro de 1950. No entanto, nesse período, o rádio era o veículo mais popular do país:

a televisão brasileira foi inaugurada oficialmente no dia 18 de setembro de 1950, em estúdios precariamente instalados em São Paulo, graças ao pioneirismo de Assis Chateaubriand, o rádio era o veículo de comunicação mais popular do país na época. (VIZEU; PORCELLA; COUTINHO, 2010, p.23)

A televisão foi implantada pelo empresário brasileiro Assis Chateaubriand, este empresário trouxe dos Estados Unidos todos os equipamentos que eram necessários para a montagem de uma emissora aqui no Brasil:

a televisão começou a ser implantada em fevereiro de 1949, quando Chateaubriand adquiriu junto à empresa americana RCA Victor, cerca de 30 toneladas de equipamentos necessários para montar uma emissora. (VIZEU; PORCELLA; COUTINHO, 2010, p.23)

O que alavancou o crescimento da televisão no Brasil, segundo Vizeu, Porcella e Coutinho (2010) foi o favoritismo político. Por conta dele, os mesmos concederam licenças para explorações de novos canais:

o crescimento inicial da televisão, a partir de 1950, pode ser atribuído ao favoritismo político, o qual concedia licenças para a exploração de canais sem um plano pré- estabelecido, [...], mas a proliferação de estações de televisão começou antes do golpe militar de 1964⁸, durante a administração do Presidente Juscelino Kubitchek (1956-1961). (VIZEU; PORCELLA; COUTINHO, 2010, p.24)

Afirma-se que no início a televisão brasileira não conseguia atrair anunciantes e sua audiência era baixa. Por conta disso, as agências de publicidade estrangeiras começaram a utilizar a televisão como veículo publicitário, e os patrocinadores detinham o poder sobre os programas que seriam produzidos:

no seu início a televisão não atingia uma grande audiência, também não conseguia atrair os anunciantes, mas as agências de publicidade estrangeiras, instaladas no Brasil, e que já possuíam experiência com esse veículo publicitário, passando a decidir, também o conteúdo dos programas, nos primeiros anos os patrocinadores determinavam os programas que deveriam ser produzidos e veiculados. (VIZEU; PORCELLA; COUTINHO, 2010, p. 25)

Conforme a citação acima, a televisão era mantida por patrocinadores que visavam divulgar o nome de suas empresas nos programas televisivos. Surgiu então a ideia dos programas terem o nome dos patrocinadores:

durante duas décadas de nossa televisão, os programas eram identificados pelo nome do patrocinador, em 1952, e por vários anos subsequentes, os telejornais tinham denominações como: "Telenotícias Panair", "Repórter Esso", "Telejornal Pirelli", "Telejornal Bendix", "Reportagem Ducal", os demais programas tinham nome do patrocinador: "Gincana Kibon", "Sabatina Maisena" e "Teatrinho Trol. (VIZEU; PORCELLA; COUTINHO, 2010, p.25)

⁸ Golpe de Estado no Brasil em 1964 designa o conjunto de eventos ocorridos em 31 de março de 1964 no Brasil, que culminaram, no dia 1º de abril de 1964, com um golpe militar que encerrou o governo do presidente democraticamente eleito João Goulart.

Em “60 anos de Telejornalismo no Brasil”, relata-se sete fases do desenvolvimento da TV no Brasil, onde cada fase levou em conta o desenvolvimento da televisão dentro do contexto socioeconômico, político e cultural do País:

a fase elitista (1950-1964), quando o televisor era considerado um luxo ao qual apenas a elite tinha acesso; a fase populista (1964-1975), quando a televisão era considerada um exemplo de modernidade e programas de auditório e de baixo nível tomavam grande parte da programação; a fase do desenvolvimento tecnológico (1975-1985), quando redes de TV se aperfeiçoaram e começaram a produzir com profissionalismo; a fase da transição e da expansão internacional (1985-1990), durante a Nova República, quando se intensificam as exportações de programas; a fase da globalização e da TV Paga (1990-2000), quando o país busca a modernidade a qualquer custo e a televisão se adapta aos novos rumos da redemocratização; a fase convergência e da qualidade digital (2000-2010), com a tecnologia apontando para uma interatividade cada vez maior; a fase da Portabilidade, Mobilidade e Interatividade digital (2010-), quando o mercado de comunicação e o modelo de negócio vão se reestruturar pelas novas mídias. (VIZEU; PORCELLA; COUTINHO, 2010, p.27)

No âmbito televisivo a narrativa é essencial para o público compreender os fatos cotidianos. Defende-se a ideia de que a narrativa do jornalismo na TV faz o público vivenciar os fatos ocorridos:

a televisão é, por excelência, um espaço enunciativo que privilegia narrativas que se voltam para o que vem sendo chamado de história do presente, o conjunto de fatos cotidianos da vida social do país, no caso do jornalismo, a narrativa dramatiza as ações e oferece ao leitor não apenas conteúdos, mas um modo de vivenciar relações sociais. (VIZEU; PORCELLA; COUTINHO, 2010, p. 161)

Em termos de notícias, relata-se que a consolidação da notícia para um público-alvo abarcará em sua memorização. Esse processo para a televisão se faz necessário para se obter reciprocidade do telespectador:

a transformação de um acontecimento em notícia se dá a partir de um jogo entre referência (o processo de representação dos personagens e das ações) e a memória social já existente, assim, a notícia vai consolidar uma memória anterior. (VIZEU; PORCELLA; COUTINHO, 2010, p.161)

Na visão de Bistane e Bacellar (2006), os jornalistas procuram observar quais as notícias que serão mais relevantes para um impacto no público. Sugere-se que cada veículo midiático terá seus recursos próprios para a elaboração dessas notícias impactantes:

para os jornalistas, os assuntos são considerados relevantes à medida que interessam a um grande número de pessoas, quando causam impactos ou afetam a vida dos cidadãos, esse conceito de notícia se aplica a todos os veículos, o que muda é a maneira como as informações são transmitidas, cada veículo tem linguagem, limitações e recursos próprios. (BISTANE; BACELLAR, 2006, p.41)

No que se diz respeito às reportagens, Bistane e Bacellar (2006) afirmam que: “repórteres e cinegrafistas fazem um recorte da realidade ao formular uma pergunta, ao escolher um enquadramento”. Os profissionais da notícia são de suma importância na elaboração das reportagens, até nas escolhas das imagens que os mesmos usam para a divulgação das notícias:

uma imagem é capaz de garantir a veiculação de um assunto que talvez nem fosse ao ar se o cinegrafista não tivesse a sorte de captar o flagrante, imagens dão credibilidade e força à notícia, sobretudo às denúncias. (BISTANE; BACELLAR, 2006, p.41)

Flusser (1985) defende a ideia de que imagens são essenciais para a compreensão das mensagens elucidadas. O autor relata que imagens representarão os códigos da mensagem que será divulgada:

o caráter mágico das imagens é essencial para a compreensão das suas mensagens, imagens são códigos que traduzem eventos em situações, processos em cenas, não que as imagens eternizem eventos, mas elas substituem eventos por cenas. (FLUSSER, 1985, p.14)

Por outro lado, a falta de uma imagem, segundo Bistane e Bacellar (2006), não tira a credibilidade de uma notícia se a mesma for feita de forma bem explicativa ou até mesmo se o repórter entrar ao vivo na programação:

se uma imagem é capaz de incluir determinado assunto no telejornal, a falta dela não pode ser motivo de exclusão, uma nota curta⁹, lida pelo apresentador, cumpre a função de informar, se o assunto merecer, pode-se optar por uma entrada com repórter, ao vivo do local. (BISTANE; BACELLAR, 2006, p.42)

Para Jaspers (1998), o jornalismo televisivo implicará no empenho do jornalista para a obtenção de uma boa reportagem. O autor relata que o profissional da TV necessitará de um trabalho de elaboração sobre: “investigação prévia, documentação, pesquisa de arquivos visuais, e sonoros e entrevista de testemunhos do passado,

⁹ Notícia divulgada pelo apresentador do telejornal onde a mensagem é rápida e sucinta.

trata-se de um trabalho de equipe, combinando várias técnicas de midiatização”. (JASPERS, 1998, p.51)

Quando uma notícia é divulgada ao vivo, salienta-se que tanto o repórter quanto o telespectador estão sujeitos a serem surpreendidos pelos acontecimentos do momento. Martino (2014) afirma que o acontecimento pode ser testemunhado de maneira real:

na transmissão ao vivo, o repórter e telespectador parecem colocados no mesmo nível diante do acontecimento, os dois podem ser surpreendidos ao mesmo tempo, proximidade reforçada pela ideia de que a câmera está objetivamente mostrando a imagem. (MARTINO, 2014, p.157)

Uma transmissão ao vivo também é sujeita aos mesmos padrões de controle de qualquer outra. Martino (2014) pondera que pode acontecer o inesperado a qualquer momento quando se faz transmissão ao vivo:

transmissões ao vivo estão sujeitas aos mesmos padrões de controle, na mídia há pouco espaço para improvisação nesse nível de acontecimentos para impedir o acaso, o contato com a realidade é sempre planejado em alguma medida, o resultado é uma flutuação: o que está sendo transmitido ao vivo é real, mas no sentido de que se trata de uma realidade filtrada a partir de escolhas. (MARTINO, 2014, p.157)

Estudiosos como Martino (2014) defendem a ideia de que a realidade na televisão é um paradoxo. Segundo Martino (2014), “a imagem nunca é real, por mais autêntica que seja, a lente da câmera é limitada, existe uma realidade invisível para além dos quadros”. O autor quer nos elucidar que a televisão tem seus limites, por mais que ela queira nos contar o acontecimento no todo, não conseguirá, pois o que será divulgado é aquilo que as lentes das câmeras, que são limitadas, irão mostrar aos telespectadores:

a lente da câmera é limitada, a maior parte do conteúdo televisivo segue um tipo de roteiro, por mais solto que seja, e, em última instância, há uma questão de tempo, programas de televisão têm duração fixa e o conteúdo deve caber dentro desses limites – o que ficar de fora não existe para o telespectador, assim, a possibilidade da televisão mostrar a realidade se dissolve em um paradoxo, quanto mais a televisão se programa para mostrar a realidade, mais distante fica dessa representação. (MARTINO, 2014, p. 157)

O autor Aronchi (2015) afirma em seu livro: “Gêneros e Formatos da Televisão Brasileira”, que o público alcançado pelas programações televisivas pode variar

segundo suas preferências. O autor sugere que a emissora que produz as reportagens deva adotar alguns critérios para o alcance do gosto de seus telespectadores:

a estratégia de programação de cada emissora adota critérios que promovem a divisão do mercado e tem se baseado na classe social dos telespectadores, o que, supostamente, indica uma série de padrões de consumo e gostos relacionados com a programação. (ARONCHI, 2015, p.54)

Para se compreender melhor o que é uma programação televisiva e quais são as ferramentas que os profissionais adotam para ter a reciprocidade do público, Aronchi (2015) salienta que:

programação é o conjunto de programas transmitidos por uma rede de televisão, o principal elemento da programação é o horário de transmissão de cada programa, um dos conceitos criados pelas redes é chamado horizontalidade da programação. (ARONCHI, 2015, p.54)

Esse conceito de horizontalidade de programação pode ser definido como as estratégias utilizadas pelas emissoras para compreender as exigências bem detalhadas do público. Aronchi (2015) explica que:

a programação horizontal significa, em resumo, a estratégia utilizada pelas emissoras para estipular um horário fixo para determinado gênero todos os dias da semana, como objetivo de criar no telespectador o hábito de assistir ao mesmo programa nesse horário. (ARONCHI, 2015, p.55)

Conforme se observa acima, o público-alvo é estudado pela emissora, porque criar hábito no telespectador faz parte das estratégias das emissoras. Segundo Aronchi (2015), outro fator de suma importância é a imagem que a emissora construirá junto aos seus programas:

outra razão muito importante para a programação de uma rede é de que um programa ou um conjunto de programas constrói a imagem da própria emissora da televisão, o aumento do número de programas de determinado gênero na mesma emissora promove uma imagem que torna a rede conhecida pelo público quando este escolhe seus programas favoritos. (ARONCHI, 2015, p.56)

Em termos de elaboração de reportagens para a programação televisiva, Flossi (2012) observa que o elo entre público e mídia é de suma importância também para a publicação das notícias. O autor relata que o público gosta de ajudar os jornalistas e que todo ser humano tem um pouco de repórter em si:

as pessoas gostam de ajudar os jornalistas e passar-lhes informações, dessa forma, participam da reportagem e se sentem bem com isso,

depois se realizam quando leem o que informaram publicado em jornal ou revista ou divulgado pelo rádio ou pela televisão, a imprensa exerce esse fascínio sobre o ser humano porque, na verdade, todo ser humano é um repórter. (FLOSSI, 2012, p.47)

Já Martino (2014) elucida que temos de ter certo tipo de cautela com a televisão no que diz respeito à realidade. Martino (2014) diz que “é necessário algum cuidado para não ir muito longe na ideia de que televisão e realidade são uma coisa só”. O autor quer transparecer a ideia de que o público deve entender que a televisão tem seus objetivos, e um deles é conseguir com seus programas o máximo de pessoas que abarcarão todas as ideias transmitidas:

a televisão não se apropriou da realidade só por questões estéticas, mas porque descobriu na vida cotidiana um depósito de histórias, dramas, relações humanas e conflitos que poderia se adaptar de maneira rápida e simples à lógica específica dos meios de comunicação. (MARTINO, 2014, p.159)

O autor Maciel (1995) ressalta que a televisão tem grande poder de prender o ser humano por suas programações. O autor salienta que esse veículo de comunicação detém a hegemonia de mexer com os sentidos do ser humano:

a televisão é o único veículo de comunicação de massa que mobiliza dois dos sentidos humanos mais importantes ao mesmo tempo: a audição e a visão, um deles a visão, certamente é o mais importante dos sentidos humanos, não só porque é através da visão que o homem estabelece a maior parte das relações com o mundo, mas também porque é através do olhar que as pessoas seduzem e são seduzidas, é através da relação olho-no-olho que se estabelece a verdade e a credibilidade entre as pessoas. (MACIEL, 1995, p.15)

Uma notícia¹⁰ quando divulgada com uma boa imagem poderá abarcar a aceitação do público. Maciel (1995) defende a ideia de que a televisão tem de divulgar a notícia com uma imagem, que é uma das características do veículo de comunicação:

uma notícia é sempre uma notícia, independente do veículo utilizado para sua transmissão, no caso da televisão, para levar a notícia de maneira adequada ao telespectador o jornalista não pode esquecer-se das características próprias da televisão, a principal dessas características ensina que o fundamental na televisão é a imagem. (MACIEL, 1995, p.43)

¹⁰ Notícia é, por definição, um fato novo de interesse social.

O autor do livro “Jornalismo na TV”, Gontijo Teodoro, que também foi diretor do departamento de telejornalismo da TV Tupi¹¹ do Rio de Janeiro, ressalta que as emissoras de TV não divulgarão notícias que possam constranger seus anunciantes ou patrocinadores:

embora não transpareça e não chegue até o público telespectador, as emissoras não dão divulgação à notícia que fira interesses de seus anunciantes, a escolha da notícia para veiculação depende, em muitos casos, da filosofia política e, em certos casos, econômica, que rege e orienta o veículo. (TEODORO, 1980, p.61)

Teodoro (1980) afirma também que a: “supervalorização dos espaços na TV exige que todas as notícias sejam de primeira grandeza”. O autor mostra que a informação divulgada detém grau de importância para merecer a escolha e ser veiculada. Teodoro (1980) conclui que: “o noticiário de TV traz, mastigado, para a massa, o desenrolar do dia-a-dia, poupando o leitor o esforço imaginativo”. O autor mostra que as notícias, quando bem elaboradas e divulgadas, detém essa função de informar o público de forma simples e clara.

2.2 Jornalismo Literário

Para Pena (2016), jornalismo literário “não se trata da oposição entre informar ou entreter, mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados”. Conforme se observa nessa visão, o jornalismo literário é a junção da informação e entretenimento. Sodré (1999) relata que o jornalismo literário inicialmente era confundido com a literatura, pois era redigido por literatos e eram poucos que compreendiam as informações naquele período de 1808, quando a corte portuguesa migrou para o Brasil “o noticiário era redigido de forma difícil e empolado, o jornalismo feito ainda por literatos era confundido com literatura”.

O jornalismo passou por algumas mudanças e pensamento, dentro dessas mudanças importantes surge nos anos 1960 uma corrente chamada jornalismo literário, ou como alguns autores irão dizer o “Novo Jornalismo”. O autor do livro “Fama e Anonimato”, Gay Talese (2004), é um desses autores que defendem a ideia que o jornalismo aderiu elementos literários no texto: “a maioria dos textos deste livro se

¹¹ Foi a segunda emissora de TV a ser inaugurada no Brasil, no ano de 1960, depois da TV Tupi São Paulo.

enquadra num tipo de reportagem que se costuma classificar de “novo jornalismo”, “nova não-ficção” ou parajornalismo, sendo a última, uma forma pejorativa”.

Pena (2016) sugere que jornalismo literário “não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem”. O autor defende a ideia que jornalismo literário é muito mais que inserir literaturas em textos, o mesmo diz que o conceito é muito mais amplo:

significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, 2016, p.13)

Dejavite (2006), autora do livro “Infotimento, informação mais entretenimento no jornalismo”, relata que o jornalismo literário já era registrado nos primeiros jornais brasileiros:

o primeiro registro de assuntos considerados de entretenimento na imprensa brasileira tenha sido encontrado no primeiro jornal brasileiro, o Correio Brasiliense ou Armazém Literário, esse veículo era composto de seções como: Política (com documentos oficiais, nacionais e estrangeiros); Comércio e Artes (incluindo o comércio nacional e estrangeiro), Literatura & Ciência (informações científicas e literárias, com críticas de livros estrangeiros); e Miscelânea (que trazia assuntos variados, entre outras seções). (DEJAVITE, 2006, p.82)

O termo jornalismo literário dá margem a uma série de diferentes interpretações sobre seu significado. Pena (2016) diz um desses significados “está vinculado a textos exclusivamente literários, apenas veiculados em jornais, já outro significado é a junção da finalidade informativa com uma estética narrativa apurada”. (PENA, 2016, p.35)

Já no Brasil, Pena (2016) relata que sobre as diferentes classificações do jornalismo literário, o autor afirma que:

o jornalismo literário também é classificado de diferentes maneiras, para alguns autores, trata-se simplesmente do período da história do jornalismo em que escritores assumiram as funções de editores, articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XVIII. (PENA, 2016, p.21)

O autor elucidou na citação acima a visão de alguns autores sobre o complexo tema “jornalismo literário”. Mas para outros autores, segundo Pena (2016), o jornalismo literário:

refere-se à crítica de obras literárias veiculada em jornais, há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *New*

Journalism, iniciado nas redações americanas da década de 1960, e também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção-jornalística. (PENA, 2016, p.21)

Pena (2016) traça um quadro evolutivo de cinco épocas distintas do jornalismo, em que ele aponta as características do jornalismo e do jornalismo literário:

pré-história do jornalismo: de 1631 a 1789, caracterizada por uma economia elementar, produção artesanal e forma semelhante ao livro, primeiro jornalismo: 1789 a 1830, caracterizada pelo conteúdo literário e político, com texto crítico, economia deficitária, e consolidação da economia de empresa, segundo jornalismo: 1839 a 1900, chamada de imprensa de massa, marca o início da profissionalização dos jornalistas, a criação de reportagens e manchetes, a utilização da publicidade e a consolidação da economia da empresa. (PENA, 2016, p.28)

Já nos outros dois períodos do jornalismo, segundo Pena (2016), observa-se uma mudança no quesito tecnologia e escrita, o autor afirma que no:

terceiro jornalismo: 1900 a 1960, chamada de imprensa monopolista, marcada por grandes tiragens, influência das relações públicas, grandes rubricas políticas e fortes grupos editoriais que monopolizam o mercado, quarto jornalismo: de 1960 em diante, marcada pela informação eletrônica e interativa, como ampla utilização da tecnologia, mudança das funções dos jornalistas, muita velocidade na transmissão de informações, valorização do visual e crise da imprensa escrita. (PENA, 2016, p.28)

Conforme se abarca nas considerações acima, Pena (2016) afirma que “a influência da literatura na imprensa está mais presente nos chamados primeiro e segundo jornalismo”. A literatura no jornalismo iniciou-se no século XIX. Pena (2016) faz uma breve ressalva da forma como e onde se oriunda a literatura no jornalismo:

a literatura na história do jornalismo, os jornais estavam muito próximos da literatura, primeiro por causa da linguagem utilizada e, segundo, pela enorme presença de escritores na imprensa, seja como editores, repórteres e cronistas, seja como autores dos folhetins, narrativas romanescas cujos capítulos eram publicados nos periódicos e atraíam um grande número de leitores. (PENA, 2016, p.40)

No entanto, a partir de 1950, nota-se uma queda da presença do jornalismo literário paulatinamente. As preocupações com as novidades como, por exemplo, um

termo chamado “*fait divers*”¹² que, segundo Pena (2016), assume a função principal da pauta:

a partir da virada do século, no entanto, essa presença começa diminuir sensivelmente, na década de 1950, com as transformações estilísticas e gráficas dos jornais, a mudança já está consolidada, a objetividade e a concisão substituem as belas narrativas, a preocupação com a novidade e os *fait divers* assume a função principal na pauta, a literatura é apenas um suplemento. (PENA, 2016, p.40)

A autora do artigo “O Jornalismo Literário e a Crise do Jornalismo Impresso”, Lídia Porto Martins, relata que o jornalismo literário surgiu em 1960 sobre os méritos de um grupo de jornalistas americanos que estavam cansados da mesmice de textos de jornais e revistas da época, conhecido nos EUA como *New Journalism*:

o jornalismo literário surgiu nos Estados Unidos, em meados da década de 1960, como alternativa à pretensão de objetividade que predominava no jornalismo então vigente. Um grupo de jornalistas, cansado da mesmice dos textos produzidos por jornais e revistas, abandonou os dogmas dessa forma tradicional de fazer jornalismo. Profissionais da imprensa começaram a deixar de lado a preocupação com o fato e a notícia para produzir textos que trabalhavam a reflexão, o imaginário e a divulgação de obras literárias. Essa forma de escrever, que os estadunidenses chamaram de *new journalism*, no Brasil, foi batizado de jornalismo literário. (MARTINS, 2005, p.27)

A autora Lídia Martins relata também que a partir do momento em que os jornalistas escreviam os textos com esses preceitos literários, as reportagens deixavam de ser simples relatos e passavam a ser textos nos quais continham as experiências dos jornalistas:

em meio à agitação da contracultura, cujo mote era provocar mudanças sócio-culturais profundas, esse grupo começou a produzir textos jornalísticos que usavam preceitos literários. A reportagem deixava de ser um simples relato para se transformar num texto que reconstruía detalhes a partir da experiência do jornalista. O trabalho passou a valorizar a figura do repórter e deu-lhe liberdade para se concentrar em minúcias da reportagem. O registro de gestos, cenários, sensações, diálogos e roupas tornaram-se importante para o relato jornalístico. (MARTINS, 2005, p.27)

¹² *Fait Divers* (fatos diversos), é uma expressão de jargão jornalístico e, por extensão, um conceito de teoria do jornalismo que designa os assuntos não categorizáveis nas editorias tradicionais dos veículos (política, economia, internacional, desportos). Tais excertos tornam-se noticiosos por apresentarem casos inexplicáveis e excepcionais.

Em suma, Lúcia Martins conclui que o jornalismo literário visa concentrar-se na qualidade de cada reportagem. A autora afirma também que esse *New Journalism* ou Jornalismo Literário abrange em suas vertentes conceitos diferentes dos quais os profissionais estão acostumados, em que um deles é a regra do *lead*:

para o jornalismo literário, mais importante do que veicular imensa quantidade de notícias é concentrar na qualidade de cada reportagem. A vertente ignora regras do lead e, por meio da singularidade de cada matéria, abre caminhos próprios para o jornalista concentrar em minúcias da reportagem. Sem sombra de dúvida, pode-se dizer que, além dos benefícios do produto final oferecido ao público, esse novo ambiente de qualificação dos repórteres permitiu a ampliação do foco da profissão. (MARTINS, 2005, p.28)

O autor Gay Talese defende esse conceito do *New Journalism* ou Jornalismo literário e afirma: “o novo jornalismo não é ficção, ele é, ou deveria ser, tão fidedigno quanto a mais fidedigna reportagem, embora busque uma verdade mais ampla que a obtida pela mera compilação de fatos”. Talese (2004) salienta que o novo jornalismo permite uma abordagem mais imaginativa, ficando a critério do autor a forma de inserir-se ou não na narrativa:

o novo jornalismo permite, na verdade exige, uma abordagem mais imaginativa da reportagem, possibilitando ao autor inserir-se na narrativa se assim o desejar, como fazem muitos escritores, ou assumir o papel de um observador neutro, como outros preferem. (TALESE, 2004, p.9)

CAPÍTULO III

A HISTÓRIA DO FANTÁSTICO, O “SHOW DA VIDA”

O programa Fantástico é considerado uma revista eletrônica, e segundo Aronchi (2015), “o formato também é classificado como gênero da categoria entretenimento, aplicado aos programas da categoria informação”. Aronchi (2015) relata que “no contexto televisivo brasileiro, revista eletrônica é um conceito que caracteriza determinados programas jornalísticos com um formato e conteúdo marcado por algumas propriedades”. Alguns dos programas que usam essa categorização aqui no Brasil são o Fantástico da Rede Globo e também o Domingo Espetacular da Rede Record.

Para uma melhor compreensão sobre o Fantástico, analisa-se o site “Memória Globo¹³”. Trata-se de um portal da emissora de televisão Globo que divulga a história de seus programas, novelas, entre outros.

O Fantástico exibiu sua primeira programação no ano de 1973. Nesse período, ainda predominava a televisão em preto e branco. O portal memória globo relata que no dia da primeira transmissão foram usadas as melhores tecnologias da época, em que a música e as imagens remetiam à ideia de um programa que viera para ser a novidade na televisão do público brasileiro:

a música de abertura impactava e era acompanhada de imagens que pareciam estar à frente do tempo, dançarinos com vestimentas similares às de circo dançavam sincronizados a uma música que já dizia o jargão: É Fantástico. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

No que diz respeito à implantação da cor à época, relata o portal que: “a cor não chegou, ela foi imposta”. Argumenta-se que naquele período, tempo em que predominava a ditadura militar¹⁴ (1964 -1985), o governo decidiu que a televisão brasileira deveria ser colorida assim como era na Europa:

o Brasil estava com uma situação financeira extraordinária, e o governo militar resolveu que a televisão brasileira tinha que ser colorida, isso era compatível com o primeiro mundo e havia uma mentalidade colonizadora onde havia a visão que o Brasil deveria ser como a Europa. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

¹³ Disponível em: <memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em: 20 mar.2017.

¹⁴ Período da política brasileira em que os militares governavam o Brasil, esta época vai de 1964 a 1985 e caracterizou-se pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura perseguição política e repressão aos que eram contra o regime militar.

Abarca-se que a pressão do governo sobre a Rede Globo de televisão nesse período foi ameaçadora. No site da emissora, o diretor José Bonifácio Sobrinho, mais conhecido como “Boni”, relatou a ordem do governo militar: “ou vocês fazem a televisão colorida ou caçamos o canal”.

O diretor “Boni”, que dirigiu a emissora no lançamento do programa Fantástico, relata no portal da Globo: “tivemos que mergulhar na televisão colorida, para agradar ao ministro da época, onde foi transmitido a “Festa da Uva¹⁵”, na qual a filha do ministro era a Rainha”. Boni comandou a direção geral da TV Globo, ao lado de Walter Clark, produtor executivo de televisão, que teve grande participação na primeira década no crescimento da Rede Globo. Sugere-se que José Bonifácio Sobrinho concebeu o formato básico da programação da TV Globo, além disso, promoveu importantes mudanças na área artística da emissora Globo, segundo o site memória globo.

Conforme as afirmações, Boni foi um dos precursores do programa Fantástico, que também é conhecido como “Show da Vida”, título atribuído pela emissora à época, segundo o site da emissora. Para Aronchi (2015):

programação é o conjunto de programas transmitidos por uma rede de televisão, e essa programação depende do horário de transmissão, é própria e estratégica, é feita de acordo com o mercado e com a classe social dos telespectadores, a programação é comandada por uma grade horária, a grade horária é montada de acordo com o resultado das pesquisas de audiência e a distribuição dos programas em determinados horários é divulgada pela emissora em uma grade semanal (ARONCHI, 2015, p.99)

Segundo o site Memória Globo, o Fantástico se diferenciava dos programas da época e lançava uma curiosidade em direção ao público brasileiro, que já estava acostumado com os programas da época:

o Fantástico era um programa diferente se comparado com os programas da época, o Show da Vida – título atribuído pela emissora despertava curiosidade e interesse do público brasileiro que estava até então acostumado a programas como o Repórter Esso¹⁶ e programa

¹⁵ Realizada desde 1931 para celebrar o progresso da viticultura introduzida pelos imigrantes italianos, a “Festa da Uva” é a principal atração de Caxias do Sul. Durante 15 dias, entre fevereiro e março, a cidade se transforma. A metrópole adere a sua metade colonial e provinciana para homenagear suas raízes.

¹⁶ Noticiário histórico do rádio e da televisão brasileira que seguia a versão americana do programa chamada de “Your Esso Reporter”. Foi o primeiro noticiário de radiojornalismo do Brasil que não se limitava a ler as notícias recortadas dos jornais, pois as matérias eram enviadas por uma agência internacional de notícias sob o controle dos Estados Unidos.

Silvio Santos¹⁷, que abusava dos quadros musicais e concursos.
(PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

Compreende-se que o programa Fantástico procurava uma diferenciação na grade da Globo, cujo objetivo era aderir o público-alvo da época a essa ideia da revista eletrônica aos domingos. Esse elo entre público e emissor de mensagem, segundo o autor Heródoto Barbeiro, que escreveu o livro “Você na Telinha”, é de suma importância. Barbeiro (2002) afirma que todo jornalista precisa de uma fonte e, muitas vezes, a fonte é o próprio público. Barbeiro (2002) comenta ainda que “sem fonte não há notícia”. O autor defende a ideia que o jornalista precisa da participação do público para a elaboração da reportagem:

o jornalista precisa que você conte os fatos, dê testemunhos e sua opinião para que as reportagens possam ser desenvolvidas e divulgadas para toda a sociedade, por isso os repórteres procuram cativá-los, se eles o procuram é porque você é um bom informante e está em um lugar estrategicamente importante. (BARBEIRO, 2002, p.13)

De acordo com o portal Memória Globo, um dos primeiros desígnios do Fantástico era fazer com que o jornalismo fosse considerado tão interessante para os telespectadores a ponto de ser identificado como um verdadeiro espetáculo. Segundo Barbeiro (2002), “o receptor é o senhor da comunicação”. Conforme essa ideia do autor, compreende-se a intenção do Fantástico de abranger o gosto do público para que houvesse reciprocidade entre ambos. Segundo o portal da Rede Globo, o programa Fantástico consistia basicamente em trazer os fatos sempre para o lado mais emocional, especulando os acontecimentos que mexiam com os sentimentos humanos. Relata-se no portal:

no entanto, na época do surgimento do programa, onde o mesmo ainda estava se firmando nos grandes centros de produção, a estratégia usada para tornar a notícia um espetáculo é feito desde a apuração até a apresentação dos repórteres, o grande receio era de exagerar na dose sem cair em apelações ou no sensacionalismo.
(PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

¹⁷ É um programa de televisão brasileiro de auditório e variedades, apresentado e criado pelo animador Silvio Santos e exibido pelo Sistema Brasileiro de Televisão.

Aronchi (2015) defende que isso poderia ser um ponto fraco desse gênero revista eletrônica, o autor salienta: “que revista eletrônica é uma tentação para desenvolver um programa com tudo que exista de formatos para preencher toda a duração com várias atrações”. Aronchi (2015) ainda diz que:

isso constitui um perigo potencial, pois pode descaracterizar o gênero e confundir o público, que não sabe o que vai assistir no programa e, na dúvida, muda de canal, apesar do perigo, os programas sempre utilizam essa fórmula, como o Fantástico, na Globo. (ARONCHI, 2015, p. 129)

Mesmo com todos esses perigos de aceitação do público, o Fantástico foi ascendendo gradativamente, servindo até de exemplo de formato de programa para outros países:

mais tarde, o Fantástico serviu de espelho para programas similares em países como Espanha e Itália, a emissora italiana RAI¹⁸, inclusive, chegou a colocar no ar, em 1979, um programa do mesmo tipo e formato, logo denunciado como plágio da atração da TV Globo. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

O autor Aronchi (2015) afirma sobre o programa Fantástico que: “os criadores implantam formatos, exibem-nos e veem o resultado, dando certo, a emissora investe pesadamente”. E ainda elucida que “o Fantástico continua servindo de padrão para o gênero revista eletrônica, por causa do inegável sucesso, que faz uma audiência de todos os níveis sociais ligarem a TV no domingo à noite”. (ARONCHI, 2015, p.173)

O programa Fantástico já perdura no ar há mais de 30 anos, sugere-se então que o programa obteve certa aceitação dos telespectadores. Por se tratar de um programa que possui várias editorias, o Fantástico, segundo Aronchi (2015, p.129), oferece ao público “há mais de trinta anos no ar, com noticiário, reportagens, quadros de mágica, videoclipes, humor, teledramaturgia, esportes, perguntas interativas e tudo mais que possa caber em quase duas horas de programa”.

Estudiosos como Neto (2008), autor do livro “Reportagem de Televisão”, defendem a ideia que “os principais meios de comunicação de massa da atualidade são: a televisão e a internet, um dos objetivos desses meios de comunicação é a divulgação das notícias”. Segundo o autor, a televisão é de suma importância na divulgação das notícias. Neto (2008) ressalta que “o jornalismo pretende descrever a realidade atual, e com o uso dos meios de comunicação, causar impacto sobre várias

¹⁸ Radio televisione Italiana (RAI) é uma empresa de televisão e rádio estatal italiana.

peças”. Compreende-se, segundo a visão do autor, o porquê de o programa Fantástico perdurar tanto tempo nas televisões do público brasileiro, pois além de ser um programa que mescla entretenimento com informação, O Show da Vida também oferece reportagens e um noticiário aos telespectadores:

oferece entretenimento e informação em doses bem equilibradas, com grandes reportagens e noticiário resumido dos assuntos em pauta no Brasil e no mundo, dá ao telespectador a sensação de estar bem informado sobre tudo – política, economia, artes e até os desastres no seu bairro ou no mundo. (ARONCHI, 2015, p. 129-130)

O site Memória Globo acrescenta que uma das características peculiares do Fantástico são os efeitos especiais, resultado de pesados investimentos em computadores e *softwares*. Afirma-se que no caso do Fantástico, a emissora recorre também a um dos métodos mais simples e mais rudimentares da televisão, o “*chroma-key*”¹⁹, usado para separar o primeiro plano do fundo, de modo a possibilitar a escolha de uma nova imagem de fundo. O portal da emissora Globo aponta:

essa revista eletrônica dominical tem uma linha editorial que se propõe combinar jornalismo e entretenimento, é um programa de variedades para ser visto no fim de noite de domingo, uma revista eletrônica que o telespectador vai literalmente “folheando” bloco a bloco, onde é possível encontrar uma grande e diversificada gama de assuntos. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

Para o autor Barbeiro (2002), o telespectador possui duas funções, o autor chama-as de: “cidadão e consumidor”. Barbeiro (2002) pondera que o público julgará o que é importante para sua vida, após assistir a alguma programação:

do outro lado da telinha, sentado na sala de casa ou na poltrona de um avião ou ônibus, está o telespectador, podemos chamá-lo de cidadão, ou de consumidor, normalmente ele é as duas coisas ao mesmo tempo, nestas condições, ele cada vez mais opina, influi e decide sobre o que gosta e o que julga importante para sua vida, ele está lá vendo e formando sua opinião crítica continuamente. (BARBEIRO, 2002, p.17-18).

A autora do livro “Jornalismo Além da Notícia”, Ada Cristina Machado da Silveira, ressalta que: “a televisão é o meio de comunicação mais abrangente no Brasil”. Para Silveira (2002, p.77), a reportagem transmitida pela televisão é a forma

¹⁹ Técnica de processamento de imagens cujo objetivo é eliminar o fundo de uma imagem para isolar os personagens ou objetos de interesse que posteriormente são combinados com outra imagem de fundo.

mais propícia para se divulgar os fatos ocorridos de uma notícia: “a reportagem é a forma mais longa, aprofundada e privilegiada de se contar histórias, o repórter é personagem imprescindível na construção social da realidade, fato que lhe atribui grande responsabilidade social.

Conforme os editores do programa Fantástico afirmam no site Memória Globo, o “Show da Vida” possui um estilo de programa variado, ressaltando o texto das notícias que os apresentadores do programa noticiam ao público, sendo mais sucintos, ou seja, mais simples do que o texto do jornalismo diário que geralmente trabalha com o factual. Afirma-se também que os fatos são contados de maneira mais solta, sem, no entanto, prejudicar a comunicação com o telespectador. No que diz respeito à criação do programa, o portal contextualiza que:

o Fantástico foi criado pelo então diretor de operações da Rede Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, para substituir o programa jornalístico “Só o Amor Constrói”²⁰ (1973), Boni queria uma revista visualmente sofisticada que trabalhasse com a realidade e a ficção, representadas pelo jornalismo, pela dramaturgia e pela linha de shows, um projeto especial que contou com o envolvimento de toda a Globo. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

O diretor José Bonifácio Sobrinho, o Boni, fazia diversas reuniões com uma vasta equipe de profissionais para a escolha do nome do programa. Conforme nos relata o site da emissora Globo, Boni sugeria o nome “Show da Vida”, mas o produtor musical e jornalista Ronaldo Bôscoli sugeriu “Fantástico”:

durante os encontros que Boni tinha com Ronaldo Bôscoli (produtor musical e jornalista), discutiam-se a diversidade de assuntos que fariam parte da nova atração, Bôscoli sugeriu o nome “Fantástico”, mas, Boni preferia o nome “Show da Vida”, título de trabalho do projeto, depois de breves discussões decidiram-se juntar as duas ideias, e o programa foi batizado com o nome “Fantástico o Show da Vida. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

O diretor Boni relata em seu livro, “O Livro do Boni”, que o Fantástico foi a primeira revista eletrônica da TV brasileira. Sobrinho (2011) afirma ainda que os jornalistas Luiz Lobo e Luiz Edgar de Andrade ficavam encarregados sobre as

²⁰ Programa Jornalístico que contava a história de pessoas ilustres na época (1973).

matérias que mostrassem a vitória de alguma pessoa sobre um determinado problema:

Luiz Lobo e Luís Edgar de Andrade buscavam matérias sobre a vitória de algum ser humano sobre um determinado problema, e Paulo Gil procuraria em todas as televisões do mundo fatos curiosos ou comemorações que tivessem algum sentido jornalístico e ficavam encarregados das reportagens especiais. (SOBRINHO, 2011, p.88)

No que diz respeito às reportagens do Fantástico à época de sua estreia na televisão brasileira, o site Memória Globo conta que os profissionais buscavam reportagens e produtos que pudessem melhorar a vida humana:

a área de pesquisa científica ficava na responsabilidade de José Itamar, que buscava técnicas e produtos que pudessem melhorar a vida humana, Daniel Filho (técnico na área de novelas), era encarregado de fornecer semanalmente um pouco de dramaturgia, já Ciro José (responsável pelas notícias do esporte), averiguava todos os acontecimentos da área para a narração de Léo Batista. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

O diretor José Bonifácio Sobrinho relata no site Memória Globo que na apresentação das notícias os apresentadores ficavam fixos na bancada jornalística de onde apresentavam as notícias. Boni diz que Guto Graça Mello iria compor o tema de abertura que seria realizada por Augusto Cesar Vannucci. Já Walter George Durst sugeriu que o tema do programa fosse a esperança, para orientar todos os quadros. Boni decidiu que:

Manoel Carlos anexaria todas as atrações com um texto e não teríamos apresentadores fixos, de modo a fugir do lugar comum, fazendo rodízio entre nossos artistas que gravariam cabeças²¹ para quadros e seria uma surpresa a cada semana, os narradores fixos ficariam apenas com o noticiário do dia e seriam os conceituados jornalistas: Sérgio Chapelin e Cid Moreira. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO).

²¹ Introdução de uma reportagem divulgada pelo jornalista.

Figura 3: Foto de Sérgio Shapelin e Cid Moreira²²



Fonte: Imagem extraída do Google

Segundo o site Memória Globo, o programa Fantástico foi ao ar pela primeira vez no dia cinco de agosto de 1973, apresentado por Sérgio Chapelin, sendo que algumas matérias eram anunciadas por Cid Moreira. O programa foi dirigido pelo diretor João Loredo e havia uma equipe de jornalistas e profissionais de edição: André Motta Lima, Carlos Mendes, Marisa Raja Gabaglia, Ronaldo Bôscoli, Lafaiete Galvão, Chico Anysio, Arnaud Rodrigues, Harold Barbosa, Alice Maria, José Itamar de Freitas, Jotair Assad, Paulo Gil Soares e Luiz Lobo (Chefes de Jornalismo), Maurício Sherman e Walter Avancini (diretores da linha de shows e dramaturgia), Jerson Alvim (coordenador geral) e Augusto César Vannucci (supervisão geral).

Com o passar dos anos, fica evidente que O “Show da Vida” contém em seu formato o conceito do “Infotimento”, termo que mescla informação e entretenimento em um programa televisivo. Martino (2014), afirma que o:

infotimento define-se pelo nome: gênero híbrido²³ apresentando informação na linguagem do entretenimento, ou intercalando os dois gêneros praticamente sem linha divisória, as notícias são apresentadas de maneira rápida, dinâmicas e próximas da linguagem cinematográfica. (MARTINO, 2014, p.159)

Martino (2014) diz também que: “os fatos são submetidos a um tratamento editorial de modo que se pareça com uma narrativa ficcional”. Segundo a visão de Martino (2014), o programa que possui infotimento procurará tanto informar o telespectador quanto entreter o mesmo:

²² Imagem dos apresentadores do Fantástico no ano de 1973.

²³ Programa de televisão que possui vários formatos.

os cortes, as sequências, o suspense criado pela narrativa picotada entre vários blocos consegue tanto informar quanto entreter o telespectador, em um jogo de aproximação e distância com a realidade sem fronteira clara. (MARTINO, 2014, p.160)

Para Martino (2014) “programas com caráter jornalístico, centralizados na figura de um apresentador que parece decidir ao vivo o que deve ser visto, podem ser incluídos nesse gênero”. Segundo essa ideia do autor, sugere-se que o Fantástico está incluso nesse âmbito do infotenimento. O diretor da rede Globo José Bonifácio Sobrinho, o Boni, ressalta no site Memória Globo que:

a ideologia do programa é manter o telespectador bem informado sobre tudo nos quesitos: política, economia, cultura e até desastres, há quem diga que é tamanha a audiência, que os assuntos polêmicos, catastróficos e até mesmo engraçados chegam a serem assuntos da segunda-feira. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

Conforme conceitua Martino (2014), o infotenimento é uma mistura de atrações e informações, o autor conclui que:

infotenimento é também a mistura imediata de informações e atrações artísticas, são gêneros diferentes em um mesmo momento, a sucessão rápida de imagens e narrativas, reais e ficcionais, reforça a quebra de ambientes específicos, a fronteira do real e do imaginário se dilui no infotenimento onde, uma situação real é estetizada e apresentada sob a forma de entretenimento e apresentada como realidade. (MARTINO, 2014, p.160)

Compreende-se, então, que o programa Fantástico pode ser visto como um programa que possui infotenimento em sua grade, onde sua apresentação é feita de modo descontraído pelos apresentadores do mesmo.

No ano de 1974, segundo o portal Memória Globo, o programa Fantástico começou a ser transmitido em cores. Relata-se também que houve a necessidade de se dar atenção a detalhes do cenário, que foi ampliado, recebendo iluminação sofisticada:

a primeira vinheta em cores do Fantástico foi gravada no dia 14 de abril de 1974, no Teatro Fênix, no Rio de Janeiro, onde a emissora criara um novo sistema de gravações, a ideia era usar as câmeras *Fernseh*²⁴, adquiridas para as novelas, a novidade fazia parte do uso da imagem colorida recomendada pelo Ministério das Comunicações. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

²⁴ Câmeras importadas para gravações de novelas em cores, de origem alemã.

A escolha dos figurinos começava a ser estudada com um cuidado especial, com combinações de cores e uso de tecidos leves sem excesso de brilho a partir de 1988. No site da emissora Rede Globo, elucida-se que os cenários do Programa Fantástico obtiveram mudanças sofisticadas para sua melhoria:

em setembro de 1988, o Fantástico ganhou cenário fixo em tons pastéis, com desenhos que reproduziam a abertura do programa, em 1993, o ano em que o Show da Vida completou 20 anos no ar, o cenário do programa mudou de novo, o fundo ficou mais neutro e a iluminação foi valorizada, determinando cores que variavam do âmbar ao azul para cada assunto que era divulgado. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

Conforme se observa acima, o programa Fantástico investiu e investe até os dias atuais nesse quesito “Imagem”. O autor Vilén Flusser relata em seu livro “A filosofia da Caixa Preta”, que “imagens são mediações entre o homem e o mundo, e tem o propósito de representar o mundo”. Na visão de Flusser (1985), a imagem se faz importante para o homem. E o autor salienta que “os motivos de as imagens serem reproduzidas são para servirem de instrumentos para orientá-lo ao mundo”. Flusser (1985) ressalta sobre a ligação de texto e imagem que:

embora textos expliquem imagens a fim de rasgá-las, imagens são capazes de ilustrar textos, a fim de remagicizá-los, imagens se tornam cada vez mais conceituais e os textos cada vez mais imaginativos. (FLUSSER, 1985, p.16)

No site Memória Globo, ressalta-se que no ano de 2003 a bancada dos apresentadores foi abolida, e os mesmos passaram a caminhar entre placas e módulos com o logotipo do programa. Afirma-se também no portal da emissora Globo, no ano de 2005, que a divisão de arte da Central Globo de Jornalismo deu destaque especial à iluminação, explorando, principalmente as cores azul, prata, vermelho, entre outras, acrescentando que o cenário foi construído com material plástico reflexivo para reagir à luz. Em questão da apresentação do conteúdo das reportagens, elucida-se que:

para integrar a apresentação ao conteúdo das reportagens, as imagens dos assuntos explorados pelo programa passaram também a fazer parte do cenário, o que possibilitou uma forma diferente de apresentar as informações ao telespectador. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

No portal Memória Globo, tem-se a visão sobre os novos cenários inaugurados em 2005, retratados em uma galeria de arte. A proposta era exibir obras de artistas famosos, chamando a atenção do público para as exposições mais relevantes do calendário cultural das grandes cidades brasileiras. Já no dia 9 de setembro de 2007, o Fantástico estreou seu novo cenário, estruturado a partir de uma montagem de texturas e transparência de acrílico.

Figura 4: Apresentadores do programa Fantástico do ano de 1988
Sérgio Chapelin, Valéria Monteiro e Willian Bonner



Fonte: Portal Memória Globo²⁵

Figura 5: Apresentadores do programa Fantástico do ano de 1993
Sérgio Freitas, Sandra Annemberg e Fátima Bernardes



Fonte: Google Imagens²⁶

²⁵ Apresentadores do Fantástico no ano de 1988

²⁶ Apresentadores do Fantástico no ano de 1993

Figura 6: Apresentadores do Fantástico no ano de 1996
Glória Maria e Pedro Bial



Fonte: Google Imagens²⁷

²⁷ Apresentadores do Fantástico do ano de 1996

Figura 7: Apresentador do Fantástico no ano de 1996
Cid Moreira



Fonte: Google Imagens²⁸

Figura 8: Apresentador do Fantástico no ano de 1996
Zeca Camargo



Fonte: Google Imagens²⁹

²⁸ Apresentador do Fantástico do ano de 1996.

²⁹ Apresentador do Fantástico do ano de 1996

Figura 9: Apresentadora do Fantástico do ano de 1998
Renata Ceribelli



Fonte: Google Imagens³⁰

Figura 10: Apresentadora do Fantástico do ano de 2008
Patrícia Poeta



Fonte: Google Imagens³¹

³⁰ Apresentadora do Fantástico do ano de 1998.

³¹ Apresentadora do Fantástico do ano de 2008.

Figura 11: Apresentadores do Fantástico do ano de 2013
Renata Vasconcellos e Tadeu Schmidt



Fonte: Google Imagens³²

Figura 12: Apresentadores atuais do Fantástico desde ano 2014
Tadeu Schmidt e Poliana Abritta



Fonte: Google Imagens³³

Aronchi (2015) elucida que o Fantástico é considerado uma das maiores revistas eletrônicas do Brasil. O portal Memória Globo afirma que o Show da Vida, desde sua estreia na televisão brasileira, trouxe uma renovação para a programação aleatória, quebrando os paradigmas programáticos e mensurando um novo modelo de revista eletrônica no Brasil:

em 1973, estreava na Globo uma revista eletrônica de variedades, com duas horas de duração, que reunia jornalismo e entretenimento para levar até o telespectador os assuntos relevantes no Brasil e no mundo. O programa tinha um nome à altura de suas pretensões: Fantástico, o Show da Vida. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

³² Apresentadores do Fantástico do ano de 2013.

³³ Apresentadores do Fantástico desde 2014 até os dias atuais.

Para Aronchi (2015), o Fantástico é um programa que serve de padrão para o gênero revista eletrônica. Aronchi (2015) afirma sobre o inegável sucesso do Show da Vida: “o Fantástico continua servindo de padrão para o gênero revista eletrônica, por causa do inegável sucesso, que faz uma audiência de todos os níveis sociais ligarem a TV no domingo à noite”. (ARONCHI, 2015, p.129).

A autora Dejavite (2006) afirma que com a chegada do infotimento nos programas jornalísticos, abarcou-se um despontamento dos mesmos, no que diz respeito à audiência dos seus espectadores:

na verdade o próprio tratamento da notícia passou a ser mais voltado para o estético, tanto na linguagem como na forma, pois a matéria jornalística precisou ganhar a audiência do leitor, que busca conveniência no produto jornalístico, e a partir daí, podemos dizer que o conteúdo representativo da especialidade de infotimento começa a despontar. (DEJAVITE, 2006, p.85)

3.1 Análise das Reportagens do Fantástico

Para que haja compreensão sobre as reportagens do programa Fantástico, foram feitas decupagens dos programas desde o ano de sua estreia, em 1973 até 2016. Respeitou-se a linha do tempo que o site Memória Globo utiliza, onde as decupagens foram analisadas de três em três anos.

Primeiramente, analisa-se quais são as preferências do público-alvo do programa, pois são os telespectadores que sustentam a audiência do Fantástico, onde procura-se obter uma reciprocidade entre enunciador e enunciatário:

são várias as maneiras de escutar o que o público quer e tem a nos dizer, sejam por intermédio de pesquisas – qualitativas e quantitativas – ou mesmo por meio de telefonemas, cartas e e-mails enviados à redação, quem trabalha em uma publicação que depende muito da sintonia fina com seu público, esse contato é essencial. (SCALZO, 2016, p.37)

Segundo análises feitas, as reportagens contêm um fator interessante e um tanto complexo no que diz respeito às escolhas das notícias elucidadas. Esse fator que permeia sobre emissor e receptor é a contextualização dos fatos que foram de suma importância no período da divulgação da reportagem. Observa-se que os temas relevantes à época eram os mesmos que a revista eletrônica Fantástico procurava

levar ao seu público-alvo. O programa enfatizava os assuntos que foram destaque na sociedade e até mesmo perduraram por algumas semanas seguintes.

O programa Fantástico, segundo o portal Memória Globo inaugurava um amplo estúdio para que fossem feitas reuniões de pautas e paulatinamente as escolhas das reportagens que seriam divulgadas no domingo pelo “Show da Vida”:

o Fantástico inaugurou um novo estúdio, com a proposta de integrar toda a operação do programa em um ambiente de 500 metros quadrados, com redação e cenário unidos, o espaço é palco das atrações de domingo, transformando-se durante a semana em uma arena para entrevistas e reuniões de pauta. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

Neto (2008) ressalta em seu livro “Reportagem de Televisão”, que “o jornalismo pretende descrever a realidade atual e, pelos meios de comunicação, causar impacto sobre várias pessoas”. Conforme a visão do autor, compreende-se que de certo modo o jornalismo detém esse poder de impactar as pessoas, ou seja, prendê-las à visão de que a mensagem que foi emitida causará mudança no aspecto em como o enunciatário a recebeu, divulgando-a. Neto salienta que:

por jornalismo, entendemos conjuntos de materiais escritos ou impressos, falados ou visuais muitas vezes em combinações, que, de uma forma documental, descrevem a realidade atual, especialmente universal, e que através da multiplicação por diversos meios de comunicação social têm impacto sobre um público diferenciado. (NETO, 2008, p.11)

Outro detalhe imprescindível nessa análise sobre as reportagens alvo do Fantástico é a escolha das notícias que serão divulgadas, o programa engloba as editoriais de: “política, economia, ciências, mundo, música, esportes, denúncias, tecnologia e documentários”. Examina-se, por exemplo, que no ano de 1998, quando o Fantástico divulgava uma reportagem sobre o “Titanic³⁴”, período em que era apresentado nos cinemas o filme sobre o naufrágio do navio Titanic, abarca-se a ideia que o Fantástico procurou reportar aquilo que estava em ascensão na época, buscando obter a aceitação do público-alvo e elucidando uma reportagem que era um dos assuntos mais comentados na época. Observa-se que o programa Fantástico, através dessa reportagem sobre a divulgação do filme Titanic, buscava a

³⁴ Navio de luxo de origem britânica, com capacidade para mais de 1500 passageiros, fabricado no ano de 1909, e lançado ao mar no ano de 1911. No dia 10 de abril de 1912, o Titanic sofreu um naufrágio onde mais de 1500 pessoas morreram afogadas em meio ao mar Atlântico.

reciprocidade dos telespectadores para que houvesse conceituado aumento em sua audiência, bem como perdurou-se por duas semanas a repercussão de tal reportagem, segundo a análise e decupagem feita para essa conclusão. Essa é também uma das características do “Show da Vida”, que segundo o diretor da Globo, José Bonifácio Sobrinho:

o Fantástico sempre procurou exibir matérias que mexessem com a emoção do telespectador e que os jornalistas tinham a função de averiguar as matérias que repercutiam no Brasil e no mundo. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

Houve grande repercussão do filme Titanic em 1998, que gerou até o “Oscar³⁵” para os atores e diretor do filme. Para o autor Barbeiro (2002), o público sempre esperará o melhor de uma reportagem divulgada pela imprensa, o autor mensura uma lista de critérios que serão de suma importância para uma boa reportagem:

veracidade dos acontecimentos, isenção do repórter, independência editorial, honestidade na busca e na seleção das informações, contextualização correta, enfim, um conjunto de elementos que torne a reportagem confiável. (BARBEIRO, 2002, p.59)

Observa-se também que algumas reportagens perduraram por várias semanas no programa Fantástico. Essas reportagens, cujo nome teórico é “suíte³⁶”, ou seja, matérias que já foram divulgadas e estão sendo atualizadas por novos acontecimentos e desdobramentos dos fatos. Uma dessas reportagens analisadas foi a “Guerra no Afeganistão”, e o programa Fantástico fez a cobertura sobre o início desse conflito que se iniciou em 2001, mais precisamente no mês de setembro. Nesse episódio, os EUA sofreram um ataque de terroristas afegãos, em setembro de 2001, os terroristas usaram aviões americanos contra prédios e até mesmo contra a base americana de soldados, levando os EUA a iniciarem uma guerra contra o Afeganistão, tendo como objetivo combater o terrorismo contra seu país.

Segundo entrevista realizada com o editor chefe do programa Domingo Espetacular, Anael de Souza, da Rede Record, programa que também é considerado uma revista eletrônica, pois segue os formatos e padrões de uma revista eletrônica, conforme conceitua Aronchi (2015) no livro “Gêneros e Formatos da Televisão

³⁵ É o mais importante e prestigioso prêmio do cinema mundial, entregue pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas.

³⁶ Matérias que já foram publicadas e que estão recebendo novas informações, ou seja, estão sendo atualizadas.

Brasileira”, as reportagens das revistas eletrônicas brasileiras tecnicamente são longas e ao longo do tempo não têm diminuído de tamanho:

não creio que estejam diminuindo de tamanho, acho que o formato da reportagem grande é bom, bem apropriado a uma revista eletrônica, mas, claro, sem exagero. Não pode ser repetitiva, ser alongada artificialmente, temos um retorno positivo do público e, algumas pesquisas indicam que as pessoas sentem que entendem melhor quando dedicamos mais tempo a explicar o que é realmente relevante, inclusive com análises independentes e opiniões de especialistas. (SOUZA, 2017)

Na mesma linha de pensamento, Barbeiro (2002) ressalta que uma reportagem, quando elaborada com transparência e veracidade, acarreta credibilidade junto ao telespectador:

uma reportagem favorável vale mais de mil propagandas pagas, exatamente pelo conteúdo de veracidade e credibilidade que ela pressupõe ter na ótica do telespectador, uma reportagem favorável contribui para melhorar a admiração da opinião pública, para isso é necessário transparência, comprometimento social, honestidade de propósitos, etc. (BARBEIRO, 2002, p.60)

Na entrevista realizada com a jornalista e coordenadora do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP), Roseli Fígaro, a visão principal sobre o programa Fantástico é:

quando o Fantástico estreou em 1973, a televisão brasileira tinha outra cara, a novidade era substituída pelo rádio, as telenovelas e os programas de palco caíam no gosto do telespectador brasileiro, hoje em dia, a televisão está presente em praticamente todos os lares brasileiros, distraindo e entreterendo as pessoas com sua diversificada programação. (FÍGARO, 2016)

Segundo Roseli Fígaro, a televisão detém esse poder de distrair e entreter as pessoas. Sugere-se, então, que o Fantástico por conter entretenimento em sua grade de programação, contribui em certa parte. Já Dejavitte (2006) salienta que programas com infotimento irão proporcionar divertimento e informação ao telespectador:

uma matéria pode ser definida como de Infotimento quando os conteúdos objetivam proporcionar divertimento e informação ao receptor, assim, propõe a seguinte classificação: matérias que focalizam o interesse humano (caso de uma entrevista com um jovem sobre sua primeira experiência sexual), celebridades, vídeo, cinema, televisão, rádio, música, teatro, dança, literatura, gastronomia, restaurantes e bares, arquitetura, pintura, escultura, fotografia, diversões populares, moda e museus. (DEJAVITTE, 2006, p.89)

O editor do programa Domingo Espetacular, Anael de Souza, acredita na influência do público sobre os profissionais que elaboram as reportagens das revistas eletrônicas:

sim, o tempo todo, estamos sempre procurando maneiras de saber e entender o que o “público” pensa e espera de uma boa reportagem, as pesquisas, o contato direto nas ruas e as redes sociais nos ajudam desse processo. (SOUZA, 2017)

Lage (2004) conceitua que o instrumento da reportagem é o repórter e afirma que a reportagem nascera para que houvesse alguma forma de envolvimento entre público e notícia. Lage (2004) diz que a reportagem é voltada para uma: “vertente sensacionalista”, e justifica:

cumprir a função sociabilizadora, educativa, sugeria-se atingir o público, envolvê-lo para que lesse até o fim e se emocionasse, precisava-se abordar temas que o empolgassem, o sentimentalismo para as moças; a aventura para os jovens; o exótico e o incomum, para toda gente, a realidade deve ser tão fascinante quanto à ficção e, se não fosse, é preciso fazê-la ser. (LAGE, 2004, p.15)

Por meio das análises e decupagens do programa Fantástico, constata-se também que o Show da Vida segue esse padrão de envolver o público com suas reportagens, e por elas o Fantástico procura de forma recíproca a aceitação dos telespectadores que acompanham o programa. As decupagens analisadas de três em três anos, respeitando a linha do tempo estabelecida pelo portal da emissora Globo, sugere também que o Show da Vida divulga em sua programação notícias que perduraram nos programas jornalísticos da emissora Globo, tais como: “Jornal Nacional”³⁷, “Jornal da Globo”³⁸ e “Jornal Hoje”³⁹. Tais reportagens, de acordo com a repercussão, poderão ainda ser atualizadas diária ou semanalmente, conforme o nível de audiência que as mesmas repercutirão para a emissora. De acordo com Neto (2008), existe uma diferenciação entre reportagem e notícia. O autor afirma que a reportagem é uma notícia avançada, ou seja, é uma notícia com mais detalhes e com uma maior complexidade de fatos:

³⁷ Telejornal brasileiro, que traz notícias do Brasil e no mundo, exibido no horário noturno, de segunda-feira a sábado.

³⁸ Telejornal brasileiro, que traz as notícias diárias atualizadas do Brasil e do Mundo, geralmente exibido no final da noite depois das 23hs.

³⁹ O telejornal apresenta as notícias do dia a dia e temas de interesse geral, além de reportagens e séries especiais, geralmente exibidos no horário da tarde.

toda reportagem é notícia, mas nem toda notícia é reportagem, a notícia muda de caráter quando demanda uma reportagem, desdobra-se, pormenoriza e dá amplo relato aos fatos principais e também aos fatos subjacentes da notícia. A reportagem é uma notícia avançada, na medida em que sua importância é projetada em múltiplas versões, ângulos e indagações. (NETO, 2008, p.19)

Martins (1997), no livro “O Estado de São Paulo – Manual de Redação e Estilo”, ressalta que a reportagem fundamenta-se a partir de uma notícia. Afirma-se ainda que a reportagem procurará investigar de forma mais ampla o fato que a notícia divulgará:

a notícia, de modo geral, descreve o fato e, no máximo, seus efeitos e consequências, a reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas suas razões e efeitos. Abre o debate sobre o acontecimento, desdobra-o em seus aspectos mais importantes e divide-o [...]. A notícia não esgota o fato; a reportagem pretende fazê-lo. (MARTINS, 1997, p.76)

Uma das características do programa Fantástico, segundo o site Memória Globo, é a qualidade de suas reportagens, que são sempre detalhadas com imagens marcantes e produzidas por experientes profissionais. Neto (2008) conceitua que para um fato se tornar notícia, que conseqüentemente abarcará uma reportagem, necessitará de algumas características:

são vários os acontecimentos na sociedade atual, mas para esses acontecimentos se transformarem em notícia, é necessário ter algumas características, os elementos básicos para que um feito se converta em notícia são: atualidade, novidade, veracidade, periodicidade, interesse público, proximidade, proeminência, curiosidade, conflito, suspense, emoção e consequências. (NETO, 2008, p.17)

Segundo Anael de Souza, editor chefe da revista eletrônica da Rede Record “Domingo Espetacular”, para que a reportagem seja elaborada com precisão e obtenha a reciprocidade do público, usam-se três conceitos primordiais: trabalhamos sempre com três conceitos: bons assuntos, boas entrevistas e boas imagens. Nem sempre se consegue o equilíbrio perfeito das três coisas, mas a meta é sempre essa, uma pauta⁴⁰ pode até cair por falta de imagens ou de entrevistados, mas é raro. E depende muito também da importância do fato, às vezes não dá para desistir, temos que fazer da melhor forma possível. (SOUZA, 2017)

⁴⁰ Orientação que os repórteres recebem descrevendo que tipo de reportagem será feita, com quem deverão falar, onde e como. A pauta não necessariamente é escrita e nem sempre é premeditada.

Quando o editor Anael de Souza relata que uma pauta pode cair por falta de imagens ou de entrevistados, sugere-se que dependendo da escassez de recursos visuais (imagens) e problemas com a pessoa que seria entrevistada pode ocorrer a não produção de uma reportagem. De acordo com Bourdieu (1997), o jornalismo está sujeito à aprovação de seus enunciatários, que são os receptores das notícias, o autor pondera que:

o campo jornalístico está permanentemente sujeito à prova dos vereditos do mercado, através da sanção, direta, da clientela ou, indireta, do índice de audiência (ainda que a ajuda do Estado possa assegurar certa independência com relação às pressões imediatas do mercado). (BOURDIEU, 1997, p.106)

No que diz respeito à reciprocidade e aceitabilidade do público sobre as reportagens divulgadas por uma revista eletrônica, o editor Anael de Souza afirma que um programa com esse formato e gênero deve ser diferente dos outros, ou seja, divulgar suas reportagens de modo surpreendente e abarcar temas atuais: “a reportagem deve ter relevância geral quando se trata de factual ou de grandes temas da atualidade, depois, a surpresa, ou seja, se o que é mostrado é diferente de todos, surpreendente, espetacular, desconhecido”. (SOUZA, 2017).

Para Bourdieu (1997), a televisão detém esse hegemônico poder de levar para os telespectadores a dramatização dos fatos; ressalta-se que a mesma faz de um fato simples algo exagerado e de caráter dramático. Bourdieu afirma que: “a televisão convida à dramatização, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade e o caráter dramático e trágico”. (BOURDIEU, 1997, p. 25)

O editor da revista eletrônica “Domingo Espetacular”, Anael de Souza, pondera essa ideia de que uma reportagem quando divulgada pelo programa causará certo impacto nos sentimentos dos telespectadores, bem como acrescenta que essa é uma das funções das reportagens que o programa “Domingo Espetacular” produz para seu público. Anael de Souza conclui sua visão sobre o que é uma reportagem bem elaborada, afirmando que se deve seguir um mandamento básico e primordial, que é: “ouvir todos os lados”. Sugere-se que o editor conceitua a importância de ouvir o que as fontes⁴¹ divulgaram, e também, compreender o que os produtores da reportagem,

⁴¹ Portadores da informação, que possuem dados, documentos ou imagens dos fatos elucidados.

que são os jornalistas e editores, quiseram transmitir com as informações colhidas pelas fontes. Pena (2015) ressalta em seu livro “Teorias do Jornalismo”, que para a elaboração de reportagens, pressupõe-se um nível de planejamento. Pena (2015) faz uma comparação entre reportagem e notícia:

a notícia apura fatos, a reportagem lida com assuntos sobre fatos, a notícia tem como referência a imparcialidade, a reportagem trabalha com o enfoque, a interpretação, a notícia opera em um movimento típico da indução (do particular para o geral), a reportagem, com a dedução (do geral, que é o tema, ao particular – os fatos), a notícia atém-se à compreensão imediata dos dados essenciais, a reportagem converte fatos em assunto, traz a repercussão, o desdobramento; aprofunda. (PENA, 2015, p.76)

Ao analisar as decupagens das reportagens do Programa Fantástico do ano de 1973 a 2016, observa-se que o programa seguiu um parâmetro de viés jornalístico no qual enfatizava as notícias que geravam repercussão na época. Uma das reportagens analisadas foi “Conferência Internacional de AIDS em Montreal”, divulgada em 1983, onde se elucidou na reportagem as tentativas de vacinas contra o vírus da AIDS, ao fim da reportagem, o repórter afirma que as tentativas foram em vão, e a advertência que foi discutida nessa conferência foi que o melhor remédio contra o vírus da AIDS era mesmo a prevenção. Compreende-se, então, que a linha editorial do programa, em termos de reportagens, segue o padrão de divulgar assuntos que foram repercutidos na mídia, tanto nacional como internacional. No mesmo ponto de vista, Pena (2015) afirma que: “a reportagem procura envolver, usa a criatividade como recurso para seduzir o receptor”. Segundo esse pensamento do autor, sugere-se que o programa Fantástico usa desses recursos para seduzir o telespectador, no entanto, analisa-se que por meio de temas que causarão espanto ou até mesmo dramatização no público, o programa procura atrair os telespectadores com suas reportagens. Pena (2015) salienta que: “uma reportagem que contém fatos inéditos, aproveita a dramaticidade de um fato e aprofunda seu conhecimento, abrindo novas áreas de contexto, entendimento de causas e efeitos”.

Para Jesper (1998), uma reportagem recorrerá ao conceito de exprimir a emoção e o afeto do telespectador. Assim, o autor ressalta que a reportagem detém o poder de sensibilizar o público, com a intenção de mobilizá-los, ou seja, impactá-los:

uma reportagem pode facilmente sensibilizar o público, chamar a sua atenção para uma questão e potencialmente mobilizá-lo, poderá também contribuir para aumentar os seus conhecimentos, um dos

desafios da reportagem televisiva consiste em ultrapassar a emoção do público (sentimentos e sensações). (JESPERS, 1998, p.167)

Segundo Aronchi (2015), uma diferença que os programas de gênero “Revista Eletrônica” possui é que os apresentadores geralmente divulgam as reportagens de forma descontraída e comportada. Aronchi (2015) afirma que:

um ou dois apresentadores tem sido a fórmula mais utilizada nas revistas eletrônicas, termo que define ainda mais o caráter informativo do gênero, normalmente formatado como um telejornal, com reportagens, prestação de serviços, entrevistas, comentaristas e, para descontrair, artes, espetáculos e lazer. (ARONCHI, 2015, p.130)

De acordo com a citação acima, observa-se que o Fantástico segue essa linha de programação, mesclando informação e entretenimento. Ao aderir ao infotimento para sua grade programática, o programa Fantástico não perde a qualidade de seu jornalismo. A autora Dejavite (2006) pondera que: “infotimento é o conteúdo que fornece informação e diversão ao público”. A autora defende a ideia que o infotimento nos programas jornalísticos não empobrece a função do jornalismo nos mesmos, pelo contrário, ressalta que infotimento é sinônimo de jornalismo ético e de qualidade:

não podemos esquecer que o infotimento é sinônimo de jornalismo ético, de qualidade e que, por isso, não deve ser tomado como um jornalismo menor por explorar o entretenimento, devemos admitir que a atividade jornalística tem, sim, a função de divertir (apesar de quase sempre ser apresentada ao público como algo sem humor e pesado), esse papel interage perfeitamente com a sua função de órgão fiscalizador, que promove a sociedade e os seus cidadãos. (DEJAVITE, 2006, p.89)

Outra reportagem de repercussão, divulgada pelo Fantástico, foi sobre a vida do cantor “Michael Jackson”⁴², feita em 1995. Ao examinar essa reportagem, percebe-se que o programa Fantástico a divulgou no período que o cantor estava em ascensão com suas músicas aqui no Brasil. A reportagem mostrou os prêmios que o cantor ganhara com sua carreira musical, foi ressaltado também os recordes que Michael Jackson quebrava com suas premiações e conquistas. No final da matéria encerrou-se com um clipe do cantor cantando e dançando ao vivo em um show realizado no Canadá, naquele período de 1995.

⁴² Michael Joseph Jackson foi um cantor e compositor estadunidense, que segundo sites como Google foi o cantor que mais faturou com suas músicas em todo mundo. Michael nasceu em 1958 e faleceu em sua casa com problemas respiratórios no ano de 2009.

Pena (2015) afirma que “a notícia televisiva é produzida para ser consumida na totalidade, é ela que vai possibilitar a discussão dos fatos por um maior número de pessoas e influenciar a sociabilidade”. O que Pena (2015) sugere é que as notícias divulgadas por programas televisivos são produzidas para serem aderidas pelo público, e depois de assistidas as notícias abarcarão discussões sobre os fatos que foram divulgados, e a partir da discussão crítica, o público detém a opção tanto de influenciar outros com a notícia, quanto menosprezar e descartar a veiculação da mesma.

Outra reportagem que perdurou por semanas na mídia e também foi divulgada pelo programa Fantástico, em abril de 2008, foi o caso da morte da menina “Isabella Nardoni”, assassinada pelo seu próprio pai “Alexandre Nardoni”, com a cumplicidade de sua madrasta “Ana Carolina Jatobá”, segundo inquérito policial e conforme relata o portal Memória Globo. Ressalta-se no site também que o jornalista Valmir Salaro entrevistou o pai e a madrasta da menina Isabela Nardoni, e na entrevista divulgada pelo programa, à época, tanto Alexandre como Ana Carolina choravam muito e confirmavam uma versão que a menina tinha caído da janela do apartamento, que tudo fora um acidente. A reportagem repercutiu na mídia, causando ódio nas pessoas que tentaram espancar o casal, que estavam sendo julgados pela morte da menina. No mês seguinte, a jornalista Patrícia Poeta entrevistou a mãe de Isabella Nardoni, Ana Carolina de Oliveira. Na entrevista, segundo a jornalista relata no portal Memória Globo, houve grande comoção tanto da mãe da menina quanto da própria jornalista, ambas choraram muito. A jornalista encerrou a reportagem abraçando Ana Carolina de Oliveira e, segundo o portal da emissora Globo, essa reportagem causou grande emoção nos telespectadores do programa Fantástico.

Barbeiro (2002) afirma em seu livro “Você na Telinha, Como usar a Mídia em seu Favor”, que “a televisão é a ferramenta que registra cenas da história da humanidade e é a janela para o eterno e o presente”. Sugere-se, então, partindo do ponto de vista de Barbeiro (2002), que o programa Fantástico detém essa ferramenta de interagir com o público e registrar fatos impactantes, que tiveram repercussão na mídia do Brasil e do Mundo. Conforme as análises das reportagens, observa-se esse padrão de divulgação de reportagens que buscam a reciprocidade do público-alvo do programa Fantástico. Barbeiro (2002) diz também que: “é provável que os acontecimentos mais importantes dos últimos tempos, você tenha acompanhado pela tevê”. O autor ainda pondera que “a tevê representa um fenômeno de massa de

grande impacto na vida das pessoas, é um dispositivo audiovisual através do qual a sociedade divulga seus sonhos, feitos, crenças, e anseios”. (BARBEIRO, 2002, p.20)

E Pena (2015), em “Teorias do Jornalismo”, conceitua o que é e quais os parâmetros das teorias do jornalismo. Pena salienta sobre a teoria de “*gatekeeper*”⁴³, que se refere à pessoa que geralmente é o jornalista e também o editor, que detém o poder de permitir que a informação passe ou não, pois esse termo em inglês “*gatekeeper*” significa “porteiro”:

o *gatekeeper* é um clássico exemplo de teoria que privilegia a ação pessoal, a metáfora é clara e direta. O conceito refere-se à pessoa que tem o poder de decidir se deixa passar a informação ou se bloqueia. Ou seja, diante de um grande número de acontecimentos, só viram notícia aqueles que passam por uma cancela ou portão (*gate* em inglês). (PENA, 2015, p. 133)

No portal Memória Globo ressalta-se que as reportagens do Fantástico são 70% de âmbito nacional, e que o programa procura sempre divulgar assuntos da atualidade para seu público-alvo:

o crescimento das equipes de reportagem influenciou a parte do jornalismo do programa que investiu em uma linha editorial mais comprometida com a atualidade, sem perder a preocupação com um jornalismo mais responsável, a equipe imprimiu mais humor e criatividade ao programa. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO)

Segundo citação acima, observa-se no programa Fantástico um padrão para a divulgação de suas reportagens. Pena (2015) afirma que: “quem decide a forma de divulgação da notícia é uma espécie de porteiro ou selecionador (o *gatekeeper*), que é o jornalista”. Partindo dessa visão de Pena (2015), sugere-se que as reportagens que serão divulgadas pelo programa Fantástico passarão pelo crivo dos jornalistas e dos editores do programa, ou seja, só serão divulgadas as reportagens que forem analisadas pelos profissionais e que forem de importância no conceito do público-alvo do Fantástico. Pena (2015) ressalta que o jornalista: “é o responsável pela progressão da notícia ou por sua “morte”, caso opte por não deixá-la prosseguir, o que significa evitar a publicação”. Conforme essa linha de raciocínio do autor, compreende-se que, mesmo que a reportagem obtenha aceitação pela reunião de pauta, produzida pelos profissionais e possa até ser um assunto que está em repercussão na sociedade, se

⁴³ Gatekeeper termo em inglês que significa “Porteiro”. É uma teoria jornalística que ressalta que o jornalista detém o poder de informar aquilo que lhe é importante, ou que irá gerar repercussão com a divulgação da notícia.

os jornalistas chegarem à conclusão juntamente com os editores e até mesmo diretores do programa de que a reportagem não será veiculada, a mesma não será divulgada. E os motivos podem ser desde temor de não se obter audiência, quebra de sigilo das fontes divulgadas, temas que não repercutiriam muita audiência na mídia, entre outros critérios pessoais ou profissionais que os jornalistas poderão optar. Lage (2004) afirma que: “o jornalista não pode ser ético sozinho – por exemplo, as empresas e as fontes de informação não o são”. De acordo com esse pensamento de Lage (2004), sugere-se que os jornalistas e os responsáveis do programa Fantástico abarcam essa visão, pois relata-se no portal Memória Globo que: “o Fantástico faz jus ao nome “Show da Vida”, onde procuramos respeitar o público que assiste ao nosso programa divulgando reportagens que ajudarão as pessoas a terem uma vida um pouco melhor”.

Entende-se, então, segundo as análises feitas das reportagens, segundo as decupagens e segundo a visão que o site Memória Globo nos elucida no portal, que o programa Fantástico segue esse padrão no que diz respeito às suas respectivas reportagens. Compreende-se também que por de trás de cada reportagem divulgada pelo programa Fantástico, há uma intenção voltada tanto para audiência do mesmo quanto para os interesses empresariais da emissora Globo, quanto à elaboração de cada reportagem que será divulgada, e também não se pode esquecer que por detrás de uma emissora de televisão, há uma concessão política para que a emissora esteja nos lares brasileiros, ou seja, as reportagens serão divulgadas segundo interesses pessoais do dono da emissora e também segundo a aceitação de pessoas que exercem certo tipo de pressão na emissora que produz o programa Fantástico. Analisa-se também que o Fantástico procura sempre estar atualizado em todos os âmbitos: tecnológicos, jornalísticos e programáticos, ou seja, o “Show da Vida” usa todos os recursos que detém para obter a dominação da atenção do público, que pode-se entender como audiência. O diretor José Bonifácio Sobrinho, o “Boni”, relata no portal Memória Globo que: “o Fantástico é uma máquina de fazer entretenimento e jornalismo”. Partindo dessa visão de Boni, sugere-se então que o Fantástico abrange esse termo “máquina de Notícia”, Adorno e Horkheimer (1985) concluem que:

os instrumentos da dominação destinados a alcançar a todos, são: a linguagem, as armas e por fim as máquinas – que devem se deixar alcançar por todos, hoje a maquinaria mutila os homens mesmo quando os alimenta. (ADORNO; HOKHEIMER, 1985, p.42)

Conforme ponto de vista de Adorno e Horkheimer (1985), que afirmam que as máquinas destinam-se a dominar e mutilar os homens, ou seja, arrancar deles aquilo que lhes pertence, por exemplo: poder de escolha, poder de decisão, entre outros. Observa-se isso na forma de expressão de José Bonifácio Sobrinho, que enfatiza no portal Memória Globo, que o Fantástico é: “uma Máquina de Notícias”, sugere-se que os telespectadores do Fantástico contemplem uma vasta série de reportagens, onde se espera a reciprocidade dos mesmos e, por fim, um conceituado aumento da audiência dessa revista eletrônica conhecida também como “Fantástico, o Show da Vida”.

CONCLUSÃO

Para chegarmos a uma conclusão sobre o objeto de pesquisa, as reportagens-alvo divulgadas pelo programa Fantástico, foram feitas decupagens das respectivas reportagens, respeitando-se a linha do tempo que o portal da emissora Globo divulga sobre a história e o conteúdo do programa. A partir disso, foram escolhidas três reportagens de cada programa, que ganharam repercussão na sociedade, desde 1973 até 2016, segundo o portal Memória Globo.

Um dos parâmetros que se analisou nessa conclusão foi até que ponto o programa Fantástico evidencia a honestidade em seu jornalismo, ou seja, o programa divulga para o público as reportagens que são de preferência dos telespectadores ou divulga reportagens que são de interesse próprio, ou até mesmo dos proprietários da emissora Globo. Esse termo “honestidade” no âmbito jornalístico é de suma importância na divulgação de uma reportagem, conforme o ponto de vista de Bahia (2009), pois através da mesma, o telespectador estará sendo informado sobre acontecimentos factuais e deterá o poder de se precaver de algo que lhe causará algum dano.

Por meio das análises das reportagens do programa Fantástico, e também da estrutura que o programa abarca para a divulgação das mesmas, ressalta-se que de forma hegemônica e imperativa, o Fantástico divulgará reportagens de acordo com seus interesses próprios. Sendo assim, o telespectador está impotente quanto à escolha das reportagens ou até mesmo das reportagens que são de preferências pessoais. Sugere-se, então, nesse ponto de vista, que há hegemonia nessas escolhas, pois quem detém o poder de divulgação das mesmas é quem as elabora, ou seja, os jornalistas, os editores do programa, diretores e, por fim, a estrutura de comando da emissora Globo, seguindo os padrões de próprio interesse.

Outro fator importante do presente trabalho é a compreensão sobre o poder do jornalismo na sociedade, ou seja, qual é o peso do jornalismo no que diz respeito à influência nos telespectadores? E se há reciprocidade entre ambos, ou seja, se o telespectador influencia o jornalismo com suas preferências? Conforme se analisou, o programa Fantástico detém conceituado “poder” de influenciar, em termos de divulgação de reportagens, “poder” no qual concorda-se do ponto de vista de Azevedo (2009). O jornalismo é o mais poderoso meio de comunicação social, ou seja, o

jornalismo detém determinado poder de interagir com o enunciatário, conforme Bahia (2009). Sendo assim, abarca-se determinada influência do jornalismo nos telespectadores, no que diz respeito à divulgação das reportagens para o público, bem como espera-se a aceitação dos receptores e a reciprocidade da mensagem divulgada por meio das reportagens.

Por meio da bibliografia e pesquisa de campo, observa-se que o jornalista deve reportar os fatos de forma coerente e com veracidade. Concorda-se com a linha de raciocínio de Vaz (2013), em que se observa que no código de ética do jornalista, o profissional da comunicação tem compromisso com a verdade, ou seja, é de suma importância que o jornalista divulgue os fatos para o público com total veracidade. Outro fator analisado nesse trabalho é que o público que assiste às reportagens do programa Fantástico possui certo tipo de “Poder”, e com esse determinado “Poder”, abarca-se a seguinte questão: “haverá reciprocidade dos enunciatários”? Ou seja, o telespectador gostou da reportagem a ponto de repassá-la para outras pessoas? Ou haverá rejeição dos enunciatários do programa Fantástico, a ponto dos mesmos vê-las como algo sem importância, as ignorando, a ponto de não repassá-las a outras pessoas? Para responder tais questões, concorda-se com o ponto de vista de Foucault (1986), onde se observa que a grande massa, o público, possui “Poder” de escolha e não necessita de mídias ou de jornais para estar informado sobre fatos e acontecimentos. Ainda com Foucault (1986), o autor observa que os detentores do “Poder” das informações, os divulgadores das reportagens e notícias, ou seja, os donos da emissora de TV, editores, diretores e até jornalistas, detém o “Poder” de divulgar aquilo que é de interesse próprio, ou seja, o que os telespectadores assistirão por meio das reportagens divulgadas.

Concordando com ponto de vista de Foucault (1986), compreende-se que o programa Fantástico detém certo “poder” de divulgar reportagens de interesse próprio, ou seja, mesmo que o programa tenha consciência de quais são as preferências de seu público, o Fantástico divulgará as reportagens que lhe trará algum benefício, segundo as decupagens examinadas nesse trabalho. Ressalta-se esse ponto de vista de escolha da divulgação das reportagens de interesse do Fantástico, analisando as mesmas, conforme os períodos que foram divulgadas. Exemplo disso são as reportagens de 2016, mais precisamente as de novembro. O programa deu ênfase às reportagens: “Fraude no Enem”, “Menopausa”, “Cuba se prepara para se despedir de Fidel Castro”, entre outras. No entanto, conforme se analisa as reportagens que o

programa Fantástico divulgou nesse período, observa-se que o programa pautou as de seu interesse, pois não foram somente esses acontecimentos que ocorreram nesse período. Exemplo disso foram as notícias que não foram reportadas pelo programa, por exemplo: “Arqueólogos encontram selo que comprovam veracidade de histórias da Bíblia”, “Família de Picasso acusa casal Francês de roubar mais de 300 obras”, “Documentos inéditos revelam detalhes da morte de Marcos Matsunaga”, entre outras.

Para compreender qual peso uma reportagem abarca junto ao público, concorda-se com Bahia (2009), com a ideia de que uma reportagem possui valores próprios, e para sua divulgação, a mesma necessitará estar alicerçada no jornalismo, ou seja, o jornalismo fará apuração de fontes e relatos para divulgação da reportagem. Para que se compreenda melhor quais critérios jornalísticos o programa Fantástico adota e qual é a visão de jornalismo, foram enviados e-mails ao site, feitas ligações para a emissora Globo, produtora do programa, procurado editores do programa Fantástico por meio de professores, mas infelizmente não se obteve acesso a ninguém ou até mesmo resposta do programa Fantástico. As informações sobre a criação, cenários, jornalistas do programa, evolução do mesmo, reportagens e atuais apresentadores foram extraídas do portal Memória Globo e de livros que trazem alguns detalhes sobre a emissora Globo e sobre o programa, tais como: “O Livro do Boni” e “Roberto Marinho”.

Observou-se também que o programa Fantástico segue o padrão da teoria de *gatekeeper*, teoria que foi explicada no decorrer desse trabalho. Concorde-se assim com Pena (2015), que é o jornalista quem decide qual informação será divulgada. No programa Fantástico quem possui esse hegemônico poder de decisão é o diretor do programa, no qual o mesmo respeitará a decisão final dos acionistas da emissora Globo, que detém esse hegemônico poder de escolher quais reportagens serão divulgadas. Compreende-se, então, que o público-alvo do programa Fantástico não detém poder de escolha nas reportagens do programa Fantástico.

Dessa forma, conclui-se que o Fantástico é um programa de gênero “revista eletrônica”, conforme Aronchi (2015), e segue o padrão da teoria de *gatekeeper*, conforme Pena (2015). Ou seja, é o Fantástico que escolhe quais reportagens serão divulgadas, conforme demonstrado nas decupagens e no portal Memória Globo.

Encerra-se essa análise com o ponto de vista do ex-diretor da Rede Globo, “Boni”, no portal Memória Globo: “o Fantástico faz jus de seu nome O Show da Vida”. O diretor ainda conceitua o programa como uma “Máquina de Fazer Notícia”.

Concorda-se assim com a visão de Adorno e Horkheimer (1986), que nos remete à ideia que as máquinas irão mutilar e dominar o homem um dia, ou seja, partindo desse ponto de vista, essa é a função do Fantástico: dominar o público, mutilar as escolhas dos mesmos a tal ponto que o telespectador não detenha o poder de escolha.

Assim, um dos objetivos do programa Fantástico é dominar a audiência dos telespectadores por meio de suas reportagens-alvo, abarcando uma total hegemonia de audiência na televisão brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARMAND, M. **Histórias das Teorias de Comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.
- ARONCHI, J.C. **Gêneros e Formatos na TV Brasileira**. São Paulo: Summus, 2015.
- AMORIM, P.H. **O Quarto Poder**. São Paulo: Hedra, 2015.
- ADORNO, T e HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- ABREU, A. A. **A Modernização da Imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- AZEVEDO, A. V. **Noções de Jornalismo Aplicado**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1979.
- BAHIA, J. **As Técnicas do Jornalismo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: ed.70.1994.
- BARBEIRO, H. **Você na Telinha**. São Paulo: Futura, 2002.
- BIAL, P. **Roberto Marinho**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BOURDIEAU, P. **Sobre a Televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet**. São Paulo: Zahar, 2003.
- CORRADO, Frank. **A Força da Comunicação**. São Paulo: Makron, 1994.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2012.
- DANTAS, A. **Tempo de Reportagem**. São Paulo: Leya, 2012.
- DEJAVITE, F. A. **Infotimento: Informação + Entretenimento no Jornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- DINES, A. **O Papel do Jornal**. São Paulo: Summus, 1986.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- FLUSSER, V. **Filosofia da Caixa Preta**. São Paulo: Hucitec, 1985.
- FLOSSI, E. **Por Trás da Notícia**. São Paulo: Summus, 2012.
- HERNANDES, Nilton. **A Mídia e seus Truques**. São Paulo: Contexto, 2008.
- JESPERS, J. J. **Jornalismo Televisivo**. Coimbra: Minerva, 1998.
- LAGE, N. **A Reportagem**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

- LUANA, S.V. **Planejamento de Pesquisa**. São Paulo: Educ.2007.
- LUZ, D. C. **Reflexão Para uma Vida Melhor**. São Paulo: DVS, 2001.
- MACQUAIL, D. **Teorias da Comunicação de Massa**. São Paulo: Penso 1997.
- MACIEL, P. **Jornalismo de Televisão**. Porto Alegre: Sagra, 1995.
- MARTINS, E. **O Estado de São Paulo – Manual de Redação e Estilo**. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1997.
- MARTINO, L. M. **Teorias da Comunicação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- MELO, J.M. **Jornalismo Compreensão e Reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.
- _____. **História Social da Imprensa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- NETO, J. E. C. **Reportagem de Televisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- _____. **Semiótica, Informação e Comunicação**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- OLIVEIRA, S. J. B. **O Livro do Boni**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.
- PAULO, M.C.F. **Histórias que a História não Contou Fatos Curiosos em 60 anos do Rádio e TV**. São Paulo: Nacional, 2006.
- PENA, F. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2016.
- _____. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.
- ROSSI, C. **O que é Jornalismo**. 3ªed. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- RUDIGER, F. **Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.
- RUDIN, R. e IBBOTSON, T. **Introdução ao Jornalismo**. São Paulo: Roca, 2008.
- SANDRA, B.R. e DELFLEUR, M. **Teorias da Comunicação de Massa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- SCALZO, M. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2016.
- SILVEIRA, A. C. M. **Jornalismo Além da Televisão**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003.
- SODRÉ, N. W. **A História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1990.
- TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**. São Paulo: Insular, 2005.
- TEODORO, G. **Jornalismo na TV**. São Paulo: Tecnoprint S.A, 1980.

VIZEU, A. e PORCELLO, F. e COUTINHO, I. **60 Anos de Telejornalismo no Brasil: História, Análise e Crítica.** Florianópolis: Insular, 2010.

VAZ, A. L. **Jornalismo na Correnteza.** Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2013.

WU, T. **Impérios da Comunicação.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

YORKE, I. **Jornalismo diante das Câmeras.** São Paulo: Summus, 1998.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

AZEVEDO, F. A. **Mídia e democracia no Brasil**: relações entre o sistema de mídia e o sistema político. Disponível em: <www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010462762006000100004>. Acesso em: 13 maio. 2017.

BLOGGER ITERACOMUNICQ. Disponível em: www.iteracomunicq.blogspot.com/2010/04/teoria-do-Newsmaking. Acesso em: 25 abr. 2017.

BENÍCIO, Jeff. Fantástico ganha fôlego de audiência após crise de identidade. **TERRA**. Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/tv/sala-de-tv/blog/2014/12/21/fantastico-ganhafolego-de-audiencia-apos-crise-de-identidade/>>. Acesso em: 13 maio. 2017.

BRASIL 247. Com Temer, Fantástico desaba na audiência. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/232603/Com-TemerFant%C3%A1stico-desaba-na-audi%C3%Aancia.htm>>. Acesso em: maio. 3 maio. 2017.

BORGES, ALTAMIRO. **Blog do Miro**. Globo perde 35% do Ibope aos domingos. Disponível em: <<http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/182284/Globo-perde-35-de-Ibopeaos-domingos.htm>>. Acesso em: 30 abr.2017.

CABINE CULTURAL. Entrevista com Camila Pitanga. Disponível em: <http://cabinecultural.com/2016/09/21/audiencia-globo-entrevista-com-camilapitanga-faz-fantastico-bater-recorde-e-cheias-de-charme-reestreia-bem/>. Acesso em: 28 abr.2017.

COELHO, Vânia. **Comunicação, Literatura e Jornalismo**. Teoria do Newsmaking. Disponível em: < www.literacomunicq.blogspot.com/2010/04/teoria-do-newsmaking.html>. Acesso em: 26 abr.2017.

CASTRO, Daniel. **Audiência cai, e Globo joga fora quatro novidades do Fantástico**. Disponível em: <Original: <http://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/audiencia-cai-e-globo-joga-fora-quatro-novidades-do-fantastico-4461#ixzz4jq45WBdx>. Acesso em: 20 mar.2017.

CORREIO BRASILIENSE. Estudo da ancine demonstra queda brusca de audiência da TV aberta. Disponível em: < <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016,553603/estudo-da-ancine-demonstra-queda-brusca-de-audiencia-da-tvaberta.shtml>>. Acesso em: 12 maio. 2017.

CLICRBS. Entenda como funciona a medição de audiência do Ibope. Disponível em: < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/entretenimento/noticia/2015/04/entenda-como-funciona-a-medicao-de-audiencia-do-ibope-4739225.html>>. Acesso em: 14 maio. 2017.

DEJAVITE, F. A. (2007). **A Notícia Light e o Jornalismo de Infotimento**. Disponível em: <www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R1472-1.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2017.

DEMARTINI, Marina. A internet está matando a televisão aberta, diz estudo. **Exame.com**. Disponível em:< <http://exame.abril.com.br/tecnologia/a-internet-esta-matando-a-televisao-aberta-aponta-estudo/>>. Acesso em: 12 maio. 2017.

DIÁRIO DE S.PAULO. Mudanças na globo agradam mais telespectadores. Disponível em: < <https://www.diariosp.com.br/>>. Acesso em: 20 mar.2017.

FONTES, V.C. (2015). **Quando a Informação (Con)Funde-se com o Entretenimento: a Hibridização de Gêneros no Telejornal**. Disponível em: www.portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2648-1.pdf. Acesso em: 27 abr. 2017.

GLAMURAMA. Renata Vasconcellos e resposta certa para queda de audiência do “Fantástico”. Disponível em: < <http://glamurama.uol.com.br/renata-vasconcellos-e-resposta-certa-para-queda-de-audiencia-do-fantastico/>>. Acesso em: 20 mar.2017.

GOOGLE IMAGENS. Disponível em: https://docs.google.com/document/d/1qQLy6264jjv75vgPKh_U4izoKIEhgM2wSOQyzK1u4FU/edit. Acesso em: 20 mar.2017.

GÓI, Lourdes Lúcia. **Resumo crítico do livro: BOURDIEU, Sobre a televisão**. Disponível em: < <http://lourdesgoi.blogspot.com.br/2012/03/resumo-critico-do-livro-bourdieu-sobre.html>>. Acesso em: 20 mar.2017.

GGN, O JORNAL DE TODOS OS LUGARES. Fantástico perde espaço para o Domingo Espetacular. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/fantastico-perde-espaco-para-o-domingoespetacular-da-record>. Acesso em: 11 maio. 2017.

LIMONDRE, L. BRAZ; V. SORIANO, F. (2011). **Infotimento (Informação e Entretenimento) No Jornalismo**. Disponível em: www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2011/anais/arquivos/0143_0922_01.pdf. Acesso em: 22 abr.2017.

MANGINI, Jussara. Pesquisa investiga mudança no jornalismo e no perfil do jornalista. AGÊNCIA FAPESP. Disponível em: < http://agencia.fapesp.br/pesquisa_investiga_mudancas_no_jornalismo_e_no_perfil_do_jornalista/18409/>. Acesso em: 20 mar.2017.

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <www.memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programasjornalisticos/fantastico/fantastico-show-da-vida.htm>. Acesso em: 21 abr.2017.

MEMÓRIA ROBERTO MARINHO. Década de 1970. Disponível em: <<http://www.robertomarinho.com.br/mobile/obra/a-chegada-da-cor-1.htm>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

MUNDO ESTRANHO. Como é medido a audiência de TV? Disponível em:<<http://mundoestranho.abril.com.br/tecnologia/como-e-medida-a-audiencia-de-tv/>>. Acesso em: 4 maio.2017.

NOGUEIRA, Paulo. **Como a internet está arrebatando a audiência da Globo.** Disponível em: <<http://www.diariodocentrodomundo.com.br/como-a-internet-esta-arrebatando-a-audiencia-da-globo/>>. Acesso em: 11 maio. 2017.

OLIVEIRA, Jéssica. **Jornalismo Literário.** Disponível em: <<https://jornalismoliterarioblog.wordpress.com/tag/jornalista-jessica-oliveira/>>. Acesso em: 26 abr.2017.

OLIVEIRA, L. A.C; KNEIPP, V.A.P. (2015) **“A Audiência pode participar do Telejornalismo?”** “Um Estudo do Novo Fantástico”. Disponível em: www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/viewArticle/8965. Acesso em: 28 abr.2017.

OBSERVATÓRIA DA IMPRENSA. Disponível em: [www.http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/o-jornalista-e-umespecialista-em-generalidades/](http://observatoriodaimprensa.com.br/jornal-de-debates/o-jornalista-e-umespecialista-em-generalidades/). Acesso em: 20 abr.2017.

PORTAL CATOLÉ NEWS. Disponível em:http://googleweblight.com/?lite_url=http://www.catolenews.com.br/plugins/p2_news/printarticle.php?p2_articleid%3D2470&ei=QWsl6nF8&lc=ptBR&s=1&m=225&hoss. Acesso em: 12 maio.2017.

PELLANDA, Eduardo Campos. A essência da internet. **Revista Fronteiras do Pensamento.** Disponível em: < <http://www.fronteiras.com/artigos/a-essencia-da-internet>>. Acesso em> 14 maio. 2017.

R7. Conheça os apresentadores do Domingo Espetacular. Disponível em: <http://noticias.r7.com/domingo-espetacular/conheca-os-apresentadores-dodomingo-espetacular-03062014>. Acesso em: 9 maio. 2017.

RIBEIRO, A. P. G. **Jornalismo, Literatura e Política: a Modernização da Imprensa carioca nos anos 1950.** Disponível em: <bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2186>. Acesso em:13 maio.2017.

SARAIVA, Alessandra. Mais da metade da população brasileira acesso a internet, diz IBGE. **Valor Econômico.** Disponível em: <http://www.valor.com.br/brasil/4513070/mais-da-metade-da-populacaobrasileira-accessa-internet-aponta-ibge>. Acesso em: 7 maio.2017.

SANTANA, R.G.O. (2014). **Revista Eletrônica Televisiva: Show Da Vida, Da Informação e Do Entretenimento.** Disponível em: www.zonadigital.pacc.ufrj.br/wp-

content/uploads/2014/02/MONOGRAFIACONCLU%C3%8DDA-2.pdf <<acesso em 23/04/17>>

TUDO SOBRE TV. Disponível em: www.tudosobretv.com.br/histortv/tv70.htm. Acesso em: 30 abr.17.

TV e FAMOSOS. Audiência do fantástico se recupera e sobe 20 pontos em um ano. Disponível em: <<http://tvefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2016/03/21/audiencia-dofantastico-se-recupera-e-sobe-20-em-um-ano.htm>> Acesso em: 29 abr.2017.

TALES, Pinto. **Breve História da Televisão**. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/breve-historia-televisao.htm>>. Acesso em: 1 maio.2017.

VILA NOTÍCIAS.COM. Domingo Espetacular bate da Record bate Fantástico da Globo. Disponível em: <http://vilanoticias.com/domingo-espetacular-da-record-bate-fantastico-da-globoem-audiencia/>. Acesso em: 8 maio. 2017.

WEBINSIDER. Disponível em: www.webinsider.com.br/2005/12/.../o-leitor-a-revista-impressa-e-a-revistaeletronica. Acesso em: 27 abr.2017.

YOUTUBE. Audiência de TV. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uv2xrGEg3XY>. Acesso em: 6 maio. 2017.

ANEXOS

DATA			MATÉRIA	FOLHA
09/04/1978			Fantástico - O Padrão de Beleza Feminina em 1978	
IMAGEM			AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo 00:15	OBSERVAÇÕES
Martelando na rua			É estranho mais aconteceu hoje nas ruas de Copacabana no Rio de Janeiro Albery um pintor Brasileiro que é conhecido no mundo todo. Albery pinta o retrato de uma mulher em Copacabana e fala sobre o padrão de beleza da sociedade. Lista da Harpers Bazaar apontava as mulheres mais bonitas do mundo na época.	Tema: Beleza Editorial: Cultura
Imagem de uma mulher			AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo 9:07 E semana que vem, Tavares Miranda, Ivo Pitangui e Clodovil apontam as outras mulheres brasileiras mais bonitas	

DATA			MATÉRIA	FOLHA
05/03/1978			Fantástico - A Parapsicologia	Tema: Mente Editorial:Mundo
IMAGEM			AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo 00:14	OBSERVAÇÕES
Fundo preto, com algumas imagens claras			Os profetas da era tecnológica diziam, a religião não tem futuro agora os estudiosos do comportamento humano estão perplexo, em plena era espacial a humanidade se volta cada vez mais para o mistério o inexplicável, aqueles que chamam de poderes extrassensoriais....	17- No primeiro programa de março de 78, o Fantástico apresentou o primeiro episódio de uma série de reportagens sobre parapsicologia. Nos Estados Unidos, um grupo de incrédulos -- entre eles Carl Sagan e Isaac Asimov -- haviam criado uma comissão para investigação científica de fenômenos paranormais ou sobrenaturais. Veja no vídeo que casos

		intrigavam tanto os cientistas.
Cid Moreira	AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo 17:47 Na próxima semana continuaremos a explorar os fenomenos parapsicológicos e espiritual no ponte de vista científico .	

DATA		MATÉRIA	FOLHA
20/05/1979		O Som da Criação do Universo	Tema: Ciências Editorial: Mundo
IMAGEM		AUDIO 1 – Inicio da Matéria – tempo 00:22	OBSERVAÇÕES
Céu		A mais extraordinária descoberta científica deste século foi feita aqui neste radiotelescópio dois cientistas Robert e Arnald conseguiram captar o eco os restos do som da grande explosão ocorrida a quase 20 bilhões de anos e que deu origem a todo universo....	No programa de 30 anos atrás, o Fantástico mostrou como cientistas captaram os restos do Big Bang, o fenômeno que deu origem ao universo. Dois estudiosos concluíram que o universo foi criado a partir de uma explosão há 20 bilhões de anos por uma força extraordinária. Instrumentos foram projetados para captar ondas espaciais sem referências.
Céu		AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo 9:57 à 10:12 Isso é uma relíquia de um passado muito distante, um fóssil mais extraordinário do que qualquer ossário de um dinossauro, por isso que chegamos até um instante da criação do universo	

DATA		MATÉRIA	FOLHA
------	--	---------	-------

27/08/1979		Entrevista Com o Condenado Pela Morte de Martin Luther King	Tema: Condenado Editorial: Entrevista
IMAGEM		AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo 00:32	OBSERVAÇÕES
Pessoas correndo, imagem de Martin.		Martin Luther King, pastor negro e líder do movimento da igualdade racial nos EUA na década de 60 seus discursos eloquentes e sua voz forte atraíram milhares de ouvintes	O repórter Hélio Costa conversou com James Earl Ray, o homem que confessou ter assassinado Martin Luther King. Nesta entrevista, ele conta uma versão diferente e nega ter cometido o crime.
Foto do assassino		AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo 14:04 à 14:59 Segundo técnico a declaração de Rey é falsa, apesar de seu controle emocional e de sua frieza o aparelho mostrou que ele esta mentindo, as provas apresentadas pela comissão de inquéritos não deixam duvidas James é o assassino de Martin Luther King. O rifle assassino era seu, suas impressões digitais foram encontradas no rifle, ele estava hospedado na pensão e no quarto onde ele partiu o tiro ele mesmo não contestou nenhum desses argumentos.	

DATA		MATÉRIA	FOLHA
27/08/1980		Mistério do Escoteiro Desaparecido	Tema: Escoteiro some Editorial: Acontecimentos
IMAGEM		AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:08 à 00:22	OBSERVAÇÕES
Repórter na bancada		Uma família de São Paulo vive á 3 anos procurando uma resposta que a cada dia se torna difícil, o que aconteceu com o filho Marco Aurélio que desapareceu na Serra da Mantiqueira na divisa de São Paulo e Minas	Serra da Mantiqueira. Divisa de Minas e São Paulo. Escoteiro some e nunca mais é encontrado. Reportagem Arnaldo Duran
Imagem da Mãe do menino		AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 4:52 à 5:05 São 3 anos agora cada vez é mais difícil essa busca que estamos fazendo então a nossa esperança é que todos que estejam nos vendo, nos ajudem de qualquer modo possível...	

DATA		MATÉRIA	FOLHA
11/08/1980		Há 25 anos morria Carmen Miranda (1980)	Tema: Cantora morreu há 25 anos. Editorial: Musica

IMAGEM	AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:03 á 00:27	OBSERVAÇÕES
Imagem do nome da Carmem Miranda.	Faz 25 anos que ela morreu e foi assim que Eron Domingues repórter ESSO deu a noticia 05 de agosto de 1955...Atenção, atenção Beverly Hills, Califórnia faleceu Carmem Miranda...	Reportagem exibida em 11 de agosto de 1980. Ícone internacional da música brasileira, a cantora morreu em Beverly Hills, no dia 5 de agosto de 1955. O Fantástico foi às ruas para descobrir o que os brasileiros sentem por Carmen Miranda.
Imagem de Carmem Miranda	AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 7:45 á 8:00 Termina com Carmem Miranda cantando.	

DATA			MATÉRIA	FOLHA
Não tem dia e nem mês .1983			Reportagem com João Batista Olivi para o Fantástico-Viúvas da Seca	Tema: Viúvas da seca Editorial: Reportagem de capa
IMAGEM			AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:08 á 00:25	OBSERVAÇÕES
Imagem de terra seca no nordeste			Esta é a maior seca de todos os tempos no nordeste a estiagem já atingiu mais de mil e duzentos municípios uma população de vinte quatro milhões de pessoas delas dez milhões são flagelados, gente que perdeu tudo, plantação, emprego, família gente que tem sede...	Viúvas da seca no Nordeste. Reportagem foi ao ar em 1983 e teve a maior audiência do canal.
Imagem de um padre e um bebe			AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 7:56 á 8:39 Padre batizando vários bebes.	

DATA			MATÉRIA	FOLHA
27/03/1983			Fantástico A descoberta da AIDS	Tema: AIDS Editorial: Saúde
IMAGEM			AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 á 00:20	OBSERVAÇÕES
Imagem da revista Time			O assunto é tão grave que esta semana mesmo foi motivo de nova reportagem de alerta numa revista, da importância de Time. Além da verdadeira campanha de massa que vem ser feita em todos os rádios, jornais e televisões. De Nova Iorque o repórter Hélio Costa, conta porque que os médicos e sanitaristas estão tão preocupados.	
Imagem de um médico ..e de bolsas de sangue			AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 8:33 á 9:00 Ela é mais contagiosa do que a hepatite, muito embora no Brasil muito casos da síndrome sejam mínimos as precauções adotadas nos Estados Unidos também se aplicam. Fazer uma triagem dos doadores de sangue e não usar agulhas contaminadas, além disso só resta esperar que os cientistas encontre logo a cura para esse mal fulminante.	

DATA				MATÉRIA	FOLHA
27/08/1980				Mistério do Escoteiro Desaparecido	Tema: Escoteiro some Editorial: Acontecimentos
IMAGEM				AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:08 á 00:22	OBSERVAÇÕES
Repórter na bancada				Uma família de São Paulo vive á 3 anos procurando uma resposta que a cada dia se torna difícil, o que aconteceu com o filho Marco Aurélio que desapareceu na Serra da Mantiqueira na divisa de São Paulo e Minas	Serra da Mantiqueira. Divisa de Minas e São Paulo. Escoteiro some e nunca mais é encontrado. Reportagem Arnaldo Duran
Imagem da Mãe do menino				AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 4:52 á 5:05 São 3 anos agora cada vez é mais difícil essa busca que estamos fazendo então a nossa esperança é que todos que estejam nos vendo, nos ajudem de qualquer modo possível...	

DATA				MATÉRIA	FOLHA
11/08/1980				Há 25 anos morria Carmen Miranda (1980)	Tema: Cantora morreu há 25 anos. Editorial: Musica
IMAGEM				AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:03 á 00:27	OBSERVAÇÕES
Imagem do nome da Carmem Miranda.				Faz 25 anos que ela morreu e foi assim que Eron Domingues repórter ESSO deu a noticia 05 de agosto de 1955...Atenção, atenção Beverly Hills, Califórnia faleceu Carmem Miranda...	Reportagem exibida em 11 de agosto de 1980. Ícone internacional da música brasileira, a cantora morreu em Beverly Hills, no dia 5 de agosto de 1955. O Fantástico foi às ruas para descobrir o que os brasileiros sentem por Carmen Miranda.
Imagem de Carmem Miranda				AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 7:45 á 8:00 Termina com Carmem Miranda cantando.	

DATA				MATÉRIA	FOLHA
Não tem dia e nem mês .1983				Reportagem com João Batista Olivi para o Fantástico-Viúvas da Seca	Tema: Viúvas da seca Editorial: Reportagem de capa
IMAGEM				AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:08 a 00:25	OBSERVAÇÕES
Imagem de terra seca no nordeste				Esta é a maior seca de todos os tempos no nordeste a estiagem já atingiu mais de mil e duzentos municípios uma população de vinte quatro milhões de pessoas delas dez milhões são flagelados, gente que perdeu tudo, plantação, emprego, família gente que tem sede...	Viúvas da seca no Nordeste. Reportagem foi ao ar em 1983 e teve a maior audiência do canal.
Imagem de um padre e um bebe				AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 7:56 a 8:39 Padre batizando vários bebes.	

DATA	MATÉRIA		FOLHA
27/03/1983		Fantástico A descoberta da AIDS	Tema: AIDS Editorial: Saúde
IMAGEM	AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 a 00:20		OBSERVAÇÕES
Imagem da revista Time	O assunto é tão grave que esta semana mesmo foi motivo de nova reportagem de alerta numa revista, da importância de Time. Além da verdadeira campanha de massa que vem ser feita em todos os rádios, jornais e televisões. De Nova Iorque o repórter Hélio Costa, conta porque que os médicos e sanitaristas estão tão preocupados.		
Imagem de um médico ..e de bolsas de sangue	AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 8:33 a 9:00 Ela é mais contagiosa do que a hepatite, muito embora no Brasil muito casos da síndrome sejam mínimos as precauções adotadas nos Estados Unidos também se aplicam. Fazer uma triagem dos doadores de sangue e não usar agulhas contaminadas, além disso só resta esperar que os cientistas encontre logo a cura para esse mal fulminante.		

DATA	MATÉRIA		FOLHA
1992		REPORTAGEM 01 FANTÁSTICO TECNOLOGIA 1992	Tema: Avanço televisão Editorial: Tecnologia
IMAGEM	AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 a 00:12		OBSERVAÇÕES
Imagem da feira tecnológica	A NAB 700 empresas eletrônicas do mundo inteiro exibiram seus produtos para 50 mil visitantes, o que a televisão vai ser daqui alguns anos está a venda aqui.		Repórter Paulo Henrique Amorim.
Imagem de um apresentador.	AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 2:17 a 2:50 O apresentador é colocado diante de uma tela azul, sobre ela com a ajuda de um bastão mágico é possível, fazer chover e sentir frio de verdade. A grande novidade desse sistema é que ele permite que o apresentador movimente os símbolos do tempo o quanto quiser. Vamos usar agora o símbolo do frio.		

DATA	MATÉRIA		FOLHA
1992	REPORTAGEM 08 FANTÁSTICO VIDEO GAME 1992		Tema: Jogos Editorial: Tecnologia
IMAGEM	AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 a 00:07		OBSERVAÇÕES
Imagem da apresentadora	Se você não consegue tirar o olho do video ou é daqueles que passa horas na frente do videogame, fique ligado tome cuidado, fique de olhe.		
Imagem de um especialista	AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 7:22 a 8:06 Uma pessoa dessa é como você estivesse convivendo com um robô, será que acompanha o jogador, jogo rápido. Agora eles mostram um jogo, a repórter volta e fala, a vingança esta completa, mais o vingador não pode nunca mais voltar para casa. O preço da sua vitória é combater para sempre o eterno, retorno.		

DATA	MATÉRIA	FOLHA
1995	Bill Gates Reportagem Fantástico 1995	Tema: Bill Gates Editorial: Mundo
IMAGEM	AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 a 00:15	OBSERVAÇÕES
Imagem de papeis	A empresa para fornecer os programas que são colocados dentro dos computadores, que são tão importantes como a estrada para os automóveis. É como se fosse que depois da invenção da máquina fotográfica se cria-se uma empresa para vender filmes.	A tecnologia hoje nos permite se comunicar com o mundo de qualquer lugar a qualquer hora ela nos traz benefícios que há alguns anos atrás não passavam de idéias de visionários tecnológicos como Bill Gates que nessa nesta entrevista no ano de 1995 feita por Hermano Hering.
Imagem de computadores	AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 5:00 a 5:50 Sobre a arte no Peru ele precisa está aqui na escola veja como ele vai apresentar o trabalho, como é esse teu trabalho, como é ser um dos homens mais ricos do mundo. Gates diz: “Que o computador é uma ferramenta que sempre fascinou e fazer os computadores cada vez mais fácil de usar, sempre foi seu sonho ele poderia claro para com tudo, e ficar gastando o dinheiro com tudo até o último momento da vida dele.” mais Bill Gates disse que gosta mesmo de, “trabalhar”.	

DATA	MATÉRIA	FOLHA
1995	Fantástico - Matéria sobre Michael Jackson	Tema: Michael Jackson Editorial: Famosos
IMAGEM	AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 a 00:30	OBSERVAÇÕES
Imagem do Michael Jackson	Recordes, prêmios e troféus a música estava no sangue é de família, o sucesso veio muito cedo, e não deu tempo de ser criança. Cantando ou dançando uma presença extraordinária.	
Imagem do clipe	AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 4:50 a 5:57 No final só mostra o clipe do Michael Jackson	

DATA		MATÉRIA	FOLHA
1998		Reportagens sobre o Titanic - Fantástico 1998	Tema: Naufrago Titanic Editorial: Mundo
IMAGEM		AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 a 00:22	OBSERVAÇÕES
Imagem dos apresentadores		Nós vamos tentar chegar na escadaria do rol do central do titanic que naufragou a 86 anos matando mais de 1500 pessoas, agente fala em tentar porque é tudo ao vivo mesmo qualquer coisa pode acontecer é assim com qualquer aventura e nessa você faz parte da expedição.	
Imagem de uma sobrevivente		ÁUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 15:00 a 15:40 Outra sobrevivente do titanic vivia no Brasil a espanhola Eva tinha 14 anos quando embarcou no navio em 1985, ela conta como conseguiu escapar. Eva nunca esqueceu a cena que marcou sua vida,	

DATA		MATÉRIA	FOLHA
1998		U2 Fantastico 1998 Reportagem	Tema: Show U2 Editorial: Música
IMAGEM		AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 a 00:18	OBSERVAÇÕES
Imagem de carros		No horário sem congestionamento, a revista rigorosa na entrada garantiu tranquilidade também dentro do estádio. Objetos, garrafas e bebidas alcoólicas tiveram que ficar do lado de fora. O que se repetiu nessa segunda apresentação do U2 no Brasil.	
Imagem do Bono com fã		ÁUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 3:16 a 3:37 Agora o Bono em seu coração não tem concorrente, até o final da reportagem só mostra o show.	

DATA		MATÉRIA	
14/10/2001		Fantástico - Guerra no Afeganistão	Tema: Guerra Editorial: Mundo
IMAGEM		AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 a 00:17	OBSERVAÇÕES
Imagem do apresentador		Nos EUA hoje completaram 1 semana de ataques no Afeganistão, neste domingo foi bombardeado 4 cidades. Nossos repórteres no Paquistão mostram a revolta contra os ataques e o que acontece do outro lado da fronteira o cenário da guerra.	
Imagem da repórter		ÁUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 3:51 a 4:20 A resposta do presidente George Bush foi muito clara e dura, a entrega de Binladem é inegociável, completou os EUA só vão parar com a ação militar no Afeganistão se a meliça Talibã atender as condições Americanas, e o presidente lembrou quais são essas condições a entrega só de Binladem mais de toda organização terrorista e a libertação de todos os presos.	

DATA		MATÉRIA	
2001		O RAPP: MARCELO YUKA - REPORTAGEM DE CAPA - FANTÁSTICO REDE GLOBO	Tema: Clonagem Editorial: Reportagem de capa
IMAGEM		AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 a 00:13	OBSERVAÇÕES
Imagem do apresentador		Marcelo Yuka o líder da banda o Rappa, quer participar de uma experiência de clonagem de célula. Clonagem a luta de Yuka, a reportagem de capa do Fantástico.	Marcelo Yuka conta sobre o que aconteceu quando foi baleado e a intenção de fazer tratamento revolucionário.
Imagem do Yuka		ÁUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 9:39 a 10:15 A história nos mostrou então eu não vou esperar, se não permitirem aqui tem outros lugares que eu possa fazer eu vou fazer, eu vou tentar. Essa tecnologia é viável e eu não vou ficar sentado esperando essa lei ser aprovado não. Depois mostra fotos e sobe BG no fundo.	

DATA			MATÉRIA	FOLHA
27/08/1980			Mistério do Escoteiro Desaparecido	Tema: Escoteiro some Editorial: Acontecimentos
IMAGEM			AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:08 a 00:22	OBSERVAÇÕES
Repórter na bancada			Uma família de São Paulo vive a 3 anos procurando uma resposta que a cada dia se torna difícil, o que aconteceu com o filho Marco Aurélio que desapareceu na Serra da Mantiqueira na divisa de São Paulo e Minas	Serra da Mantiqueira. Divisa de Minas e São Paulo. Escoteiro some e nunca mais é encontrado. Reportagem Arnaldo Duran
Imagem da Mãe do menino			AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 4:52 a 5:05 São 3 anos agora cada vez é mais difícil essa busca que estamos fazendo então a nossa esperança é que todos que estejam nos vendo, nos ajudem de qualquer modo possível...	

DATA			MATÉRIA	FOLHA
11/08/1980			Há 25 anos morria Carmen Miranda (1980)	Tema: Cantora morreu há 25 anos. Editorial: Musica
IMAGEM			AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:03 a 00:27	OBSERVAÇÕES
Imagem do nome da Carmem Miranda.			Faz 25 anos que ela morreu e foi assim que Eron Domingues repórter ESSO deu a notícia 05 de agosto de 1955...Atenção, atenção Beverly Hills, Califórnia faleceu Carmem Miranda...	Reportagem exibida em 11 de agosto de 1980. Ícone internacional da música brasileira, a cantora morreu em Beverly Hills, no dia 5 de agosto de 1955. O Fantástico foi às ruas para descobrir o que os brasileiros sentem por Carmen Miranda.
Imagem de Carmem Miranda			AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 7:45 a 8:00 Termina com Carmem Miranda cantando.	

DATA			MATÉRIA	FOLHA
Não tem dia e nem mês .1983			Reportagem com João Batista Olivi para o Fantástico-Viúvas da Seca	Tema: Viúvas da seca Editorial: Reportagem de capa
IMAGEM			AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:08 a 00:25	OBSERVAÇÕES
Imagem de terra seca no nordeste			Esta é a maior seca de todos os tempos no nordeste a estiagem já atingiu mais de mil e duzentos municípios uma população de vinte quatro milhões de pessoas delas dez milhões são flagelados, gente que perdeu tudo, plantação, emprego, família gente que tem sede...	Viúvas da seca no Nordeste. Reportagem foi ao ar em 1983 e teve a maior audiência do canal.
Imagem de um padre e um bebe			AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 7:56 a 8:39 Padre batizando vários bebes.	

DATA	MATÉRIA		FOLHA
27/03/1983	Fantástico A descoberta da AIDS		Tema: AIDS Editorial: Saúde
IMAGEM	AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 a 00:20		OBSERVAÇÕES
Imagem da revista Time	O assunto é tão grave que esta semana mesmo foi motivo de nova reportagem de alerta numa revista, da importância de Time. Além da verdadeira campanha de massa que vem ser feita em todos os rádios, jornais e televisões. De Nova Iorque o repórter Hélio Costa, conta porque que os médicos e sanitaristas estão tão preocupados.		
Imagem de um médico ..e de bolsas de sangue	ÁUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 8:33 a 9:00 Ela é mais contagiosa do que a hepatite, muito embora no Brasil muito casos da síndrome sejam mínimos as precauções adotadas nos Estados Unidos também se aplicam. Fazer uma triagem dos doadores de sangue e não usar agulhas contaminadas, além disso só resta esperar que os cientistas encontre logo a cura para esse mal fulminante.		

DATA	MATÉRIA		
2004	10 anos sem Kurt Cobain.		Tema: Morte Kurt Cobain Editorial: Música
IMAGEM	AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 á 00:15		OBSERVAÇÕES
Imagem do cantor	Siato EUA em 08 abril de 1994 um eletricista encontra o corpo de Kurt Cobain, líder das maiores bandas de rock de todos os tempos Nirvana.		
Imagem do show	ÁUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 2:42 á 3:00 Kurt Cobain jamais será esquecido,acaba com um dos shows do Nirvana.		

DATA	MATÉRIA		
29/02/2004	Plágio de Chico Xavier – FANTÁSTICO		Tema: Plágio Editorial: Denúncia
IMAGEM	AUDIO 1 – Inicio da Matéria – tempo: 00:01 á 00:15		OBSERVAÇÕES
Imagem do apresentador	Um escândalo que ficou em segredo por 40 anos mobiliza seguidores do maior médium do Brasil. Chico Xavier deixou por escrito uma acusação contra aquele que hoje é um dos maiores e conhecidos da comunidade espírita do Brasil.		Com referência aos "plágios" cometidos por Divaldo Pereira Franco, dos não menos descarados plágios do finado Francisco Cândido Xavier -- o Chico Xavier --, leiam o que o respeitado espírita, jornalista e escritor Jorge Toledo Rizzini admitiu, em 29/02/2004, ao FANTÁSTICO, da Rede Globo de Televisão:
Imagem do filho adotado do Chico	AUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 5:41 á 6:00 Procurado o filho adotivo do Chico Xavier, não quis comentar o caso disse que o que interessa agora é receber uma mensagem verdadeira do pai, sempre chamava abençoado Chico Xavier.		

DATA		MATÉRIA	
04/11/2007		Reportagem RAVES No Fantástico	Tema: Drogas em Raves Editorial: Denúncia
IMAGEM		AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 á 00:13	OBSERVAÇÕES
Imagem do apresentador		Ele convidou uns amigos para uma festa e acabou morto, que drogas são essas como elas chegam nas mãos do jovens. Nossos repórteres vão a campo e mostram que o perigo está cada vez mais próximo que você imagina.	
Imagem de um rapaz		ÁUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 5:41 á 5:50 O fantástico foi em uma festa RAVER em São Paulo na madrugada deste domingo, investigar a facilidade que os jovens tem para achar a drogas sintéticas.	

DATA		MATÉRIA	
2007		Entrevista com o escritor Ariano Suassuna	Tema: Ariano Suassina Editorial: Cultura
IMAGEM		AUDIO 1 – Início da Matéria – tempo: 00:01 á 00:21	OBSERVAÇÕES
Imagem do repórter e do escritor		E ai mesmo no Recife que vamos encontrar o homem que já foi chamado de o decifrador de brasilidades, um dos principais defensores da cultura nacional. E 2007 é o ano dele o ano Ariano Suassuna, o autor do alto da compadecida elege o que é lixo e o que é obra prima da nossa cultura. A nossa entrevista é de Geneton Moraes Neto.	
Imagem do repórter e do escritor		ÁUDIO 2 – Fim da Matéria - tempo: 04:38 á 05:17 Todo escritor em última estancia escreve para ser levado isso que motiva o senhor em escrever? Diz Ariano: “ Olha a literatura é uma forma de protestar contra a morte, na minha visão a literatura e a arte de modo geral é uma forma precária mais ainda assim poderosa de afirmar a imortalidade. Na minha visão também o homem não nasceu para morte ele nasceu para a vida e para imortalidade”.	

Reportagem feita por e-mail com editor Anael de Souza dia 06/04/2017.

- 1) QUAL é a sua visão SOBRE AS REPORTAGENS, NO QUE DIZ RESPEITO ÀS REVISTAS ELETRÔNICAS? Tecnicamente, elas são longas ou ao longo do tempo têm diminuído de tamanho? Do ponto de vista editorial, você poderia me nortear sobre a complexidade para feitura das mesmas? Existem dificuldades padrão, imagino, poderia me elencar as mais relevantes.**

Não creio que estejam diminuindo de tamanho. Aqui elas só crescem... Acho que o formato da reportagem grande é bom, bem apropriado a uma revista eletrônica. Mas, claro, sem exagero. Não pode soar repetitiva, ser alongada artificialmente. Temos um retorno positivo do nosso público. Algumas pesquisas indicam que as pessoas sentem que entendem melhor quando dedicamos mais tempo a explicar o que é realmente relevante. Inclusive com análises independentes e opiniões de especialistas.

A gente trata de grandes temas ou de assuntos que foram fatos importantes da semana. Não há grande complexidade na produção. Apenas leva mais tempo e às vezes temos pouco tempo!

- 2) VOCÊ ACHA QUE O PÚBLICO acaba influenciando OS PROFISSIONAIS QUE ELABORAM AS REPORTAGENS? Como? QUAL é O PESO nesse processo?**

Sim, o tempo todo. Estamos sendo procurando maneiras de saber e entender o que o “público” pensa e espera de uma boa reportagem. As pesquisas, o contato direto nas ruas e as redes sociais nos ajudam nisso.

- 3) POR VOCÊ SER EDITOR DE UMA REVISTA ELETRÔNICA E PARTICIPAR DAS DISCUSSÕES DE PAUTAS, as ESCOLHAS DAS MESMAS demandam quais requisitos de imagem, de fontes, de assuntos?**

Trabalhamos sempre com o tripé bom assunto/boas entrevistas/boas imagens. Nem sempre a gente consegue o equilíbrio perfeito das três coisas, mas a meta sempre é

essa. Uma pauta pode até cair por falta de imagens ou de entrevistados, mas é raro. E depende muito também da importância do fato. Às vezes não dá pra desistir. Temos que fazer da melhor forma possível.

4) O que faz uma reportagem em uma revista eletrônica ter mais ou menos aceitação do público? Detalhe.

Relevância geral quando se trata de factual ou de grandes temas da atualidade. Depois, a surpresa. Ou seja, se o que mostramos é diferente, surpreendente, espetacular, desconhecido.

5) O QUE É UMA REPORTAGEM BEM ELABORADA PARA VOCÊ? O QUE ELA PRECISA TER? QUAIS CRITÉRIOS precisam ser utilizados PARA A ELABORAÇÃO DA MESMA?

Acho que já está mais ou menos respondido. Relevância, atualidade, imagens fortes e surpreendentes, inéditas. Além disso, ser claro e detalhado na transmissão das informações e seguir aquele mandamento básico de ouvir todos os lados.